

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Simone Rocha

Eugenia no Brasil: análise do discurso “científico” no *Boletim de Eugenia*: 1929-1933

DOUTORADO EM HISTÓRIA DA CIÊNCIA

SÃO PAULO
2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Simone Rocha

Eugenia no Brasil: análise do discurso “científico” no *Boletim de Eugenia*: 1929-1933

DOUTORADO EM HISTÓRIA DA CIÊNCIA

Tese apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de DOUTOR em História da Ciência, sob a orientação da Profa. Dra. Lilian Al-Chueyr Pereira Martins.

SÃO PAULO

2010

Rocha, Simone

“Eugenia no Brasil: análise do discurso ‘científico’ no *Boletim de Eugenia*:
1929-1933”

São Paulo, 2010
xii, 100 p.

Tese (Doutorado) – PUC - SP

Programa: História da Ciência

Orientadora: Profa. Dra. Lilian Al-Chueyr Pereira Martins.

Banca Examinadora

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese por processos fotocopiadores ou eletrônicos.

Ass.: _____

Local e data: _____

Simone Rocha

simonerocha253@hotmail.com

- A Deus pela fé, na certeza de que abaixo do céu existe um tempo para cada coisa;
- A minha família pela paciência e força nesta caminhada;
- A minha orientadora, Prof^a. Lílían, por acreditar no meu projeto inicial, e me conduzir até a finalização de mais esta etapa;
- Ao Programa de Pós-Graduação em História da Ciência, juntamente com os professores e demais funcionários pela contribuição destinada para a realização desta tese.

AGRADECIMENTOS

São tantas pessoas que caminharam comigo neste trajeto... novamente faço meus agradecimentos a Prof^a. Lílian por ter acreditado nas minhas idéias desde o momento do processo seletivo, até a produção desta tese... a colega Eliane Vasques por ter me indicado o Programa de Pós-Graduação em História da Ciência, através de um site na internet (Orkut); ao colega Rizomar por ter me acompanhado em SP em busca do material da pesquisa; a Claudete por ter buscado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro as demais publicações que me faltavam... muito obrigada pela colaboração e disponibilidade; aos familiares e amigos pelo incentivo e força em todas as horas; e a todos aqueles que de uma forma ou de outra contribuíram para que eu pudesse concluir o doutorado e defender esta tese: muito obrigada.

“A antropologia prova que o homem, no Brasil, precisa ser educado e não substituído” (Roquette-Pinto, 1982).

RESUMO

Esta pesquisa se refere à eugenia no Brasil. O objetivo é discutir o discurso científico dos autores que publicaram no periódico *Boletim de Eugenia* que circulou mensalmente de 1929 a 1933. Leva em conta a repercussão do movimento eugênico no país e suas relações com as transformações sociais que estavam ocorrendo naquele momento.

Esta tese está dividida nesta Introdução e em 5 capítulos. O Capítulo 1 trata da origem do termo eugenia e de seus desdobramentos. O Capítulo 2 discute sobre as questões relacionadas à eugenia no Brasil, desde sua colonização até a República. O Capítulo 3 comenta sobre as idéias eugênicas contidas no *Boletim*. O Capítulo 4 analisa o discurso científico relacionado à eugenia. O Capítulo 5 apresenta algumas considerações finais sobre o assunto.

Este estudo levou à conclusão de que a defesa da eugenia como ciência está presente no discurso da maioria dos autores que publicaram para o *Boletim* e está intimamente relacionada à formação do povo brasileiro. Entretanto, existem diversas possibilidades quando à justificativa deste posicionamento. Em alguns casos, como no de Octavio Domingues e Roquette Pinto, por exemplo, os argumentos se basearam em evidências científicas da época. Entretanto, na maioria dos casos refletem a visão da elite da época que almejava o branqueamento da raça, sem fundamentação científica, movida principalmente pelo preconceito. É isso que ocorre em relação a Renato Kehl, por exemplo.

Palavras-chave: História da eugenia no Brasil; Galton, Francis; Kehl, Renato; Domingues, Octavio.

ABSTRACT

This research is related to eugenics in Brazil. It aims to discuss the “scientific” speech of the authors who contributed to the journal *Boletim de Eugenia* published monthly from 1929 until 1933. It takes into account its repercussion in our country as well as its relation to the social transformations that were taking place at that moment here.

This thesis contains an introduction and five chapters. Chapter 1 deals with the origins of word “eugenics” and its developments. Chapter 2 discusses about some subjects related to eugenics in Brazil, from the colonization to the Republic. Chapter 3 comments on some eugenics views which are present in *Boletim*. Chapter 4 analyses the scientific speech related to eugenics. Chapter 5 provides some final remarks on the subject.

This study led to the conclusion that the defence of eugenics as a science is present in the speech of the most part of the authors who published in *Boletins de Eugenia* and is related to the constitution of the Brazilian folk. In some cases such as Octavio Domingues and Roquette-Pinto, for instance, the arguments were founded in scientific evidences. However, in the speech of most authors we can find the view highly spread among high class: the search of the whitening of the race and the superiority of the white race. Such idea, mainly guided by prejudice and devoid of scientific foundation may be found in the speech of Renato Kehl, for instance.

Key-words: History of eugenics in Brazil; Galton, Francis; Kehl, Renato; Domingues, Octavio

SUMÁRIO

Introdução.....	p. 01
 Capítulo 1 – Eugenia: origens e desdobramentos.....	p. 05
1.1 Galton e a nova “ciência”: a eugenia.....	p. 05
1.2 O movimento eugenista.....	p. 11
1.3 Algumas considerações.....	p. 19
 Capítulo 2 – Brasil: da missão colonizadora ao discurso eugenista.....	p. 20
2.1 O Brasil Colônia, Império, República e a miscigenação.....	p. 20
2.2 As idéias positivistas e o discurso científico.....	p. 28
 Capítulo 3 – As idéias eugênicas no periódico <i>Boletim de Eugenia</i>.....	p. 34
3.1 Cultura e ideal social.....	p. 38
3.2 Filantropia e degeneração racial.....	p. 40
3.3 Imigração.....	p. 42
3.4 Educação.....	p. 50
3.5 Casamento.....	p. 56
3.6 Algumas considerações.....	p. 59
 Capítulo 4 – A Eugenia como discurso “científico”.....	p. 61
4.1 Renato Kehl (1889-1974).....	p. 63
4.2 Gustavo Dodt Barroso (1888-1959).....	p. 70
4.3 Roquette-Pinto.....	p. 71
4.3.1 Roquette-Pinto e a divergência conceitual sobre a Eugenia.....	p. 72
4.3.2 Outras obras: <i>Seixos rolados e Ensaios de antropologia brasileira</i>	p. 77
 Capítulo 5 – Considerações finais.....	p. 81

Bibliografia.....	p. 85
Fontes eletrônicas (internet).....	p. 92
 Anexo.....	 p. 94

Introdução

As questões raciais sempre tiveram destaque na sociedade brasileira, o que se deveu em grande parte ao modelo de colonização implantado no Brasil e à miscigenação advinda do mesmo. Em decorrência das mudanças que ocorreram nas estruturas política e econômica nos séculos XVIII e XIX houve a entrada maciça de imigrantes de diversas procedências, provenientes de diversos sistemas sociais e culturais.

Tendo em vista a construção nacional houve uma intensa discussão e propaganda com o intuito de atrair imigrantes que constituiriam a mão de obra para a exploração no interior do país. Esta foi acompanhada de uma política voltada para a imigração no sentido de “selecionar” esses imigrantes que contribuiriam para a formação do povo brasileiro. Nesse sentido, foram tomadas várias medidas. Uma das primeiras medidas tomadas pelo Marechal Deodoro da Fonseca, na transição do Brasil Império para a República foi:

Art. 1.º - É inteiramente livre a entrada, nos portos da República, dos indivíduos válidos e aptos para o trabalho, que não se acharem sujeitos a ação criminal de seu país, excetuados os indígenas da Ásia ou da África, que somente mediante autorização do Congresso Nacional poderão ser admitidos de acordo com as condições que forem então estipuladas¹.

Enquanto na Inglaterra, no final do século XIX, Francis Galton (1822-1911) cunhava o termo “eugenia”², como a ciência do melhoramento da espécie humana, no Brasil discutia-se a questão da imigração e miscigenação, entre os imigrantes com aqueles que já habitavam o país, inclusive os

¹ Decreto nº 528, de 28/06/1890, de Deodoro da Fonseca, chefe do governo provisório da República. In www.legislação.planalto.gov.br (acesso em 20/01/2010).

² Francis Galton. “Eugenics: its definitions, scope and aims”, *American Journal of Sociology* 10 (1, 1904). <http://galton.org/eugenicist.html> (acesso em 13/07/2009).

indígenas. Muitas vezes as propostas de medidas a serem tomadas incluíam mecanismos de seleção ou mesmo exclusão³.

Desde a proposta do termo por Galton, a eugenia é descrita como ciência e no discurso daqueles que a defendiam este aspecto era constantemente lembrado. A elite intelectual médica e política brasileira procurava valorizá-la sugerindo que através dela seria possível solucionar problemas sociais relacionados a uma população pobre, doente e analfabeta que compunha boa parte da população brasileira no início do século XX.

Os eugenistas procuraram fazer com que a população e principalmente a elite do país se convencesse de que somente através de medidas concretas que viessem a promover o desenvolvimento das boas “estirpes” e a desacelerar o crescimento das más, é que ocorreria o avanço da nação.

Neste contexto a eugenia ganhou terreno entre a classe médica que se preocupava com as inúmeras epidemias relacionadas a uma sociedade pobre e doente. Os movimentos sanitarista e higienista em alguns momentos se fundiram ao movimento eugenista, em outros se distanciaram. Tanto os médicos sanitaristas como o poder público buscaram encontrar medidas que amenizassem as dores de uma sociedade pobre e doente, que resistia aos ditames da modernização por apresentar ainda problemas básicos a serem resolvidos.

Inúmeras publicações e traduções foram colocadas à disposição do público leigo neste período específico. Entre os autores que se destacaram estão Renato Ferraz Kehl (1889-1974), Oliveira Viana (1883-1951), Gustavo Barroso (1888-1959), Octavio Domingues (1897-1972), entre outros. Os assuntos são diversificados, porém apresentam conteúdo de base específica constituindo os pilares da “ciência eugênica” como imigração, casamento, cultura, moral, educação, saúde e principalmente menções às teorias de Francis Galton (1822-1911), Gregor Johan Mendell (1822-1884), Jean Baptiste Lamarck (1744-1829), Herbert Spencer (1820-1903) e Charles Robert Darwin (1809-1882).

3 Valdemar Carneiro Leão. *A crise da imigração japonesa no Brasil* (1930-1934). Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 1989.

Dentre esses trabalhos, destacou-se o *Boletim de Eugenia* publicado mensalmente entre os anos de 1929 e 1933. Seu diretor foi o médico e farmacêutico e principal divulgador da eugenia no Brasil, Renato Kehl (1889-1974). Antes mesmo do início do Doutorado no Programa de História da Ciência já havia o interesse em pesquisar este material específico que transformamos em nossa principal fonte primária.

Editado como propaganda do Instituto Brasileiro de Eugenia, o *Boletim* recebia artigos de intelectuais, médicos e políticos do país e de outros países, tratando de variados assuntos referentes ao tema específico. Constituindo um importante meio para o entendimento do movimento eugenista no Brasil, o *Boletim* foi pouco pesquisado. Esta pesquisa tem como proposta analisar o discurso em defesa da eugenia, a partir das publicações que constam no *Boletim de Eugenia*, levando em conta a interferência advinda do movimento eugênico no país e nas possíveis transformações sociais que interessavam ao grupo naquele momento.

A história da eugenia internacional tem sido objeto de vários estudos. Existem também estudos sobre a eugenia no Brasil. Utilizamos vários desses trabalhos como fontes secundárias nesta pesquisa. Por exemplo, *Gênese e Evolução da Ciência Brasileira* de Nancy Stepan onde a autora descreve as transformações da ciência no Brasil e dedica boa parte de sua pesquisa à história do Instituto Oswaldo Cruz. Ainda da mesma autora citamos *A hora da eugenia*, livro que trata da história da eugenia e de seus reflexos no Brasil no início do século XX. Utilizamos também *The Welborn Science: Eugenics in Germany, France, Brazil, and Rússai*, editado por Mark Adams onde vários autores escrevem sobre o movimento eugenista e as características do mesmo em diversos países. Sobre o movimento no Brasil, consultamos os artigos de Luzia Aurélia Castañeda “Apontamentos historiográficos sobre a fundamentação biológica da eugenia e Eugenia e casamento”; *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930* de Lília Moritz Schwarcz e *Preto no Branco, raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*, onde o historiador Thomas Skidmore faz uma análise do processo de imigração do período colonial até início do século XX, relatando as condições políticas permeadas pelas relações culturais de preconceito e racismo no Brasil. Esta pesquisa segue a linha de pesquisa História, Ciência e Cultura. A

História da Ciência no Brasil além de nos oferecer subsídios para a discussão em torno do saber científico, as teorias e idéias em determinada área, nos permite discorrer em torno do contexto sócio/histórico que estas mesmas idéias tiveram relevante importância. Este estudo que envolve as relações entre ciência e sociedade, permite conhecer de forma mais abrangente os conceitos teóricos debatidos, bem como evidenciar como estes tiveram significativa importância em um momento histórico específico. Nas palavras de Ana Maria Alfonso-Goldfarb: “A ciência, portanto não deixa de ser algo produzido por um tipo de sociedade”⁴.

Além do *Boletim de Eugenia*, utilizamos outras fontes primárias como as *Atas e trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia* realizado em 1929. Consultamos também o primeiro artigo publicado no Brasil sobre eugenia, publicado no *Jornal do Comércio*. Várias outras fontes primárias consultadas se encontram na Bibliografia no final desta tese.

Esta tese está dividida nesta Introdução e em 5 capítulos. O Capítulo 1 trata da origem do termo eugenia e de seus desdobramentos. O Capítulo 2 discute sobre as questões relacionadas à eugenia no Brasil, desde sua colonização até a República. O Capítulo 3 comenta sobre as idéias eugênicas contidas no *Boletim*. O Capítulo 4 analisa o discurso científico relacionado à eugenia. O Capítulo 5 apresenta algumas considerações finais sobre o assunto. No Anexo está transcrita a entrevista com Maria Rita Kehl, neta de Renato Kehl.

4 Ana Maria Alfonso-Goldfarb, *O que é História da ciência* (São Paulo: Brasiliense, 2004), p. 77.

CAPÍTULO 1

EUGENIA: ORIGENS E DESDOBRAMENTOS

Buck Smith foi esterilizado porque o estado declarou que, como indivíduo débil mental, ele era fundamentalmente incapaz de cuidar de si mesmo. As autoridades da Virgínia temiam que se Buck pudesse se reproduzir seus descendentes herdariam traços genéticos imutáveis da pobreza e de baixa inteligência. A pobreza ou o “pauperismo” como chamavam na época, era cientificamente considerada, por muitas universidades e médicos respeitados, um defeito genético transmitido de geração em geração⁵.

Neste capítulo trataremos de maneira breve das contribuições de Francis Galton (1822-1911) para a eugenia e de algumas características do movimento eugênico que ocorreu em diversos países como Grã-Bretanha, Estados Unidos, Alemanha e Brasil.

1.1 GALTON E A NOVA “CIÊNCIA⁶”: A EUGENIA

Durante o século XIX, a Inglaterra passou por profundas mudanças políticas religiosas e econômicas. Na era vitoriana, o surgimento e posterior desenvolvimento das indústrias em cidades inglesas favoreceram a migração de um grande número de pessoas que saíam do campo deslumbradas com a potencialidade de trabalho que as cidades poderiam ofertar. Este fluxo intenso

⁵ Edwin Black. *A guerra contra os fracos. A eugenia e a campanha norte-americana para criar uma raça superior*. Trad. Tuca Magalhães. (São Paulo: A Girafa, 2003), p. 45.

⁶ Não iremos discutir aqui se eugenia é ou não uma ciência. Isso dependerá da visão epistemológica que se adote. Quando ela for chamada de ciência será devido aos autores mencionados nesta tese a considerarem assim.

fez com grande parte dos trabalhadores trabalhasse e vivesse sob condições deploráveis nas cidades que cresciam desordenadamente com todos os problemas decorrentes deste fato. O estado de miséria devido às más condições de higiene, à falta de trabalho ocasionada pelo excesso de mão-de-obra bem como a exploração dos trabalhadores por parte dos industriais, contribuiu para o aumento da propagação de doenças e a baixa estimativa de vida dos ingleses.

De acordo com Lilia Moritz Schwarcz, a partir de então ocorreu certa reorientação intelectual, uma reação ao Iluminismo em sua visão unitária da humanidade. Tratava-se de uma investida contra os pressupostos igualitários das revoluções burguesas, cujo novo suporte intelectual concentrava-se na idéia de raça, que em tal contexto cada vez mais se aproximava da noção de povo. O discurso racial surgia, dessa maneira, como variante do debate sobre cidadania, já que no interior desses novos modelos discorria-se mais sobre as determinações do grupo biológico do que sobre o arbítrio do indivíduo entendido como “um resultado, uma retificação dos atributos específicos da sua raça”⁷.

Francis Galton (1822-1911), antropólogo, meteorologista, matemático e estatístico inglês, que viveu na era vitoriana, desenvolveu diversos trabalhos nestas áreas específicas, aplicando métodos estatísticos ao estudo da herança. Cunhou o termo “eugenia” para designar “o melhoramento biológico da raça humana” através da reprodução seletiva em sua obra *Inquiries into human faculties* (1883)⁸. De acordo com Michael Bulmer, este melhoramento consistia em uma extensão do melhoramento de espécies animais que havia sido discutido por Charles Darwin (1809-1882), meio-primo de Galton⁹, no primeiro capítulo do *Origin of species*¹⁰.

⁷ Lilia Moritz Schwarcz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930* (São Paulo: Companhia das Letras, 1993), p. 43.

⁸ Pensou em vários nomes para a nova “ciência”. Alinhou letras gregas num pedaço de papel, e ao lado os dois termos em inglês que juntaria em um único. Ao grego *bem*, foi acrescentado o grego *nascer*.⁸ (Black, *A guerra contra os fracos*), p.60.

⁹ A mãe de Galton, Violetta Darwin, era filha do segundo casamento de Erasmus Darwin e o pai de Charles Darwin era filho do primeiro casamento de Erasmus.

¹⁰ Michael Bulmer, *Francis Galton. Pioneer of heredity and biometry*. (Baltimore/London: The Johns Hopkins University Press, 2003), p. 79.

É importante mencionar que, embora o termo “eugenia” tenha sido cunhado por Galton, a idéia do melhoramento da raça já existia desde a Antigüidade. Em Esparta, por exemplo, a idéia de produzir uma raça de guerreiros de primeira classe, levava os espartanos a eliminar todo o recém-nascido que fosse portador de algum tipo de deficiência.

Galton considerava que a maior parte das características humanas físicas, mentais e morais era herdada. Para ele, a inteligência, talento musical, habilidade para matemática, por exemplo, além das características físicas eram herdados, do mesmo modo que as deficiências físicas ou debilidades mentais. De acordo com Garland Allen, a idéia de “melhoramento” de Galton implicava não apenas na eliminação de doenças hereditárias conhecidas, mas também não encorajamento de determinadas uniões que possibilitavam a seleção de características favoráveis¹¹.

De 1853 a 1866, Galton dedicou-se ao estudo da hereditariedade motivado pelos casos com os quais se havia deparado na Universidade de Cambridge. O fato de haver pessoas notáveis em várias gerações de uma mesma família o levou a desenvolver uma investigação sobre a habilidade hereditária¹². Galton tinha uma teoria a respeito da hereditariedade que envolvia partículas e que apresentava algumas modificações em relação à hipótese da pangênese de Darwin. Entretanto, ao contrário da hipótese da pangênese, a teoria das estirpes não teve grande repercussão na época¹³.

A maior parte das idéias de Galton sobre a eugenia foi formulada em 1865 em seu artigo “Hereditary talent and character”. Neste ele discutiu sobre as conseqüências de práticas não eugênicas como, por exemplo, o fato de na Idade Média, muitos jovens gênios serem atraídos para a Igreja e celibato, o que impedia de deixarem descendentes. Ele defendeu então o oposto, o encorajamento de casamentos entre homens e mulheres talentosos.

¹¹ Garland Allen, *Thomas Hunt Morgan: the man and his science* (Princeton: Princeton University Press, 1978), p. 227.

¹² Francis Galton, *Memories of my life*, pp. 224-225; 229; Andreza Polizello, *Modelos microscópicos de herança no século XIX: a teoria das estirpes de Francis Galton*. Dissertação de Mestrado. (São Paulo: PUC, 2009), pp. 37-38.

¹³ Ver a respeito da teoria das estirpes de Galton em: Andreza Polizello, *Modelos microscópicos de herança no século XIX: a teoria das estirpes de Francis Galton*. [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: PUC, 2009, especialmente o capítulo 3.

Considerava que o melhoramento hereditário era necessário porque a civilização estava avançando mais rapidamente do que nossa habilidade de lidar com ela¹⁴. Ele assim se expressou:

Disso concluo que o melhoramento da raça humana não é uma dificuldade insuperável. Se todos concordarem com que o melhoramento da raça é uma questão de suma importância, e se a teoria da transmissão das qualidades nos homens for entendida como no caso dos nossos animais domésticos, não vejo nenhum absurdo em supor que, de um modo ou de outro, o melhoramento poderia ser bem sucedido¹⁵.

Desenvolvendo as idéias presentes no artigo acima mencionado, Galton publicou diversos trabalhos como, por exemplo, *Hereditary Genius* (1869); *English men of science* (1874); *Inquiries into human faculty and its development* (1883), dentre outros¹⁶. Sua pesquisa se baseou no estudo de genealogias através de dados de eruditos, poetas, músicos, artistas e militares obtidos em enciclopédias e dicionários biográficos.

No livro *Inquiries into human faculty and its development*, pretendia reunir os resultados de várias pesquisas que havia desenvolvido e se propôs a abordar vários tópicos relacionados ao cultivo da raça, mais especificamente às questões “eugênicas”. Entretanto, nesta publicação, suas idéias para implementar a eugenia foram apresentadas de modo vago¹⁷.

Preocupado em obter medidas exatas para a elaboração de suas teorias, criou o Laboratório Antropométrico em 1884. Nos anos de 1884-1885 ofereceu um prêmio no valor de 500 libras para aqueles que preenchessem um elaborado questionário com informações sobre sua família de maneira acurada. O material obtido recebeu um tratamento estatístico e serviu de base para

¹⁴ Bulmer, Francis Galton. *Pioneer of heredity and biometry*, pp. 79-80.

¹⁵ Francis Galton, “Heredity talent and character”, *Macmillan's Magazine* 12 (1865): 318-327, nas pp. 319-320, *apud*, Bulmer, Francis Galton: *pioneer of heredity and biometry*, p. 81.

¹⁶ Galton, *Memories of my life*, pp. 287-289; Polizello, *Modelos microscópicos de herança no século XIX: a teoria das estirpes de Francis Galton*, pp. 37- 38.

¹⁷ Bulmer, Francis Galton, p. 82.

vários estudos não somente de Galton como também do matemático e estatístico Karl Pearson (1857-1936)¹⁸. Não demorou muito para que nove mil pessoas, incluindo muitas famílias completas, oferecessem seus detalhes físicos para os cálculos e os estudos de Galton. Ele começou a afixar os números, elaborando fórmulas, e finalmente conseguiu juntar margens suficientes de erros e de coeficientes de correlação, numa coleção de probabilidades estatísticas eugênicas.¹⁹

Galton considerava que as investigações/questionários, históricos familiares, hoje chamados de “árvore genealógica”, auxiliariam a entender a origem das famílias em vários períodos. Estas informações seriam de grande importância para a sociedade e para as estatísticas de estudos eugênicos. Segundo o mesmo autor, a ascensão e o declínio das nações estariam ligadas diretamente a fatores hereditários, e por assim ser fazia-se necessário tornar a ciência eugênica uma questão acadêmica, consciência nacional, uma nova religião²⁰. Mas para que isso fosse possível, alguns cuidados deveriam ser tomados para que esta nova ciência não fosse desacreditada, como por exemplo, o de assegurar a aceitação intelectual da eugenia como uma esperança sendo objeto de estudo que progressivamente daria efeito prático.

Ao propor o controle reprodutivo dos impróprios e o incentivo de reprodução aos bem dotados, o autor sugeriu mudanças concretas para o desenvolvimento do sistema de registro de casamentos, de tal forma que este sistema fosse integrado a um projeto de saúde em que as partes contratantes chegassem a um certo padrão de higiene exigido.

Segundo Donald Mackenzie, a eugenia de Galton estava diretamente ligada à classe social ao qual o autor procedia. De família aristocrata com forte característica intelectual como o primo Darwin, Galton defendia a idéia de que se os casamentos fossem realizados dentro do mesmo padrão social, estes produziram descendentes de sucesso²¹. Esta é, entretanto uma visão bastante

¹⁸ Galton, *Memories of my life*, pp. 293-295; Polizello, *Modelos microscópicos de herança no século XIX: a teoria das estirpes de Francis Galton*, p. 38.

¹⁹ Schwarcz, *O espetáculo das raças*, p. 61.

²⁰ Francis Galton. “Eugenics: its definition, scope and aims”. *Nature* 10 (1, 1904). acessado em: www.galton.org (acesso em 05/07/2009).

²¹ Donald Mackenzie. “Eugenics in Britain”. *Social Studies of Science*, n.6,1976. pp. 499-532. Disponível em: <http://sss.sagepub.com/content/vol6/issue3-4/> (acesso em: 26/03/2006).

particular sobre a qual não iremos nos manifestar, pois demandaria um estudo detalhado não apenas das contribuições de Galton no âmbito científico como também de seu contexto. Podemos, entretanto, acrescentar que as idéias eugênicas de Galton estavam relacionadas diretamente às suas concepções sobre herança e seus estudos experimentais com animais e plantas, como veremos a seguir.

Galton aceitava a herança com mistura. A partir de experimentos com ervilhas e cães *Basset hound*, ele concebeu a “lei da herança ancestral”, onde os progenitores contribuiriam com $\frac{1}{2}$ da herança, os quatro avós juntos com $\frac{1}{4}$ e assim por diante²².

Galton comentou:

Sempre que uma raça inferior é preservada sob condições de vida que exigem um alto grau de eficiência, deve estar submetida à seleção rigorosa. Aos poucos às melhores espécimes da raça é permitido se tornarem pais, e não a muitos dentre seus descendentes é permitido sobreviver. Por outro lado, se uma raça superior substitui a inferior, toda essa terrível miséria desaparece. A forma mais misericordiosa do que eu me aventuro a chamar de “eugenia” consistiria em observar as indicações das linhagens superiores ou raças, e então favorecê-las fazendo com que sua progênie aumente em número e substitua gradualmente a outra²³.

Galton passou os últimos dez anos de sua vida defendendo que a eugenia era um credo social, político e religioso. Propôs que esta fosse integrada à consciência nacional, como uma religião²⁴. Ele explicou:

[...] seus princípios devem se tornar um dos motivos dominantes em uma nação civilizada, muito mais, como se fossem seus princípios

²² Galton, *Memories of my life*, pp. 308-309.

²³ Galton, *Inquiries into human faculty*, pp. 198-200, *apud*, Bulmer, *Francis Galton*, p. 83.

²⁴ Bulmer, *Francis Galton*, pp. 83-84.

religiosos. [...] o objetivo primeiro da eugenia é verificar a taxa de natalidade dos inaptos, em vez de permitir que eles venham a existir em grande número para morrer prematuramente. O segundo objetivo é a melhoria da raça promovendo a produtividade por casamentos precoces e criação saudável dos filhos. A seleção natural repousa sobre a produção excessiva e destruição em massa.²⁵

1.2 O MOVIMENTO EUGENISTA

Os princípios propostos por Galton inspiraram o movimento eugenista que ocorreu em mais de trinta países nas primeiras décadas do século XX. De acordo com Mark B. Adams, a idéia da eugenia como ciência do melhoramento da hereditariedade humana, se desenvolveu não apenas na Grã Bretanha e Estados Unidos como também em outros países como Alemanha, França, Rússia e Brasil.²⁶ Envolveu vários segmentos da sociedade, dentre os quais a área médica e jurídica, com a criação de sociedades específicas e publicações como, por exemplo, o periódico *Boletim de Eugenia*, em nosso país, além de congressos. De acordo com Farral, o movimento eugênico pode ser visto em sua totalidade como resultando da interação entre ciência e sociedade²⁷.

Na Grã Bretanha, uma das sociedades mais ativas foi a *Eugenics Education Society*, fundada em 1907. Galton aceitou ser seu presidente honorário em 1908. Leonard Darwin (1850-1943), filho de Charles Darwin, foi seu presidente de 1911 a 1928. A partir de 1926, a sociedade mudou de nome sendo conhecida como *Eugenics Society* e a partir de 1989, tornou-se o *Galton Institute*²⁸.

A eugenia britânica foi dominada pelo problema da diferença de fertilidade entre as classes. O “valor cívico” sugerido por Galton em 1901

²⁵ Francis Galton. *Memories of my life*. (London: Methuen, 1908). <http://galton.org/> (acesso em 09/01/2010).

²⁶ Adams, “The wellborn science”, p. 5.

²⁷ Farral, “The history of eugenics”, p. 123; Waldir Stefano, *Octavio domingues e a Eugenia no Brasil: uma perspectiva mendeliana*, p. 5.

²⁸ Bulmer, *Francis Galton*, p. 85.

estava distribuído aparentemente de modo normal e podia ser identificado com as categorias sociais utilizadas por Charles Booth em seu levantamento das categorias sociais na cidade de Londres. Na posição inferior estavam alocados os criminosos e vadios, pouco numerosos e com pouco valor; no meio estava a classe trabalhadora, numerosa e de valor moderado; no alto estavam os profissionais independentes e empregadores de alto valor cívico. Como Galton assumia que o valor cívico era herdado, considerava que ocorreria o melhoramento da raça humana através do encorajamento da produtividade reprodutiva das classes mais altas e diminuição da produtividade das mais baixas. De fato, no começo do século XX, as classes sociais mais altas estavam se reproduzindo menos rapidamente que as mais baixas devido à utilização de métodos de controle da natalidade. Diante desta situação, a *Eugenics Society Education*, liderada por Leonard Darwin e R. A. Fisher, propôs que essa situação deveria ser modificada ²⁹.

Outra medida inspirada pelo movimento eugênico britânico foi evitar que débeis mentais se reproduzissem. Para isso se utilizou tanto sua segregação como sua esterilização. Em 1908, a *Royal Commission* chegou à conclusão de que a debilidade mental era hereditária e que seus portadores deveriam ser isolados da sociedade. Após intensa campanha, o Parlamento aprovou uma lei que restringia a procriação de pessoas com debilidade mental e punia aqueles que se casassem com pessoas com essas condições. O *Mental Deficiency Act* (1913) determinou a segregação de portadores de deficiências mentais e morais em colônias, o que restringia suas chances de procriar. Entretanto, apesar de defendida por alguns como Fisher em 1934, a esterilização compulsória dos incapazes não se tornou lei na Grã Bretanha ³⁰.

Em 1911, em Londres, ocorreu o Primeiro Congresso Internacional de Eugenia, presidido por Leonard Darwin ³¹.

Nos Estados Unidos a eugenia ganhou terreno fértil. Ainda em meados do século XIX, médicos psiquiatras iniciaram atividades de esterilização e castração em prisioneiros visando acabar com o hábito da masturbação. Tal

²⁹ Bulmer, *Francis Galton*, p. 85.

³⁰ Ibid., pp. 86-87.

³¹ Anonymous, "Notes. The International Eugenics Congress", *Science* 34 (1911): 4.

procedimento logo se intensificou abrangendo assim alcoólatras, débeis mentais e todos aqueles considerados degenerados pelos médicos eugenistas de modo que posteriormente muitos estados norte americanos legitimariam tal ação.

Charles Benedict Davenport (1866-1944) um geneticista mendeliano que trabalhou com cruzamentos experimentais com canários, galinhas e investigou a herança da cor de olhos em humanos, passou-se a interessar pela eugenia a partir de suas investigações genéticas e de sua interação com Francis Galton e o matemático e estatístico Karl Person (1857-1936).

Em 1904, através do apoio da *Carnegie Institution* de Washington, Davenport montou um laboratório experimental em Cold Spring Harbor, Long Island, onde posteriormente recebeu o apoio dos *Rockefeller*, família tradicional de milionários norte americanos³². Em 1910 através do apoio de uma viúva, a Sra. E. H. Harrison, Davenport estabeleceu o *Eugenics Record Office*, em terreno próximo ao laboratório experimental³³.

O *Eugenics Record Office* tornou-se uma organização bastante importante para o movimento eugênico norte-americano. Nele se procedia a coleta e análise de dados de *pedigrees* em que apareciam traços não eugênicos. Lá também ocorria o treinamento de pessoas para trabalharem nesse campo. De acordo com Bulmer, devido ao descuido em relação aos dados por parte de seu superintendente, Harry H. Laughin (1880-1943), em quem Davenport depositava sua confiança, o laboratório ficou desacreditado e foi fechado em 1939³⁴.

Trabalhos resultantes de pesquisas começavam a ganhar destaque nas universidades dos Estados Unidos, sendo implantadas disciplinas que tratavam da eugenia como uma ciência em grande parte dos cursos médicos deste período. Adeptos e simpatizantes da causa pró-melhoramento racial foram surgindo, juntamente com os centros de pesquisas. Com recursos financeiros suficientes para dar continuidade às pesquisas e aos procedimentos de confinamento e esterilizações cirúrgicas aos degenerados, leis foram criadas.

³² Bulmer, Francis Galton, p. 87; Black, *A guerra contra os fracos* p.134.

³³ Ibid., p. 88.

³⁴ Ibid., p. 88.,

Nos Estados Unidos, a legislação eugênica foi distribuída em três categorias: esterilização compulsória do inadequado; prevenção de casamentos não eugênicos e controle da imigração. As duas primeiras eram controladas pelo estado e a última do governo federal³⁵.

A primeira lei norte-americana relacionada à esterilização compulsória foi promulgada em Indiana em 1907. Estava baseada na idéia de que a hereditariedade desempenhava um papel importante na transmissão do crime, idiotia e imbecilidade³⁶. Por volta de 1917 as leis de esterilização foram implantadas em cerca de quinze estados, sendo que a maioria delas dava o poder de esterilizar criminosos, epiléticos, insanos e idiotas que estavam internados em instituições estatais. Por volta de 1924 cerca de 3000 pessoas haviam sido esterilizadas na Califórnia, apesar das dificuldades encontradas na implementação dessas leis³⁷.

Mas como eram escolhidas as pessoas que seriam submetidas à esterilização compulsória? Inicialmente os médicos eugenistas lidaram com prisioneiros, pacientes com distúrbios mentais entre outros. No entanto, era preciso selecionar também os indigentes, analfabetos, e todos aqueles que de alguma forma denegrissem a imagem de uma nação eugenizada, próspera e rica. Para este fim foram criados os exames de *Quociente de Inteligência - QI* por um psicólogo da Harvard, Robert Yerkes³⁸. Teórico eugenista e antigo aluno de Davenport, Yerkes era membro de muitos comitês eugenistas e opinava sobre as bases genéticas do comportamento humano. A escala de pontos para a inteligência Yerkes-Bridge, por exemplo, foi utilizada para medir a inteligência de membros dos *pedigrees* que estavam sendo investigados.

De acordo com Edwin Black³⁹, foram aplicados em cidadãos norte americanos e imigrantes analfabetos e/ou com baixa escolaridade testes

³⁵ Bulmer, Francis Galton, p. 88.

³⁶ D. J Kevles, *In the name of eugenics* (Cambridge, Ma: Harvard University Press, 1995), p. 109.

³⁷ Bulmer, Francis Galton, p. 88.

³⁸ Os líderes do movimento de teste mental, Henry Herbert Goddard, Lewis Terman e Robert M. Yerkes, partilhavam a crença de que a capacidade mental era basicamente o resultado da herança genética. O ambiente tinha pouco ou nenhum efeito sobre essa capacidade geral; a inteligência poderia ser composta por várias habilidades mas, subjacente a todas elas estaria uma única capacidade, essa capacidade era o que os testes mediam [C. James Goodwin, *História da psicologia moderna* (São Paulo: Cultrix, 2005)], p. 268

³⁹ Edwin Black. *A guerra contra os fracos*. A Girafa: São Paulo, 2003.

semelhantes a estes com a intenção de selecionar os indivíduos que seriam submetidos à esterilização.

[...] as vítimas eram habitantes urbanos pobres, o “lixo branco” rural da Nova Inglaterra à Califórnia, imigrantes de toda a Europa, negros, judeus, mexicanos, nativos americanos, epiléticos, alcoólatras, criminosos banais, doentes mentais e quaisquer outros que não tivessem os cabelos louros e os olhos azuis do ideal nórdico que o movimento eugenista glorificava [...].⁴⁰

O teste de *Quociente de Inteligência* (QI) nos mostra que a resposta correta às questões referentes à história e a cultura do país foram exigidas de indivíduos que não tinham as mínimas condições de escolaridade para responder adequadamente às mesmas. Por outro lado, eles sequer imaginavam as penalidades que viriam a sofrer por serem considerados *Morons* – retardados, imbecis ou idiotas⁴¹.

Nos Estados Unidos, as leis que proibiam o casamento eram de dois tipos: aquelas que proibiam o casamento com deficientes e aqueles que proibiam o casamento entre negros e brancos. As primeiras vigoraram por volta de 1914 em quatorze estados e alegavam a incapacidade de deficientes mentais fazerem contratos e também bases eugênicas. As segundas eram comuns desde o período colonial estendendo-se a todas as uniões entre raças diferentes. O argumento era que a raça branca, em particular a nórdica, era superior a todas as outras que havia sido expresso no livro *The passing of great race* (1916) de Madison Grant, um advogado. Três eugenistas de Virginia consultaram Madison Grant e Harry Laughlin para elaborar o *Racial Act of Integrity* (1924) deste estado. Este ato proibia as pessoas de cor branca de “misturarem” seu sangue a outras raças que não fosse a branca ou que tivessem 1/16 de sangue indígena americano⁴².

⁴⁰ Black. *A guerra contra os fracos*. p. 157.

⁴¹ Ibid.

⁴² Bulmer, *Francis Galton*, pp. 90-91.

Em relação ao controle da imigração, em 1882 o *Act to Regulate Immigration* proibia a entrada nos Estados Unidos de todas as pessoas que não fossem capazes de cuidar de si mesmas e se tornassem um fardo para o governo. Em torno de 1917, a abrangência do ato foi ampliada e passou a incluir idiotas, imbecis, débeis mentais, epiléticos, insanos ou pessoas com deficiências mentais ou físicas. Nessa época, a imigração aumentou e os defensores da preservação da cultura americana desejaram restringi-la. Davenport argumentou que deveria ser feita uma seleção não em relação à raça ou nacionalidade, mas com base nos indivíduos. No entanto, na década de 1920 o princípio eugênico foi suplantado pelo preconceito racial em relação aos imigrantes do leste e sul europeus. Laughin alegou para o *House of Representatives Committee on Immigration*, que a partir de uma investigação sobre o número de estrangeiros que estavam em prisões e reformatórios a carga genética norte-americana estava sendo poluída por imigrantes defeituosos, provenientes principalmente do leste e sul da Europa. Em 1924, a partir dos resultados trazidos por Laughin foi elaborado o *Restriction Act of 1924*. Esta lei a quota de imigrantes do sul e leste europeu foi reduzida de 45% para 15%⁴³.

Na Alemanha, as origens do movimento eugenista estão relacionadas a Alfred Ploetz (1860-1940). Ele desejava estabelecer algum tipo de comuna socialista e passou um semestre numa cooperativa conhecida como Icarus, nos Estados Unidos, em Iowa, para estudar como funcionavam essas comunidades. Ele explicou que seus planos haviam sido frustrados por causa da baixa qualidade dos seres humanos. Devido a isso, esforços deveriam ser empreendidos no sentido de não apenas preservar a raça como também para melhorá-la. Em uma monografia *Rassenhygiene* (1895), ele argumentou que a proteção dos cidadãos fracos não privilegiados iria levar à degeneração da raça a não ser que fossem tomadas algumas medidas no sentido de selecionar a reprodução. Considerava a solução para o controle de casamentos pelo estado, proposta por Galton muito elitista. Sugeriu então um sistema de “higiene reprodutiva” que envolvia a seleção de células reprodutivas⁴⁴.

⁴³ Bulmer, *Francis Galton*, p. 92.

⁴⁴ Ibid.

Em 1909 Ploetz criou o periódico *Archiv für Rassen-und Gesellschafts-Biologie* considerado o primeiro periódico dedicado especificamente à eugenia. Ele procurou atrair artigos que defendessem a preservação e desenvolvimento da raça. Contou com as contribuições de autores como August Friedrich Weismann (1834-1914), Carl Correns (1864-1933), Hugo de Vries (1848-1935) e Wilhelm Johannsen (1857-1927), por exemplo⁴⁵. Em 1910 Ploetz fundou a *Gesellschaft für Rassenhygiene* (Sociedade de Higiene Racial), da qual Galton se tornou presidente honorário em 1909. Os membros eram pessoas brancas, adaptadas sob o ponto de vista ético, intelectual e físico, além de prósperas em termos econômicos. Plotz era moderadamente anti-semita, simpático ao pangermanismo e à superioridade nórdica. Entretanto, se distanciou dos excessos de Arthur de Gobineau (1816-1882)⁴⁶.

De acordo com Bulmer, o movimento eugênico alemão no período anterior ao nazismo não foi bem sucedido no que tange à implementação das idéias eugênicas. Durante a depressão econômica e psicológica da República de Weimar, a opinião mudou ficando favorável à esterilização. Em 1932 o governo da Prússia foi convencido pelos argumentos dos eugenistas a introduzir diversas propostas eugênicas, dentre elas, um esboço da lei da esterilização. Entretanto, esta não se tornou efetiva devido à instabilidade econômica que reinava na época⁴⁷.

Na primavera de 1933 a República de Weimar sucumbiu e os nazistas liderados por Adolf Hitler (1889-1945) assumiram o poder. Tanto a superioridade da raça ariana como o perigo de que ela fosse diluída pela raça judia ou outras que eles consideravam como não sendo arianas, foram preocupações essenciais do nazismo⁴⁸.

Após terem assumido o poder em 1933, os nazistas introduziram dois tipos de medidas eugênicas: a melhoria da raça germânica (ariana) e o impedimento de sua mistura com raças inferiores. Foram promulgadas leis de esterilização compulsória como a de 14 de julho de 1933 que se aplicava aos portadores de oito doenças consideradas hereditárias: debilidade mental

⁴⁵ É interessante mencionar que todos esses indivíduos eram cientistas respeitados da época.

⁴⁶ Bulmer, *Francis Galton*, p. 93.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 94.

⁴⁸ *Ibid.*.

congénita, esquizofrenia, mania-depressão, epilepsia, Coréia de Huntington, cegueira e surdez, malformações físicas severas cujo caráter hereditário tivesse sido suficientemente estabelecido pela pesquisa. O alcoolismo estava incluído numa seção separada. Esta lei foi bem recebida nos círculos norte-americanos porque não encerrava nenhum elemento de raça ou punição⁴⁹.

Acredita-se que cerca de 400.000 pessoas tenham sido esterilizadas, sendo que metade delas era constituída por débeis mentais, ¼ por esquizofrênicas e o restante por epilêpticas e alcoólicas. Apesar da resistência encontrada, esta lei foi suplementada por leis que permitiam a castração de criminosos perigosos (1933) e a proibição de casamentos entre pessoas mentalmente retardadas (1935). O programa de esterilização foi finalizado em setembro de 1939, talvez porque os nazistas o tivessem substituído por outro: o da “eutanásia”⁵⁰.

Antes que a Segunda Grande Guerra começasse, os nazistas eliminaram diversos judeus que estavam nos territórios que eles ocuparam como na Polônia, oeste da Rússia e estados do Báltico, mas eles não sabiam ainda como eliminar todos os judeus, incluindo os alemães. Primeiro tiveram a idéia de transportá-los para a Ilha de Madagascar, na costa oeste da África com o intuito de confiná-los neste local mas isso não deu certo. Decidiram então pelo seu extermínio em campos de concentração dos quais Auschwitz foi o mais conhecido. Durante a Segunda Grande Guerra, por volta de cinco a seis milhões de judeus perderam a vida nessas condições⁵¹.

A eugenia se difundiu também em diversos países da América Latina de 1920 a 1940. Esteve também associada a congressos, conferências, debates sobre medicina, legislação etc.⁵².

No Brasil foi criada a Sociedade Eugênica de São Paulo, situada na Faculdade de Medicina em 1918. Em 1929 foi criado o periódico *Boletim de Eugenia*

⁴⁹ Bulmer, *Francis Galton*, pp. 95- 96.

⁵⁰ Ibid., p. 96.

⁵¹ Ibid., p. 98.

⁵² Nancy Stepan, “Eugenesia, genética, y salud pública: el movimiento eugenésico brasileño y mundial”, *Quiju* 2 (3, 1985): 351-384, nas pp. 353 e 355.

. Houve uma preocupação com a formação da raça brasileira que se acentuou na década de 1930, relacionada à imigração sendo tratada em diversos artigos de constituições e decretos-lei. Trataremos especificamente das idéias dos eugenistas brasileiros nos capítulos 3 e 4 desta tese.

1.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Através das informações apresentadas neste capítulo, foi possível perceber que desde a proposta de Galton de um “melhoramento da raça”, baseada parcialmente em seus estudos sobre hereditariedade e genealogias e as medidas que ele sugeriu nesse sentido, muitas mudanças ocorreram enquanto o movimento eugênico se difundiu no âmbito mundial. Assumindo feições, proporções e características próprias nos diversos países, acarretou medidas mais ou menos drásticas, muitas vezes apoiadas por leis que se referiam à esterilização ou regulamentavam casamentos. Muitas vezes as medidas adotadas, foram levadas ao extremo, não tiveram sua base nas investigações científicas e refletiam preconceito, autoritarismo, ou mesmo, atitudes anti-humanitárias. Certamente, se Galton tivesse vivido mais, não iria concordar com isso. Muito provavelmente lamentaria que seus princípios eugênicos tivessem servido de pretexto para legitimar os interesses daqueles que desejavam acabar com os “degenerados” e construir uma sociedade baseada na exclusão.

CAPÍTULO 2

BRASIL: DA MISSÃO COLONIZADORA AO DISCURSO EUGENISTA

[...] o Brasil, enfrentava assim, o mais sério de todos os problemas raciais: a miscigenação em larga escala. Expressava, no mesmo compasso, a preocupação comum da elite em termos científicos. Qual era – indagava a elite – a ligação entre o processo biológico de miscigenação e o processo histórico de construção da nação? Se a miscigenação originava instabilidade; quanto tempo levaria para chegar ao equilíbrio? Ou não se poderia chegar a isso nunca? [...] ⁵³

2.1 O BRASIL COLÔNIA, IMPÉRIO, REPÚBLICA E A MISCIGENAÇÃO

A forma pela qual ocorreu a colonização portuguesa no Brasil durante o século XVI, diferenciou-se do modelo adotado pelos ingleses na colonização dos Estados Unidos, por favorecer a miscigenação. As famílias de imigrantes ingleses que vieram para a América almejavam a paz religiosa no novo continente, fugindo das inconstâncias e turbulências vividas em seu país durante séculos. Entre judeus, cristãos católicos e protestantes, estes últimos em maior número, os ingleses colonizaram toda a costa leste. Seu objetivo principal era o povoamento da região. No sul dos Estados Unidos foi implantado um sistema escravocrata sendo que os escravos trabalhavam na

⁵³ Thomas E. Skidmore. *Preto no branco. Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. 2ª ed. (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976), p. 25.

lavoura do algodão (monocultura). No norte deste país ocorreu o surgimento de pequenas indústrias⁵⁴.

A colonização espanhola e portuguesa na América Latina, teve desde o início o objetivo de explorar e dominar as terras e os povos que nela habitavam. Os limitados recursos da Coroa Portuguesa levaram o Rei D. João VI a aplicar um sistema, que já havia sido empregado em outras colônias portuguesas como as ilhas de Madeira e de Cabo Verde. Consistia na doação de terras pertencentes à Coroa a donatários. Estes eram particulares incumbidos de explorar as novas terras e de garantir o povoamento da costa brasileira contra ataques inimigos.

No início da colonização do Brasil, os portugueses recorreram ao trabalho indígena, mas esta tentativa não trouxe os resultados que eles esperavam. Entretanto, de meados do século XV ao século XIX, o continente africano foi se tornando cada vez mais atraente para os navegadores europeus. O tráfico de escravos constituiu uma atividade bastante importante no período colonial e contribuiu para o estabelecimento dos comerciantes em feitorias. Em 1530, a expedição colonizadora de Martim Afonso de Souza (1490-1571) trouxe da Guiné para o Brasil os primeiros escravos negros. Com a expansão da cultura da cana-de-açúcar, a insatisfação com a mão de obra indígena e a necessidade de braços para trabalharem na lavoura, a partir de 1550, o tráfico de escravos negros intensificou-se⁵⁵.

Desde a chegada dos primeiros portugueses no Brasil até a independência em 1822, ou seja, durante três séculos, centenas de pessoas que haviam cometido infrações em Portugal foram mandadas para o Brasil. Confiná-las em prisões, acarretaria despesas muito grandes para a administração real. Pensou-se então em aproveitar este contingente, transformando-o em agente de colonização e do povoamento das imensas terras de além-mar⁵⁶.

⁵⁴ Thomas E. Skidmore. *Preto no branco. Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. 2ª ed. (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976).

⁵⁵ Elaine Cristina Ferreira de Souza, "Tráfico de escravos", Arquivo Nacional. <http://www.historia.colonial.gov.br>, (acesso em 21/08/2007); Márcia das Neves, *Nina Rodrigues: as relações entre mestiçagem e eugenia na formação do povo brasileiro*. (São Paulo: PUC, 2008), pp. 18-19.

⁵⁶ Geraldo Pieroni. *Vadios e ciganos, heréticos e bruxas. Os degredados no Brasil-colônia*. (São Paulo: Editora Bertrand, 2000), p 93.

Através das cartas, crônicas e poemas do período de colonização do “Novo Mundo”, é possível ter uma idéia de como funcionava a aplicação de penalidade àqueles que viviam na colônia e eram considerados infratores pela Coroa Portuguesa. Muitos dos portugueses que vieram para o Brasil na época da colonização haviam sido condenados por crimes cometidos em Portugal.

De acordo com Geraldo Pieroni, os degredados, os náufragos e os aventureiros, heróis de numerosas epopéias, verdadeiras ou míticas, foram os personagens que engendraram os primeiros mamelucos⁵⁷ da terra: os filhos do piloto João Lopes de Carvalho, levados por seu pai na expedição de Fernão de Magalhães, em 1519; as filhas de Caramuru, cujos casamentos tinham sido organizados por Martin Afonso de Souza; a numerosa descendência de João Ramalho, sob proteção dos jesuítas por ocasião da fundação de São Paulo; ou ainda a família mestiça de Jerônimo de Albuquerque, que deixou no Brasil 24 filhos e, portanto, foi chamado de “o Adão de Pernambuco”⁵⁸.

O padre Manuel da Nóbrega, em suas cartas, atribui o mau comportamento e atos nocivos dos habitantes à sua origem: “Nesta terra não vieram até agora senão desterrados da mais vil e perversa gente do reino”. Degredados, heréticos, cristãos católicos, cristãos novos ou místicos religiosos condenados por alguma acusação pela inquisição; assassinos, ladrões ou jovens vadios; mulheres solteiras, passadas da idade de contrair matrimônio, mulheres feiticeiras, videntes acusadas de bruxaria ou prostitutas, bígamas, destituídas de moral e conduta familiar foram os grupos que, de alguma forma, foram os responsáveis pelo desenvolvimento do Brasil colônia. Juntamente com esses grupos, estavam os nativos espalhados por todo território que diferiam entre eles por traços culturais, sociais e lingüísticos⁵⁹.

Fatores como a diversidade cultural e as dimensões territoriais do país levaram a Coroa, na segunda metade do século XVIII, a definir propostas que visassem a integração dos nativos com os portugueses, na intenção de preparar o índio para a vida civilizada.

⁵⁷ Mameluco: filho de índio com branco.

⁵⁸ Manoel da Nóbrega, *apud*, Geraldo Pieroni. *Vadios e ciganos, heréticos e bruxas. Os degredados no Brasil-colônia*. (São Paulo: Editora Bertrand, 2000), p. 20 .

⁵⁹ Adolfo de V., *apud*. Pieroni. *Vadios e ciganos, heréticos e bruxas. Os degredados no Brasil-colônia*, p. 20.

A legislação pombalina⁶⁰ manteve a política adotada pelos jesuítas em relação aos nativos. Era preciso fazer com que os índios fossem integrados na política colonial portuguesa respeitando os interesses impostos diante da segregação natural definida pelas tribos indígenas. Nesse sentido, o emprego da língua portuguesa, como fator de obrigatoriedade em território nacional, e o fomento em relação a casamentos mistos entre europeus e indígenas são exemplos da tentativa de unificação imposta sobremaneira pelos portugueses neste período. Caio Prado Junior comenta a respeito:

Contemplavam-se estas medidas com outras que tinham por fim multiplicar os casamentos mistos. Era a solução pelo cruzamento das raças que, aliás, presidiu sempre, mesmo sem o auxílio de disposições legais, a todo o grande e complexo problema da interassimilação das três etnias que concorreram para a formação brasileira. (...) continuaram, apesar das leis que procuravam equipará-los aos demais colonos, uma raça bastarda; e como tal alvo do descaso e prepotência da raça dominadora⁶¹.

De acordo com Nancy Stepan, com a vinda da família real para o Rio de Janeiro em 1808, iniciou-se uma discussão sobre a possibilidade de se construir uma nação a partir dos elementos existentes no Brasil ⁶². A partir daí, passou a existir uma preocupação com a imigração que se acentuou no período republicano sendo regulamentada por vários projetos de lei (aprovados ou não), leis e decretos-lei.

Somente ao final do século XIX, após a independência do Brasil (1822) e sob forte pressão dos movimentos sociais no interior do país e do posicionamento dos ingleses contra o tráfico negreiro, D. Pedro II passou a

⁶⁰ O Alvará de 14 de abril de 1755 fomentava os casamentos mistos, equiparava os seus descendentes aos demais colonos quanto a empregos e honrarias, e proibia que fossem tratados pejorativamente. A Lei de 6 de junho do mesmo ano, decretava a liberdade absoluta e sem exceção dos índios, regulamentava as relações deles com os colonos e dispunha sobre a organização de povoações (vilas e lugares) em que deveriam se reunir. [Caio Prado Junior, *Formação do Brasil contemporâneo*. 23ª Ed. (São Paulo: Brasiliense, 1994)].

⁶¹ Caio Prado Jr., *Formação do Brasil Contemporâneo*. 23ª Ed. (São Paulo: Brasiliense, 1994), p. 74.

⁶² Nancy Stepan, "Eugenesia, genética y salud pública: el movimiento eugenésico brasileño y mundial", p. 355; Márcia das Neves, "Nina Rodrigues: as relações entre mestiçagem e eugenia na formação do povo brasileiro". Dissertação de mestrado. (São Paulo, PUC, 2008), p. 5.

apresentar ao Parlamento uma série de medidas que visavam acabar gradativamente com a escravidão no Brasil. Nessa ocasião, alguns parlamentares questionavam o modo como o governo estava “libertando” os escravos visto que estes não tinham meios nem condições adequadas para viverem. Ao argumentar sobre o Projeto de lei que concedia liberdade aos sexagenários, o parlamentar Luiz Carlos da Silva Dantas afirmou:

[...] hei de ter ocasião de ver muitos desses libertos morrerem a míngua. Não é humanitário, não é civilizador libertar escravos velhos. A liberdade como um favor da lei, a quem não pode gozar dela, é um presente cruel [...] ⁶³.

A população constituída por escravos negros começou a diminuir por volta de 1874, o que se intensificou em 1885, por conta da proibição do tráfico, ou seja, poucos anos antes da abolição da escravatura. Com a abolição da escravatura, os ex-senhores de escravos preferiram oferecer trabalho a imigrantes europeus em vez de contratar os antigos escravos⁶⁴.

Em 1890 um decreto-lei, liberou a entrada de imigrantes desde que eles fossem capacitados para o trabalho, não estivessem sendo processados por crimes e não fossem provenientes da África ou Ásia⁶⁵.

O teor do discurso racial no Brasil, durante o Império estava, em grande parte, relacionado com as idéias do diplomata francês Conde Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882). Gobineau esteve no Brasil entre os meses de março de 1869 e abril de 1870. Sua amizade com membros da elite e com o próprio Imperador D. Pedro II, possibilitou inferências que posteriormente seriam encontradas no discurso de autores que escreveram sobre o povo brasileiro. A convivência cordial do Imperador com Gobineau, apesar da diferença existente entre suas idéias e posicionamentos, é um indício de que o Imperador era dotado de um espírito tolerante e liberal ⁶⁶.

⁶³ Dantas, *apud*, Joseli Nunes Mendonça. *Cenas da Abolição. Escravos e senhores no parlamento e na justiça*. (São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2001), p. 30.

⁶⁴ Boris Fausto, *História do Brasil*. (13 ed. São Paulo: Edusp, 1995), p. 205.

⁶⁵ Thomas Skidmore, *Preto no branco. Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989), p. 155.

⁶⁶ Eliezer de Hollanda Cordeiro. “Violência, ideologia eugênica e racismo”. *Psychiatry on line Brasil* 9 (12, 2004): <http://www.polbr.med.br/ano04/fran1204.php>. (acesso em 12/01/2010).

O trecho que se segue dá uma idéia acerca da visão que o Conde Gobineau tinha do Brasil e sua gente:

[...] uma população toda mulata, com sangue viciado, espírito viciado e feia de meter medo. Nenhum brasileiro é de sangue puro; as combinações dos casamentos entre brancos, indígenas e negros multiplicaram-se a tal ponto que os matizes da carnção são inúmeros, e tudo isso produziu, nas classes baixas e nas altas, uma degenerescência do mais triste aspecto [...]⁶⁷.

Como se pode perceber, Gobineau desvalorizava tanto os escravos como os mestiços, considerando-os inferiores. A proposta para solucionar o “problema” consistiu em dar as condições para que o povo brasileiro se aproximasse, em termos raciais, do povo europeu passando por um processo de “branqueamento”. Isso poderia se feito promovendo a imigração que fosse acompanhada por uma seleção dos imigrantes. Os imigrantes selecionados, além de contribuírem para o “melhoramento” do povo em termos raciais contribuiriam com o trabalho agrícola.

As doutrinas raciais ganharam destaque no final do século XIX com a proclamação da República e a formação de uma elite nacional que conduziria o futuro da nação segundo os moldes positivistas. Médicos, sanitaristas e juristas tiveram contato com as idéias de raça que aparecem em Georges Louis Leclerc, Conde de Buffon (1707-1788), Paul Brocca (1824-1880), Cesare Lombroso (1835-1909), por exemplo.

Buffon, em alguns momentos se sua obra considerou que as espécies se transformavam e que esta transformação se dava num sentido de uma degeneração. O asno, por exemplo, seria um cavalo degenerado. Contribuiriam para a degeneração o clima, a alimentação e os males da escravidão⁶⁸. Esta idéia foi também aplicada às “raças” humanas. Passaria no séc. XIX do âmbito da História Natural ao da análise das civilizações. A Antropologia Física teve continuidade na teoria chamada de Frenologia, que tem suas origens

⁶⁷ Gobineau, *apud*, Georges Raeders. *O inimigo cordial do Brasil – o Conde de Gobineau no Brasil*. (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988), p.34.

⁶⁸ Lilian A.-C. P. Martins, *A teoria da progressão dos animais de Lamarck* (Rio de Janeiro: BookLink/Fapesp, 2007), capítulo 9.

relacionadas a Joseph Gall no final do séc. XVIII, expandindo-se rapidamente pela Europa e pela América do Norte. Os teóricos da Frenologia negavam a unidade da espécie humana e pretendiam estabelecer, por meio das relações entre o tamanho e a forma do cérebro, os padrões das diferenças entre os seres humanos⁶⁹. Maria Alzira Brum Lemos explicou:

[...] *Degeneração* é o primeiro conceito ainda que relativizado por Euclides – utilizado para qualificar a natureza do sertão e o ser humano submetido aos rigores do clima. Na mesma linha se vale da idéia de que os antigos habitantes do Brasil teriam sido uma “grande raça” cujos descendentes, em virtude das condições climáticas, hereditárias e históricas, haviam degenerado. Esta é uma tese de Buffon que repercutiu no século XIX nas teorias sobre o ser humano e as sociedades⁷⁰.

Durante a República, a imagem de um Brasil mais branco se caracterizou pelo incentivo à entrada de imigrantes, privilegiando aqueles de origem européia tendo em vista o “branqueamento da raça”⁷¹. Neste período destacou-se o médico maranhense Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906). Legista, antropólogo, psiquiatra e professor da Faculdade de Medicina da Bahia, publicou vários trabalhos sob a forma de livros e artigos no Brasil e no exterior.

Nina Rodrigues deixou suas contribuições justamente no momento em que a questão do “branqueamento” estava sendo discutida com maior ênfase. Segundo Thomas Skidmore, esta idéia se instalou em 1880 e permaneceu até a terceira década do século XX⁷². Pressupondo a superioridade da raça branca sobre as demais, esta pretendia condenar a segregação que os norte-

⁶⁹ Maria Alzira Brum Lemos, *O doutor e o jagunço: ciência, mestiçagem e cultura em os sertões*. (São Paulo: Arte & Ciência, 2000), p. 137.

⁷⁰ Ibid.

⁷¹ Giralda Seyfert, “Eugenia, racismo e o problema da imigração no Brasil”, in Isidoro Alves, & Elena Moraes Garcia, eds. *VI Seminário Nacional de História da Ciência e Tecnologia. Anais do VI Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia* (Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de História da Ciência, 1987), pp. 248-252, na p. 248.

⁷² Entretanto, antes disso, em 1808 Hyppolito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, no jornal *Correio Brasiliense*, acreditava que o branqueamento através do incentivo à imigração européia produziria na população mestiça também um melhoramento moral (Neves, *Nina Rodrigues: as relações entre mestiçagem e eugenia na formação do povo brasileiro*, p. 11).

americanos impunham aos negros e justificar a diluição dos brasileiros que não fossem brancos, o que representava uma contradição⁷³. Nessa época, segundo Nina Rodrigues, havia em nosso país por parte da elite cultural certa hostilidade aos portugueses considerados incapazes devido à “baixa estirpe”⁷⁴ dos colonizadores portugueses que eram degenerados e por prostitutas⁷⁵.

Nina Rodrigues valorizava o que chamou de “raças puras”. Para ele, híbridos constituiriam um problema, pois ao se reproduzir podiam gerar indivíduos que voltassem às formas ancestrais, o que na época de Darwin se chamava regressão ou atavismo. Por exemplo, assim como os mulatos poderiam gerar descendentes brancos, poderiam também gerar descendentes negros. Desse modo, o autor considerava melhores os mestiços que tendessem para as raças puras (a branca) do que aqueles que delas se afastassem. Ou seja, a seu ver, mulatos mais claros seriam superiores racialmente a mulatos mais escuros. Ele considerava os indivíduos negros e indígenas como raças inferiores. Nesse caso, de nada adiantaria o contato com a civilização ou a “domesticação” porque em algum momento a natureza ancestral selvagem afloraria⁷⁶. Essa natureza se refletia na falta de harmonia em relação ao desenvolvimento físico e mental de índios, negros e mestiços. Por essas razões, eles não poderiam ter as mesmas responsabilidades que os brancos. Nas palavras de Nina Rodrigues:

Ora, como estes estados psíquicos dominam os crimes contra pessoas, tanto quanto os crimes contra propriedade, é intuitivo que por defeito de organização, por insuficiência e desarmonia do desenvolvimento fisiopsicológico, não só o índio e o negro, mas ainda seus mestiços devem ser menos responsáveis que os brancos civilizados⁷⁷.

⁷³ Skidmore, *Preto no branco*, p. 6; Márcia das Neves, *Nina Rodrigues: as relações entre mestiçagem e eugenia na formação do povo brasileiro*, p. 6.

⁷⁴ A respeito da teoria das estirpes de Francis Galton, ver por exemplo, Andreza Polizello, *Modelos microscópicos de herança no século XIX: a teoria das estirpes de Francis Galton*, capítulo 3.

⁷⁵ Nina Rodrigues, *Os africanos no Brasil*, p. 16; Márcia das Neves, *Nina Rodrigues: as relações entre mestiçagem e eugenia na formação do povo brasileiro*, p. 6.

⁷⁶ Raimundo Nina Rodrigues, *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil* (Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1933), p. 114.

⁷⁷ Nina Rodrigues, *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, p. 147, *apud*, Márcia das Neves, *Nina Rodrigues: as relações entre mestiçagem e eugenia na formação do povo brasileiro*, p. 28.

Assim, como explica Márcia das Neves, isso mostra que para Nina Rodrigues, os estados psíquicos seriam transmitidos através de uma herança que seria desorganizada e insuficiente nos negros e índios⁷⁸. Partindo deste pressuposto, propôs que os crimes cometidos por negros ou mestiços deveriam ser analisados sob um ponto de vista racial. Entretanto, essas idéias de Nina Rodrigues não tinham qualquer fundamento em relação à ciência da época. Não havia nada que corroborasse a superioridade de uma raça sobre outra ou dos diferentes tipos de mestiços.

Em meados do século XX, muitas vezes eugenia e higiene estiveram relacionadas. Estas concordavam em vários aspectos em diálogos que envolveram diferentes sujeitos e segmentos sociais que, com similaridades e diferenças, apresentavam cada qual a sua compreensão e as suas alternativas para superar os problemas nacionais.

Como foi possível perceber a partir do que foi discutido nesta seção, o processo de colonização do Brasil enfrentou vários problemas que iam desde a grande extensão geográfica, a diversidade dos povos que habitavam ou passaram a habitar o território nacional. Nesse sentido, ocorreu a miscigenação.

Durante vários períodos da história do Brasil, até chegar à República, as elites consideravam que a miscigenação deveria chegar ao ideal europeu, no sentido de um branqueamento. Nesses vários períodos havia a idéia da superioridade de algumas raças sobre outras. Esta idéia se baseava principalmente no preconceito, pois não estava fundamentada na ciência desses períodos.

2.2 AS IDÉIAS POSITIVISTAS E O DISCURSO CIENTÍFICO

A noção comtiana sobre a inteligência humana é sistematizada na conhecida “Lei dos três Estados”: o teológico, o metafísico e o positivo. Cada um dos estados constituintes do desenvolvimento progressivo da inteligência

⁷⁸ Márcia das Neves, *Nina Rodrigues: as relações entre mestiçagem e eugenia na formação do povo brasileiro*, p. 22.

humana apresenta características peculiares, a saber: no estado teológico, o homem busca conhecer a natureza íntima dos seres e as causas primeiras e finais dos fenômenos, desejando, com isso, obter conhecimentos absolutos e alcançar os agentes sobrenaturais. Passa por fases progressivas internas no mesmo estado, há uma crença comum de que as forças sobrenaturais, intervêm nos eventos que estão em torno da vida dos homens. Trata-se da “infância” da humanidade⁷⁹.

No estado metafísico, o homem busca as forças abstratas e as entidades ou abstrações personificadas, capazes de engendrar todos os fenômenos por si mesmos e que são captáveis pela racionalidade humana. A noção explicativa de “natureza” exemplifica essa noção, o que, evidentemente, o espírito positivo desprezava como o faz em relação à idéia de “causalidade”.

No estado positivo manifesta-se uma tendência humana em renunciar a busca pelas noções absolutas, causa íntima, origem ou destino das coisas, vindo corrigir a anarquia especulativa ou os exercícios fáceis e ociosos do espírito humano carente da base objetiva associada à sociabilidade. Os homens, no estado positivo, portanto, apresentam-se maduros para conhecer os fenômenos pela descoberta das suas “leis”, ou seja, das relações invariáveis que os comandam. E isso tornando possível, simplesmente, pelo raciocínio e pela observação. Esse conhecimento denota a existência de ligação entre os fatos particulares e alguma noção geral, o que tende a tornar-se menos numeroso pelo progresso contínuo da ciência.⁸⁰

Desde 1850, o positivismo infiltrou-se em várias instituições brasileiras como, por exemplo, a Escola Militar do Rio de Janeiro, a Escola da Marinha, o Colégio Pedro II, a Escola de Medicina, e a Escola Politécnica, o pensamento de August Comte, difundido pelo *Curso de Filosofia Positiva*⁸¹.

Os ideais dogmáticos da ciência positivista serviram de base para a política para a recém proclamada República, sendo que grande parte dos intelectuais deste período eram adeptos ou simpatizantes desta causa. Alguns

⁷⁹ Auguste Comte. *Cours de philosophie positive*, vol. 1, (Paris: Herman, 1975), Capítulo 1.

⁸⁰ João Carlos da Silva. *O amor por principio, a ordem por base, o progresso por fim: as propostas do apostolado positivista para a educação brasileira (1870-1930)*. Tese de Doutorado (Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2008).

⁸¹ João Carlos da Silva. *O amor por principio, a ordem por base, o progresso por fim: as propostas do apostolado positivista para a educação brasileira (1870-1930)*. p.37.

exaltavam os ensinamentos de Augusto Comte, mesmo que com pouca clareza de seu conteúdo. Outros reconheciam o caráter inovador dessa filosofia, expressando suas idéias políticas, econômicas e educacionais. Tema recorrente entre os positivistas foi à necessidade de elaborar e propor medidas de natureza pedagógica, social e política. No Brasil, a entrada e a expansão da doutrina positivista ocorreram pela imprensa, no parlamento, nas escolas, na literatura e na academia em suas diferentes formas de adesão, produzindo um clima de grande entusiasmo por seu conteúdo de modernização das idéias⁸².

O positivismo identificou-se logo, no Brasil, com as ciências aplicadas, que começavam a ganhar respeitabilidade junto à elite pensante. Estudantes brasileiros de matemática ou engenharia no Rio, por volta de 1860, ouviam de seus professores que as doutrinas filosóficas de Auguste Comte eram a aplicação lógica da ciência à sociedade⁸³.

Na área médica, Luis Pereira Barreto (1840-1923) contribuiu para a difusão do positivismo como higienista, defensor da saúde pública. Aliado à campanha de vacinação contra a varíola, argumentou que o cidadão comum, não tendo luzes para discernir corretamente sobre tão complexo assunto, deveria aceitar por fé científica os que entendessem realmente da questão⁸⁴. Ou seja, a supervalorização da ciência como conhecimento seguro e fora de discussão.

De acordo com Edivaldo Góis Junior, no que se refere à relação positivismo e saúde pública, podemos apontar duas correntes principais dentro do movimento higienista. Uma de cunho principalmente técnico, que não se envolvia em discussões sobre a filosofia positiva. Dela faziam parte Oswaldo Cruz e Carlos Chagas. A outra, constituída por profissionais da saúde ativos nas discussões filosóficas como Luís Pereira Barreto, Afrânio Peixoto e Belisário Pena. Havia divergências entre as duas escolas rivais⁸⁵.

É interessante perceber que os positivistas ortodoxos do Rio de Janeiro eram contra a obrigatoriedade da vacina, argumentando que essa atitude

⁸² João Carlos da Silva. *O amor por principio, a ordem por base, o progresso por fim: as propostas do apostolado positivista para a educação brasileira (1870-1930)*, p. 94.

⁸³ Ibid.

⁸⁴ Mozart Pereira Soares. *O positivismo no Brasil*. (Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: 1998), p. 29.

⁸⁵ Edivaldo Góis Júnior. "Higienismo e positivismo no Brasil: unidos e separados nas campanhas sanitárias (1900-1930)". *Dialogial*. 2. (2003): p 5.

invadia as liberdades individuais. De acordo com Góis Júnior, isso consistia em uma estratégia política para usar a revolta popular em seu favor, derrubando os positivistas heterodoxos liberais, representados pelos paulistas Rodrigues Alves (Presidente) e Pereira Passos (Prefeito do Rio de Janeiro) ⁸⁶.

Os monarquistas, positivistas, operários, militares e outros grupos formaram uma “liga contra a vacina obrigatória”. A imprensa se posicionou contra a vacinação, divulgando *charges* que ridicularizaram o processo. Apesar disso, o projeto de lei foi aprovado no dia 9 de novembro de 1904. A esses episódios seguiu-se um motim que paralisou a cidade do Rio de Janeiro durante uma semana. Uma insurreição militar tentou depor Rodrigues Alves, sem sucesso ⁸⁷.

É interessante perceber que os positivistas ortodoxos do Rio de Janeiro eram contra a obrigatoriedade da vacina, argumentando que essa atitude invadia as liberdades individuais. De acordo com Edivaldo Góis Júnior, isso consistia em uma estratégia política para usar a revolta popular em seu favor, derrubando os positivistas heterodoxos liberais, representados por Rodrigues Alves e Pereira Passos ⁸⁸.

Entretanto, sabemos que havia outras razões para o ataque e críticas à obrigatoriedade da vacinação. Uma delas foi a falta de compreensão do processo de imunização. Havia dúvidas sobre sua eficácia. Parecia que nem sempre a vacina protegia as pessoas da doença. Por outro lado, em certos casos a vacinação era perigosa já que muitos morriam devido à inoculação ⁸⁹.

⁸⁶ Edivaldo Góis Júnior. “Higienismo e positivismo no Brasil: unidos e separados nas campanhas sanitárias (1900-1930)”. *Dialogia*. Vol. 2. 2003. p 5.

⁸⁷ Roberto de Andrade Martins, Lilian Al-Chueyr Pereira Martins, Maria Cristina Ferraz de Toledo e Renata Rivera Ferreira, *Contágio. História da prevenção das doenças transmissíveis*. São Paulo: Editora Moderna, 1997, p. 194.

⁸⁸ Edivaldo Góis Júnior. Higienismo e positivismo no Brasil: unidos e separados nas campanhas sanitárias (1900-1930). *Dialogia*. Vol. 2. 2003. p 5.

⁸⁹ Roberto de Andrade Martins, Lilian Al-Chueyr Pereira Martins, Maria Cristina Ferraz de Toledo e Renata Rivera Ferreira, *Contágio. História da prevenção das doenças transmissíveis*. (São Paulo: Editora Moderna, 1997), p. 193.

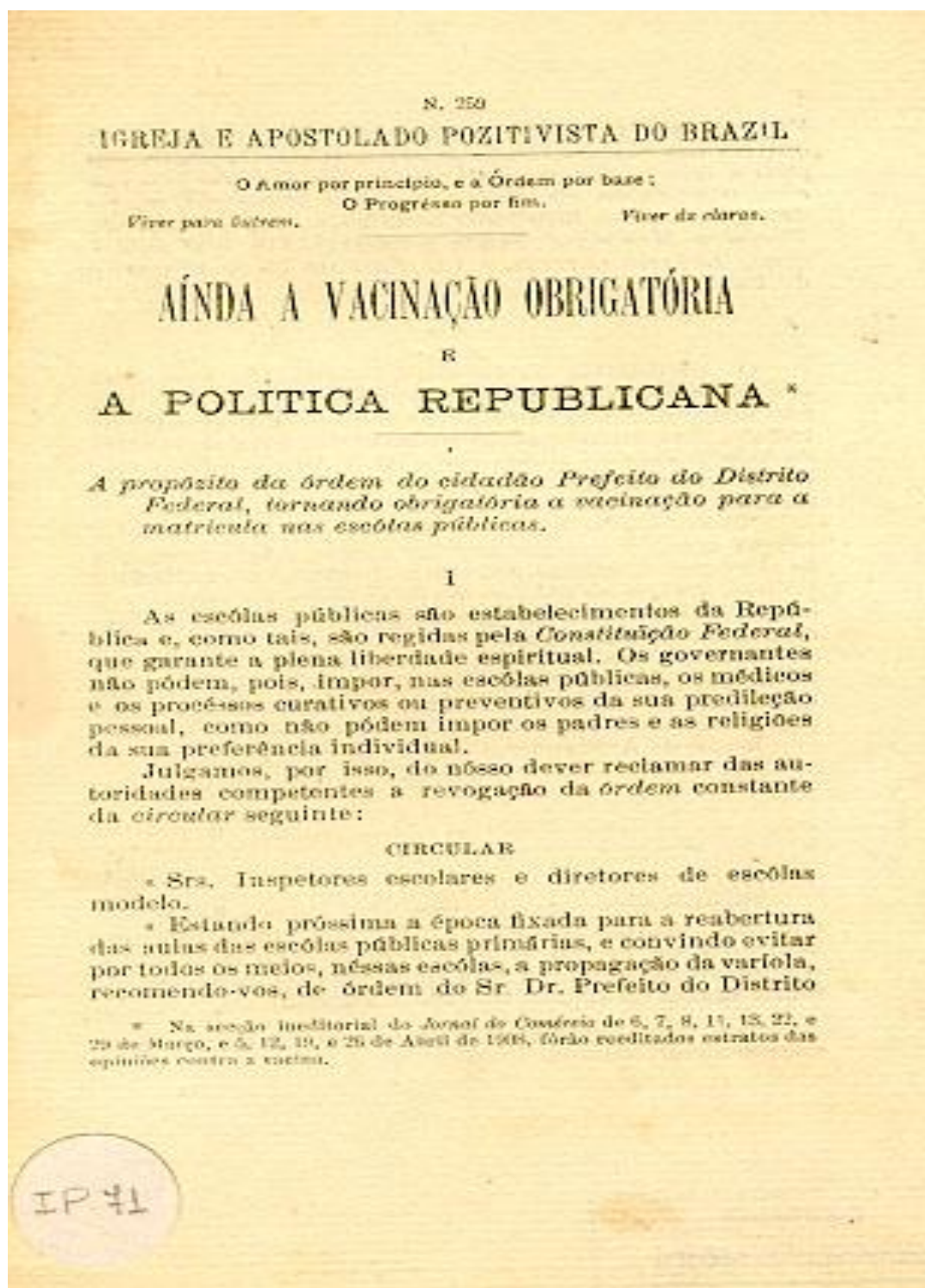


Figura 1. Panfleto publicado pela Igreja Positivista do Brasil defendendo ponto de vista contrário à vacinação obrigatória. Rio de Janeiro, 1908. (Coleção IP 71fBb – CPDOC) <http://www.fgv.br/cpdoc/guia/detalhesfundo.aspx?sigla=IP>. Acesso em 14/01/2010.

Enfim, ser positivista no Brasil no período de 1900 a 1930, não era propriamente ser um conhecedor da Lei dos Três Estados; significava, sobretudo, acreditar na ciência, que era um pensamento bastante reivindicatório em um período no qual a Igreja Católica ainda contava com forte poder político no Brasil; os adeptos dessa corrente foram os defensores da ciência em uma sociedade cristã e católica⁹⁰.

Como veremos mais adiante nesta tese, muitos eugenistas que publicaram em *Boletim de Eugenia* eram positivistas e daí a necessidade de colocar a eugenia como ciência para valorizá-la e torná-la respeitada. Nessa época, a valorização da ciência e a idéia de progresso que já estavam presentes no século XIX eram ainda muito fortes⁹¹.

⁹⁰ Edivaldo Góis Júnior. Higienismo e positivismo no Brasil: unidos e separados nas campanhas sanitárias (1900-1930) p. 3.

⁹¹ Ver a respeito em Robert Nisbet, *História da idéia de Progresso*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1985.

CAPÍTULO 3

AS IDÉIAS EUGÊNICAS NO PERIÓDICO *BOLETIM DE EUGENIA*

Boletim de Eugenia foi publicado entre os anos de 1929 e 1933 sob responsabilidade do Instituto Brasileiro de Eugenia tendo como diretor o médico e farmacêutico Renato Kehl. Nos primeiros três anos sua periodicidade foi mensal. Posteriormente, passou a ser trimestral, tendo geralmente de 4 a 10 páginas. Nele, eram publicados artigos de diversos autores, sendo que os assuntos diferiam conforme os interesses do editor.

A publicação de *Boletim de Eugenia* procurava atender a um dos objetivos propostos por ocasião da fundação do Instituto Brasileiro de Eugenia, ou seja, ser um instrumento de propaganda da educação eugênica. Nas palavras de Renato Kehl:

[...] o Instituto teria três secções distintas: uma de propaganda, uma de atividade prática e outra de estudos científicos. A primeira se incumbiria de organizar e de manter inteligente e constante *propaganda de educação eugênica pelas revistas e jornaes profanos*, de distribuir folhetos e cartazes com os ensinamentos a popularizar [...] ⁹².

Uma das metas de *Boletim de Eugenia* consistia em promover o movimento eugenista despertando o interesse público para os problemas do país que, segundo os eugenistas, teriam origem racial.

⁹² Renato Kehl. "Instituto Brasileiro de Eugenia". *Boletim de Eugenia* 1(2, fev.1929), p.1.

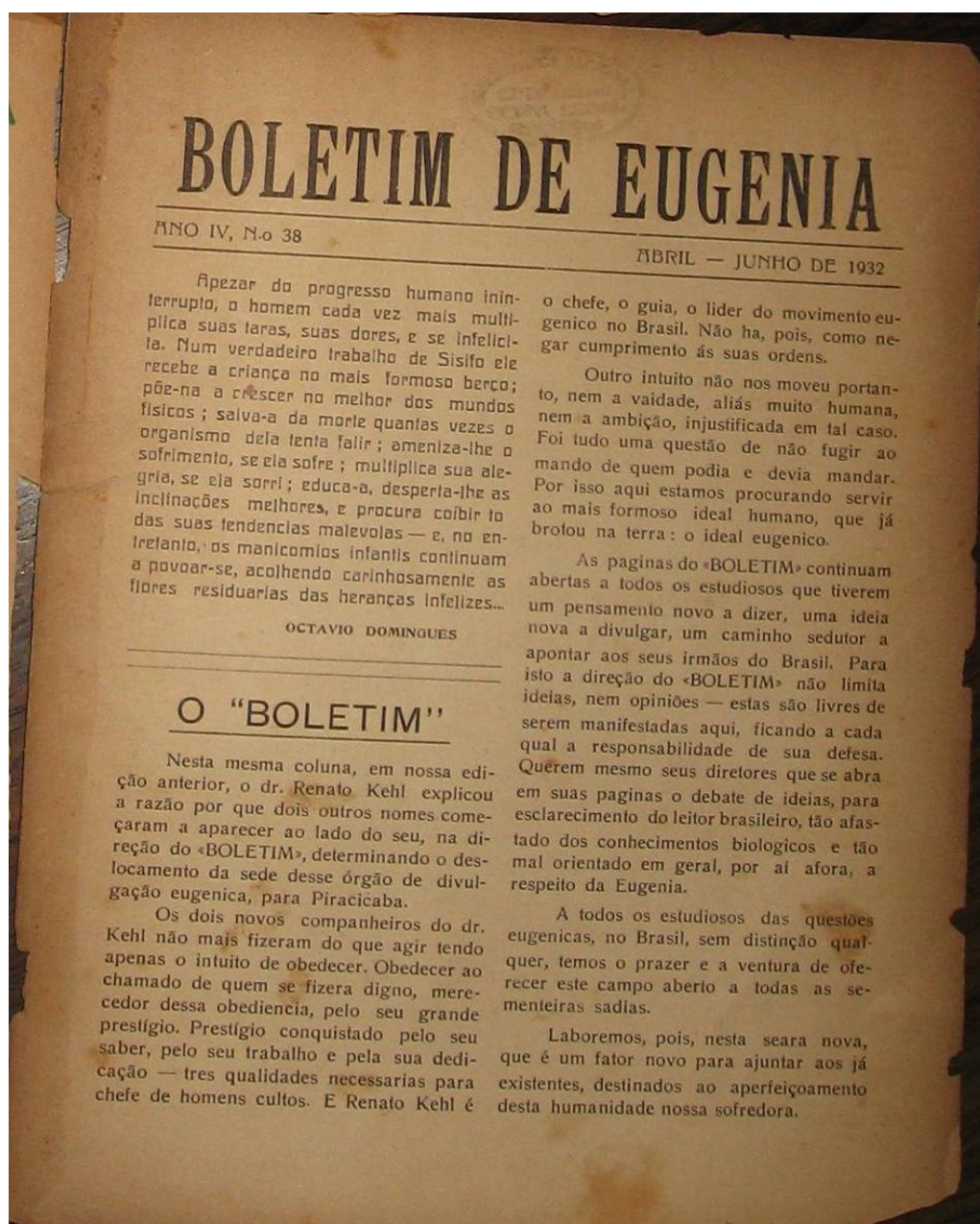


Figura 2. *Boletim de Eugenia*. (38, abril-junho 1932).

A partir de julho de 1929, o *Boletim de Eugenia* foi anexado como separata de uma revista que tinha uma boa circulação nacional entre médicos, farmacêuticos e intelectuais de outras áreas, a *Medicamenta*. O interesse do diretor Renato Kehl em aceitar o convite oferecido por Theophilo de Almeida⁹³,

⁹³ Médico, diretor e proprietário da Revista *Medicamenta*.

era tornar a eugenia conhecida principalmente entre os intelectuais da época, e difundi-la como uma ciência a ser ensinada nas escolas e nas academias do país.

Podemos considerar dois momentos significativos e distintos na publicação de *Boletim de Eugenia*. Nos primeiros anos de publicação, de 1929 a 1931, eram aceitos artigos, trabalhos apresentados em congressos nacionais e internacionais sobre eugenia ou áreas relacionadas bem como propaganda de obras tratando da eugenia como os livros do editor Renato Kehl. Quanto aos trabalhos de pesquisadores de outros países, eles podiam ser traduzidos para o português ou não. Dentre os trabalhos que aparecem em seu idioma original e na íntegra, podemos citar: “El siglo medico”⁹⁴, de autoria de Victor Delfino; “Brazil’s sun”⁹⁵, de Renato Kehl; “La race et les moeurs”⁹⁶, de Victor Margueritte; “Eugenische umfrage”⁹⁷, “ e “The first eugenics movements in Brazil”; “Eugenics in Brazil”, “Brazilian Institute of eugenics; a new scientific association organized”, “Brazilian central committee for the study and propaganda of eugenics”⁹⁸, de Renato Kehl .

Nos três primeiros anos de publicação, encontramos artigos que tratavam de assuntos que direta ou indiretamente estavam relacionados com a eugenia. Por exemplo, educação, imigração, leis da hereditariedade, cultura nacional, casamento, doenças, classe social, entre outros.

Em março de 1931 foi criada no Rio de Janeiro a Comissão Central Brasileira de Eugenia, composta apenas por 10 membros efetivos a qual tinha por objetivos:

- a) manter no país o interesse pelo estudo das questões de hereditariedade e eugenia;
- b) propugnar pela difusão dos ideais de regeneração psíquica e moral do homem;
- c) prestigiar ou mesmo auxiliar os empreendimentos científicos ou humanitários de caráter eugênico e dignos de apreço⁹⁹.

⁹⁴ Victor Delfino, “El siglo medico”. *Boletim de Eugenia* 2 (21, set.1930), p.2.

⁹⁵ Renato Kehl, “Brazil’s sun”, *Boletim de Eugenia* 2 (23, nov.1930), p.7.

⁹⁶ Victor Margueritte, “La race et les moeurs”, *Boletim de Eugenia* 3 (25, jan.1931), p. 7.

⁹⁷ Renato Kehl, “Eugenische umfrage”, *Boletim de Eugenia* 3 (28, abr.1931), p. 2.

⁹⁸ Renato Kehl, *Boletim de Eugenia*. 3 (28, abr./1931), pp.5-7.

⁹⁹ Renato Kehl, “A comissão central brasileira de eugenia”, *Boletim de Eugenia*. 3 (27, mar.1931), p.1.

A partir do ano de 1932, o *Boletim de Eugenia* entrou em uma nova fase devido à mudança da sede da Comissão Central Brasileira de Eugenia do Rio de Janeiro RJ, para Piracicaba SP. As alterações não ficaram apenas na mudança da sede da Comissão, mas se referiam também à periodicidade da publicação que passou de mensal para trimestral, além de priorizar trabalhos referentes às leis da hereditariedade escritos por integrantes da Comissão Central Brasileira de Eugenia. Há de se considerar ainda que a partir deste mesmo ano, Renato Kehl passou a dividir a direção do *Boletim* com Octavio Domingues (1897-1972) e Salvador de Toledo Piza Junior (1898-1988).

Devido à diversidade dos temas abordados e às particularidades dos posicionamentos dos eugenistas que publicaram seus artigos no *Boletim de Eugenia*, decidimos proceder nossa análise conforme o tema tratado. Utilizamos também, em alguns casos, outras fontes além do *Boletim*, onde aparecem também as idéias eugênicas desses autores, procurando proporcionar ao leitor, uma visão mais abrangente das mesmas.

Antes de tudo, gostaríamos de apresentar ao leitor alguns dos autores que publicaram no *Boletim de Eugenia*.

O médico divulgador da eugenia no Brasil Renato Ferraz Kehl se dedicou a difusão dos ideários eugenistas. Nasceu em Limeira (SP), a 22 de agosto de 1889, filho de Joaquim Maynert Kehl e Rita de Cássia Ferraz Kehl. Médico por formação sempre fez questão de ressaltar em seus artigos e livros publicados suas origens e atributos herdados da família, que indicavam ser procedente de uma excelente linhagem.

Lutando pela difusão e implantação das idéias eugênicas, Kehl realizou conferências no Brasil e em vários países, publicando cerca de 30 livros e inúmeros artigos em jornais. Durante alguns anos, foi representante da Farmacêutica Bayer no Brasil; exerceu também o cargo de inspetor sanitário rural do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), no qual organizou o Serviço de Educação Sanitária ligado à Inspetoria da Lepra e das Doenças Venéreas¹⁰⁰.

¹⁰⁰ Ricardo Augusto dos Santos. *Eugenia, saneamento e educação. O eugenismo de Renato Kehl (1917-1937)*. In. <http://www.rj.anpuh.org/Anais/2004/Simposios%20Tematicos/Ricardo%20Augusto%20dos%20Santos.d> oc acesso em 10/08/2009.

3.1 CULTURA E IDEAL SOCIAL

Boa parte da constituição cultural em nosso país deu-se pela acentuada contribuição dos imigrantes e dos nativos que nele já habitavam. O reconhecimento dessas particularidades em nossa sociedade atualmente desperta o patriotismo como sinal de identidade nacional entre os brasileiros. A miscigenação do nosso povo geralmente é, de um modo geral, associada a uma “feliz” mistura racial entre europeus, africanos e ameríndios. No entanto, nem sempre foi bem aceita pela sociedade brasileira, principalmente pela elite, como vimos no capítulo 2 desta tese.

Renato Kehl mostrou o seu desprezo pelos festejos populares como Carnaval, por exemplo. Ele criticou as características físicas e o comportamento das pessoas que participavam desta festividade. Ele assim se expressou:

[...] a fealdade physica e a degradação moral aproveitam a oportunidade para se exhibirem com todo seu repugnante e verdadeiro aspecto. Os indivíduos não põem mascara, tiram-na. Todo o resíduo informe da plebe, por influencia diabólica dos maus instinctos, do álcool e do vicio sobrenada vem à tona para misturar-se com a parte melhor do povo. [...] Asneiras de toda sorte são commetidas; a nossa plebe é feia, desengonçada e doente [...] ¹⁰¹.

Ao comentar: “resíduo informe da plebe” e “a nossa plebe é feia, desengonçada e doente”, Renato Kehl manifestava seu desprezo às características culturais e aos aspectos físicos do povo brasileiro. Neste sentido, pode-se compreender em seu discurso que os aspectos de classe (plebe) são associados a fatores de inferioridade física, intelectual e moral (feia, desengonçada, doente, maus instinctos). Por outro lado, os concursos de beleza realizados no país neste período, sobre os quais trataremos mais adiante,

¹⁰¹ Renato Kehl, “Scenas deprimentes”, *Boletim de Eugenia*. 1 (2, fev.1929), p. 3.

procuravam valorizar outras características que se opunham a algumas dentre as citadas acima e que seriam as desejáveis, em termos eugênicos.

Uma modalidade de concurso da época eram os concursos de eugenia como, por exemplo, o 1º Concurso de Eugenia realizado em São Paulo. Sob orientação do Serviço Sanitário do Estado, este concurso atraiu um grande número de inscritos (70 candidatos). Como seus familiares se preocuparam com os ditames morais, Kehl considerou esta iniciativa como “um ensaio de patronagem da futura elite nacional” ¹⁰².

Nesse concurso, Adenir Ferreira de Carvalho, 3 anos de idade, foi selecionada entre 70 candidatos para receber o prêmio do ano. Além dos atributos físicos e mentais, a comissão julgadora avaliou a ascendência da menina considerando-a “a primeira brasileira oficialmente eugenizada”. Renato Kehl comentou:

[...] o alto interesse dos paes, que se preocupavam em discernir as possibilidades de victoria apresentadas pelos filhos: pesando os elementos individuaes e hereditários com que contavam os filhos para o concurso; discutindo em família os prós e os contra; estudando os antepassados, procedendo a uma devassa na vida de cada um, orgulhando-se ou revoltando-se contra as suas qualidades ou defeitos phisicos, psychicos e mentaes [...] ¹⁰³.

O concurso de “misses” vinha, há muitos anos ganhando destaque nacional valorizando a diversidade cultural e física das candidatas que representavam os estados do país. Em artigo publicado em 1929¹⁰⁴, Kehl fez alguns comentários sobre a escolha da “Senhorita Brasil” que iria representar o país em um concurso internacional de beleza. Segundo o mesmo, a eugenia não se preocupava especificamente com a beleza física, mas com equilíbrio das faculdades psíquicas e mentais. No entanto, o autor ressaltou que se predominasse o gosto e a escolha do grande público, o resultado seria um completo desastre. Esta atitude mostra o desprezo que ele tinha pelo povo em

¹⁰² Renato Kehl. “Scenas deprimentes”, *Boletim de Eugenia*. 1 (2, fev.1929), p. 3.

¹⁰³ Renato Kehl, “Pelo aperfeiçoamento da nacionalidade”, *Boletim de Eugenia*. 1(5, mai.1929), p. 1.

¹⁰⁴ Renato Kehl, “Concurso de belleza. Senhorita Brasil”, *Boletim de eugenia*. 1(5, mai.1929), p. 1.

geral e como um todo. Este povo, a seu ver, não seria capaz nem de fazer escolhas adequadas.

O posicionamento de Kehl correspondia, de um modo geral, ao posicionamento adotado pela maioria dos autores do *Boletim*. Entretanto, na época, havia outras posições, como por exemplo, a de Edgar Roquette-Pinto (1884-1954). Este ressaltava que o concurso de misses possuía o caráter de uma prova eugênica visto que os juízes procuravam eleger o ‘tipo brasileiro’, o mais belo tipo da mulher branca nascida no Brasil.

O concurso teve o grande mérito de chamar a atenção de todo o país para o “problema da raça”. Seria lastimável não concorrer para que ele se transforme em coisa realmente bela e significativa: um grande povo, quarenta milhões de indivíduos, anualmente festejando os seus filhos mais prendados em todo sentido; mais fortes, mais lindos, mais dignos, por si e pelos seus antepassados, de representar o ideal da sua gente¹⁰⁵.

Percebemos nesta citação que Roquette-Pinto tinha uma visão menos radical que a de Kehl, embora estivesse se referindo ao “mais belo tipo da mulher branca nascida no Brasil”. Neste caso, ele não estava considerando o povo brasileiro. Esta posição, aparentemente tomada por Roquette-Pinto, contrasta com outras posições que ele adotou em relação à mestiçagem como veremos mais adiante neste capítulo.

3.2 FILANTROPIA E DEGENERAÇÃO RACIAL

Renato Kehl defendeu que o meio não exerce influência sobre o indivíduo, e que ações de ordem filantrópica não favorecem o desenvolvimento da raça. Em suas palavras:

A sociedade esforça-se para defender a vida dos medíocres, dos débeis e degenerados; descuida-se, entretanto, de amparar e

¹⁰⁵ Edgar Roquette-Pinto, *Seixos Rolados*. (Rio de Janeiro: Mendonça, Machado & C. 1927), p. 37.

estimular os indivíduos normais e capazes, aos quais falta, muitas vezes, um modesto apoio para progredirem e se tornarem fatores benéficos para a coletividade¹⁰⁶.

Na opinião do Editor do *Boletim*, os medíocres são muito mais prolíficos do que os normais; as crianças de boa linhagem precisam muito mais de recursos que favoreçam o seu desenvolvimento físico e intelectual, para que possam contrair matrimônio em idade adequada do que os degenerados, e assim favorecer o aumento e desenvolvimento da boa linhagem¹⁰⁷. Ou seja, seria necessário que a sociedade investisse mais em cidadãos normais, o que traria muito mais retorno. Nesse sentido, Kehl adotava uma posição contrária à filantropia. Ele tinha como ideais eugênicos:

1. Evitar todas as causas que, atuando maleficamente sobre o plasma germinal, deteriore as sementes reprodutoras (álcool, tabaco, cocaína, etc); (...) nessas condições, o indivíduo deve resguardar-se, higienicamente, de tais doenças e de tais vícios degeneradores. No caso de se achar em más condições de saúde, de sofrer de uma dessas doenças ou de se achar sob a ação de tóxicos, ficará inibido temporária ou definitivamente de se casar ou, se for casado, de permitir que as suas sementes avariadas se ponham em contacto com as células do sexo oposto, fecundando-as¹⁰⁸.

Para Octavio Domingues, degenerado seria o indivíduo que não fosse adaptado à vida e isso se aplicava aos seres vivos em geral (animais ou plantas). Para ele, as pessoas estéreis, epiléticas, alcoólicas eram degeneradas, e seu aparecimento deveria ser evitado. Para Kehl, uma maneira de evitar o surgimento de degenerados seria incentivar casamentos dentro de uma mesma raça. Já para Domingues, a união entre pessoas de raças

¹⁰⁶ Renato Kehl, "Os erros da filantropia: filantropia contra-seletiva", *Boletim de Eugenia*. 3 (32, ago.1931), p. 1.

¹⁰⁷ Ibid., p. 3.

¹⁰⁸ Ibid.

diferentes contribuiria para melhorar a população brasileira e evitar o surgimento de degenerados¹⁰⁹.

3.3 IMIGRAÇÃO

Dentre os vários temas tratados no *Boletim de Eugenia*, bem como em outros trabalhos de eugenistas no Brasil, a imigração foi um dos mais discutidos e polêmicos. A discussão em torno da entrada de imigrantes, a procedência e a contribuição destes grupos na formação sócio/econômica do país nos remete a períodos anteriores: a própria proclamação da República, onde o Brasil era visto como destino próspero de trabalho e de paz ante os constantes conflitos ocasionados em meados do século XIX, como vimos no Capítulo 2 desta tese.

Como mencionamos brevemente no Capítulo anterior, as teorias raciais e o interesse político do branqueamento da população, eram considerados por alguns políticos do período que se seguiu à abolição da escravidão (1888), como uma medida que facilitaria a implantação do liberalismo econômico no país¹¹⁰. Essas medidas foram discutidas e colocadas sob a forma de decreto, antes mesmo da promulgação da nova Constituição republicana. Nas palavras de Thomas Skidmore:

É inteiramente livre a entrada nos portos da República, dos indivíduos válidos e aptos para o trabalho, que não se acharem sujeitos a ação criminal do seu país. Excetuados os indígenas da Ásia ou da África que somente, mediante autorização do Congresso Nacional poderão ser admitidos, de acordo com as condições estipuladas. (...) A polícia dos portos da República impedirá o desembarque de tais indivíduos, bem como o de mendigos e indigentes¹¹¹.

¹⁰⁹ Waldir Stefano, *Octavio Domingues e a eugenia no Brasil: uma perspectiva mendeliana*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 2001, pp. 22, 23, 24.

¹¹⁰ Thomas E. Skidmore, *Preto no branco. Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. 2ª ed. (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976), p. 214.

¹¹¹ Skidmore. *Preto no branco. Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*, p. 215.

No final do século XIX discutiu-se se haveria ou não interesse na entrada de imigrantes chineses no Brasil. O Brasil precisava de “sangue novo”, não de “suco envelhecido e envenenado” de “constituições exaustas, degeneradas”. Autores como Meneses e Souza baseavam sua visão na existência de uma superioridade de algumas raças sobre outras na “verdade antropológica” segundo a qual a raça chinesa “é abastarda e faz degenerar a nossa”. No debate parlamentar travado frente à questão, deputados questionavam: “precisamos levantar o nível moral deste país. Quer-se ambas as coisas: moralidade e trabalho, os chineses não se enquadram nessa moldura. O negro melhora-se, o ‘chin’ é impossível”¹¹².

Nos anos que se seguiram à proclamação da República, com o aumento do fluxo de imigrantes no país, a questão da imigração foi motivo de preocupação e se tornou um dos temas de discussão entre os eugenistas e simpatizantes da causa pró-eugenia no país, o que transparece em várias publicações desses autores:

[...] os aborígenes da Ásia, qualquer que seja o seu valor, são absolutamente inassimiláveis no Occidente, por diferenças fundamentais de religião, de língua, de índole e de costumes [...] ¹¹³.

Nesta citação, Kehl está se referindo na verdade aos imigrantes japoneses que ele considerava inferiores sob vários aspectos.

Tanto a elite intelectual quanto os governantes do país na época, reprovavam a imigração asiática, principalmente dos povos de origem japonesa e chinesa discriminando-os pelas suas características culturais, religiosas e principalmente pelos traços físicos peculiares do povo oriental. Eles consideravam seus traços físicos como não harmônicos com o estereótipo idealizado para a formação do povo brasileiro. O Presidente da República Washington Luis (1869-1957) manifestou sua preocupação ao Embaixador do Brasil em Tóquio, Antonio Nascimento de Feitosa:

¹¹² Skidmore, *Preto no branco. Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*, pp. 42-43.

¹¹³ Renato Kehl “Archivando. A academia nacional e os imigrantes japonezes”, *Boletim de Eugenia* 1 (9,set. 1929), p.3.

[...] imigração japonesa no país poderia ocasionar três grandes problemas como um conflito agrícola com os produtores, cuja carestia de trabalho impediria a concorrência com o japonês; a questão da raça que, já tão misturada entre nós, ainda seria para pior, e as complicações de ordem interna e externa a que os grandes agrupamentos de japoneses nos poderiam arrastar¹¹⁴.

O parlamentar Pedro Calmon ao se referir ao trabalho do Brasil em favor do branqueamento da população, explicou:

Em 1768 havia na Bahia um branco para 19 pretos, e no Rio de Janeiro um para 17 pretos. Ora, conhecida a fertilidade da raça negra, muito maior que a da branca, imaginem os senhores constituintes como está misturado o nosso sangue com o dessa raça. Por isso mesmo, podemos dizer que, se já prestamos um tão grande serviço à humanidade na mestiçagem do preto, é o bastante. Não nos peçam outras coisas, tanto mais quanto ainda não completamos a primeira. A do amarelo, a outrem deve competir¹¹⁵.

De um modo geral, a mestiçagem de raças e suas culturas, na época eram vistas por grande parte da sociedade brasileira, principalmente pela elite nacional como um fator de degeneração e inferioridade. Entretanto, há posições diferentes como, por exemplo, a defendida por Octavio Domingues (1897-1972) ou de Roquette-Pinto, que eram favoráveis à mistura das raças branca e negra, justificando sua posição através da genética mendeliana. Nas misturas raciais haveria uma menor possibilidade de aparecimento de indivíduos com anomalias já que estas eram em sua maioria recessivas¹¹⁶.

¹¹⁴ Skidmore. *Preto no branco. Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*, p. 42.

¹¹⁵ Ibid.

¹¹⁶ Octavio Domingues, *Eugenia. Seus propósitos, suas bases, seus meios. (Em cinco lições)*. (São Paulo: Editora Nacional, 1933); Waldir Stefano, *Octavio Domingues e a eugenia no Brasil: Uma perspectiva mendeliana*. Dissertação de Mestrado (São Paulo: PUC, 2001), pp. 49-50.

Em artigo publicado no *Boletim de Eugenia* na edição de novembro de 1929, Antonio de Queiroz Telles do *Rotary Club* de São Paulo, abordava os principais problemas encontrados na política imigratória no que se refere à entrada de imigrantes africanos e asiáticos. Segundo o autor, uma raça diferente da nossa como a japonesa, por exemplo, produziria uma série de modificações em nossa estrutura étnica e em nossas características de nacionalidade: “Nós não podemos legalmente fomentar outra imigração que não seja a européia”¹¹⁷. Entretanto, esta afirmação não tinha qualquer embasamento nos estudos feitos pela ciência da época.

Renato Kehl em sua obra *Lições de Eugenia*, que considerava como a que melhor explicitava o pensamento do eugenista, manifestou sua preocupação com a entrada de imigrantes que não fossem provenientes da Europa. Considerando que esses por serem dotados de índole indefinida, mentalidade imprecisa, vícios políticos e sociais, através de uma imigração não programada, acarretariam prejuízos à raça branca. Entre as etnias mais prejudiciais para a formação do povo brasileiro ele incluiu a negra e a silvícola¹¹⁸.

Vale ressaltar que após tecer os comentários que reproduzimos acima, o eugenista acrescentou: “Não temos preconceito de raça”.

Kehl definiu alguns pontos para restringir a imigração no país, em relação às condições de ordem racial, étnica e política dos imigrantes¹¹⁹. A Comissão Central Brasileira de Eugenia apresentou um anteprojeto à Comissão que elaborava o Código de Imigração do país. Em relação às medidas de ordem coletiva foi proposto: “1. Proibição a toda imigração heterogênea ou promiscua, porque ela facilita a entrada dos piores elementos, dos quais o país de procedência tem todo interesse em se libertar”.

O anteprojeto esclareceu quais indivíduos seriam considerados desejáveis e quais seriam considerados indesejáveis como imigrantes:

Art. 9. São imigrantes desejáveis os indivíduos de cor branca, sadios, honestos, de qualquer nacionalidade.

¹¹⁷ Antonio de Queiroz Telles, “O problema immigratorio e o futuro do Brasil”, *Boletim de Eugenia*. 1 (11, nov.1929), p. 2.

¹¹⁸ Renato Kehl. *Lições de Eugenia*. (2ª Ed. Rio de Janeiro: 1935), p. 243.

¹¹⁹ *Ibid.*, pp. 243-248.

Art. 10. São imigrantes indesejáveis os indivíduos que, pela sua constituição étnica, física, psíquica ou moral, sejam julgados incompatíveis para a formação eugênica da nacionalidade, ou inassimiláveis e, portanto, impróprios para a formação racial, social e política do país.

No que tange ao cruzamento entre raças:

4º - O “mestiço”, resultante de misturas de raças diferentes, representa um tipo intermediário no qual se instalam a desarmonia e o desequilíbrio orgânicos, conseqüentes do “conflito” de caracteres incompatíveis;

5º - O mestiço, ao invés, pois de ser um produto superiorizado, é um produto não consolidado, fraco, meio caminho dos dois elementos que o constituíram;

6º - O mulato, o mameluco e o cafuso são tipos plasticamente feios na sua generalidade;

7º - Os mestiços sofrem de verdadeira discrasia constitucional que reflete sobre o equilíbrio psíquico e mental, perturbando-o¹²⁰.

A proposta acima reproduzida está em harmonia com o conteúdo da maior parte dos diferentes tipos de publicação da maioria dos autores que trataram de eugenia no Brasil. Nelas também transparece a preocupação com a entrada de imigrantes e a possibilidade de formação de uma etnia miscigenada no país. Considerava-se que a heterogeneidade das raças e a conseqüente miscigenação de um povo, eram fatores de degeneração que deveriam ser combatidos, pois ameaçavam não somente a constituição de uma raça eugenicamente perfeita, mas também a integridade sócio-cultural do Brasil. Além disso, que o mestiço era um tipo inferior sob todos os aspectos, inclusive do ponto de vista estético.

Esta visão transparece em obras literárias da época ou mesmo de um período anterior, o início do período republicano, como em *Os sertões* (1902)

¹²⁰ Renato Kehl. *Lições de Eugenia*. (2ª Ed. Rio de Janeiro: 1935), p. 243.

de Euclides da Cunha, onde havia uma condenação dos mestiços. Este autor atribuía a rebelião em grande parte à instabilidade emocional do sertanejo e especialmente à personalidade atávica do líder rebelde, Antonio Conselheiro. Como a maioria dos seus contemporâneos, Euclides não tinha uma definição satisfatória da raça. Acreditava numa hierarquia de raças, cada qual com suas características distintas. A população brasileira, afirmava, tinha surgido de três linhas originais: branca, índia e negra. Assumia, depois, que cada raça poderia produzir, por si só, uma sociedade estável, embora em diferentes planos de civilização. O perigo surgia quando as raças se misturavam. Tal mistura era vista como produzindo instabilidade pessoal e social¹²¹.

Preocupado com a grande proporção da mestiçagem, tentou explicar o comportamento dos sertanejos pelas suas origens raciais, repetindo as doutrinas comuns à sua geração. Acreditava num processo zoológico que levaria a mistura racial ao equilíbrio – “integração étnica” – mas só depois de um número não especificado de gerações. Tal processo preocupava Euclides por uma série de razões. Primeiro, ele acreditava que o sangue índio era um fator positivo, enquanto que o africano não era. Isso o levou a louvar a mistura do branco com o índio, e a considerar o mulato degenerado. Depois o fato de que uma tão grande parte do povo brasileiro (os sertanejos) estivesse ainda num estágio intermediário de desenvolvimento zoológico – “instável” - demais para aglutinar-se numa sociedade genuína o perturbava¹²².

Como já discutido no Capítulo 2 desta tese, considerava-se que o tipo racial ideal para a imigração era o europeu, de cor branca que contribuiria para o processo de branqueamento da população. Os eugenistas estavam certos de que o incentivo da imigração européia branca acarretaria uma melhora da índole e os aspectos físicos dos mamelucos, mulatos e cafusos, considerados tipos plasticamente feios.

Há poucos comentários referentes à imigração judaica no *Boletim* ou em outras publicações que consultamos a esse respeito. No entanto, quando esta é mencionada isso é feito como algo não desejável e prejudicial à formação do povo brasileiro, como transparece na citação que se segue:

¹²¹ Thomas E. Skidmore *Preto no branco. Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*, p. 123.

¹²² *Ibid.*, pp. 123; 124.

Diz-se repetidamente, que basta uma laranja estragada para apodrecer um cento delas. Que dizer de milhares de elementos estragados lançados no seio da população nacional? Setenta famílias descendentes de um mau Jacob, (se não fossem os fatores naturais de seleção que concorrem para exterminá-las), seriam bastante para constituir uma sub-raça de degenerados e criminosos. E quantos destes não entraram como imigrantes no país? ¹²³.

Renato Kehl interessava-se pela política eugênica de outros países, e em vários artigos presentes no *Boletim de Eugenia* fez referência a trabalhos de pesquisadores e eugenistas estrangeiros. A simpatia pelo ideal alemão e pela política eugênica instituída naquele país, foi por diversas vezes apreciada como modelo a ser seguido. Kehl enfatizou que “a eugenia deu um grande passo na Alemanha com o advento da política racista de Hitler” ¹²⁴.

Sobre como as leis da eugenia estavam contribuindo para a formação racial na Alemanha, Kehl fez alguns comentários sobre o recenseamento cuidadoso que havia sido feito na Alemanha. Através dele, havia sido possível detectar que cerca de oitenta mil crianças freqüentavam as escolas. Através das informações obtidas com o recenseamento havia sido possível examinar as qualidades físicas e raciais o que permitiu classificar a população em dois grupos distintos: famílias cuja descendência seria útil ao Estado e famílias cuja prole constituiria um encargo nacional. Este censo havia trazido informações relevantes para a proibição de casamentos entre raças diversas, com a finalidade de preservar a pureza da raça nórdica¹²⁵. Estava implícito que recenseamentos deste tipo podiam ser aplicados a outros países e que os dados obtidos permitiriam a adoção de medidas eugênicas.

Em outro artigo Kehl elogiou o trabalho do Instituto Alemão de Psiquiatria, onde eram desenvolvidas investigações sobre antropologia, teorias da hereditariedade e eugenia, tendo em vista a conservação das qualidades do

¹²³ Renato Kehl. *Lições de Eugenia*, p. 301.

¹²⁴ Ibid.

¹²⁵ Ibid.

povo alemão, aumentando o número de sadios de corpo e espírito naquele país¹²⁶.

Através do material analisado, foi possível perceber que a posição da maioria dos eugenistas da época era favorável à restrição e exclusão de determinadas etnias de imigrantes no Brasil.

Na comunicação apresentada no 1º Congresso Brasileiro de Eugenia, A. J. de Azevedo Amaral discutiu sobre as correntes de imigrantes e os objetivos políticos relacionados à formação de uma elite brasileira. Segundo o autor, o maior problema no Brasil consistia na formação de uma raça, de um tipo étnico novo por meio da seleção dos elementos de elite encontrados na própria população nacional. Somente atingindo o objetivo eugênico, o país poderia chegar ao progresso material e estabilidade moral da sociedade. Isso ocorreria através da obtenção de uma raça superior dotada de atributos físicos e intelectuais que permitiriam o desenvolvimento da cultura¹²⁷.

A Constituição de 16 de julho de 1934 ofereceu espaço para debates e emendas políticas de interesse dos eugenistas no tocante à entrada de imigrantes no país. Entre os textos sobre o assunto, merece destaque o do Deputado Miguel Couto, proibindo a entrada de imigrantes de origem africana e permitindo a entrada no país somente de 5% de imigrantes asiáticos¹²⁸.

O Departamento de imprensa e propaganda da Liga Brasileira de Higiene Mental em suas atribuições publicou inúmeros artigos referentes à eugenia e sua relação com possíveis problemas mentais da população. Em conferência realizada e posteriormente publicada pelo professor Mauricio de Medeiros, integrante desta mesma instituição, o autor tratou da imigração japonesa. Ele comentou que os imigrantes japoneses que já se haviam fixado no país tinham ultrapassando a cota estabelecida pela Constituição de 1934. Afirmou que o Brasil havia recebido um número expressivo de imigrantes

¹²⁶ Renato Kehl, "O instituto de eugenia", *Boletim de Eugenia*. 1 (6-7, jun./jul. 1929), p. 4.

¹²⁷ A. J. de Azevedo Amaral, "O problema eugênico da imigração", *Actas e Trabalhos do 1º Congresso Brasileiro de Eugenia*. 1 (Rio de Janeiro: 1929), p. 327.

¹²⁸ Valdemar Carneiro Leão. A crise da imigração japonesa no Brasil (1930-1934). (Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 1989), p. 84.

neuróticos e psicóticos devido às suas dificuldades de adaptação ao novo país¹²⁹.

Para a maioria dos eugenistas, a imigração neste período, longe de ser uma contribuição étnica para a formação do país, representava um problema nacional que deveria ser analisado segundo as origens do imigrante e os interesses econômicos do país.

3.4 EDUCAÇÃO

Um dos temas tratados por diversos autores que escreveram no *Boletim de Eugenia* foi a educação. As medidas voltadas para a educação consistiam na chamada “eugenia positiva”. Nas palavras de Octavio Domingues:

A eugenia positiva visa uma ação social que favoreça a fecundidade dos elementos normais, criando meio legais e humanitários que facilitem a vida familiar e aumentem os recursos indispensáveis á educação dos filhos. As medidas de ordem negativa são em geral de caráter proibitivo para os indivíduos portadores de um mal hereditário ou mesmo congênito, a fim de reduzir os elementos raciais inferiores¹³⁰.

Kehl comparou a educação com a medicina terapêutica, afirmando que dever-se-ia pensar no doente, antes da doença, no educando antes da educação¹³¹.

Segundo Kehl, as características herdadas eram mais importantes que as condições oferecidas pelo meio em que o indivíduo se encontrava. Ao afirmar que “quem é bom já nasce feito”, Kehl defendia que a educação possui limitações em relação às características hereditárias, e por assim ser os indivíduos deveriam ser educados conforme os atributos de cada organismo. A educação nesse sentido serviria para fazer transparecer as boas

¹²⁹ Renato Kehl. *Lições de Eugenia*, p. 95.

¹³⁰ Octavio Domingues, “Saúde, hygiene e eugenia”. *Boletim de Eugenia*. 2 (18, jun.1930), p. 2.

¹³¹ Renato Kehl, “Educação e Eugenia”, *Boletim de Eugenia*. 1(9, o I, set/1929), p. 1.

características, aflorar as qualidades inatas, as habilidades e aptidões não descobertas ou pouco exploradas. Ou seja, Kehl dava mais importância à *nature* do que à *nurture*. Ele assim, se expressou:

Não é por simples meios legais e educativos e nem sempre por processos correctivos, que se obtem typos fortes, belos e moralizados de homem, mas sim pelos fructos de uniões matrimoniaes entre indivíduos sadios, portadores, portanto, de sementes eugenizadas e em seguida pela protecção pré-natal dos mesmos¹³².

A humanidade se compõe de tres espécies de gente: gente innata intrinsecamente humana, gente domesticável ou gente doente ou indomável, esta ultima intangível a todos os processos e esforços educativos. (...) eis por que, a educação esbarra, impotente, em muitos casos, não conseguindo domesticar um indocil, cuja constituição é resultante de um processo hereditário irremovível¹³³.

A maioria dos autores que deixaram suas contribuições no *Boletim de Eugenia*, incluindo Kehl e Domingues, concordava em que somente através da educação e de condições sociais favoráveis à população, não seria possível introduzir mudanças significativas na nação. A herança era mais importante. Sem uma “boa herança”, os efeitos da educação não seriam significativos: O meio revela as fórmulas em potencial no genotypo dos seres, e nada mais¹³⁴. Por essas razões a genética deveria ser ensinada na escola, desde cedo: “E a Genética deve ser ensinada desde a Escola Primária, por ser a sciencia-mater da Eugenia, no relativo a todos os seres vivos; é a sciencia que ensina a apurar boas qualidades, á luz da Biologia”¹³⁵.

O ideal de educação para boa parte dos eugenistas, estava associado à formação da consciência eugênica com o intuito de que os jovens não

¹³² Renato Kehl, “Crescei e multiplicai-vos”, *Boletim de Eugenia*. 2 (18, jun.1930), p. 3.

¹³³ Renato Kehl, “Educação e Eugenia”, *Boletim de Eugenia*. 1 (9, set.1929), p. 2.

¹³⁴ Octavio Domingues, “O meio revela”, *Boletim de Eugenia*. 2 (16, abr.1930), p. 4.

¹³⁵ Renato Kehl, “O ensino da genética nas escolas primárias”, *Boletim de Eugenia*. 1 (11, nov.1929), p.2.

contraíssem matrimônio com raças e classes sociais diferentes. Tinha em vista que os casais pudessem gerar filhos eugenizados em número maior que os degenerados. Para tal fim, seria necessário que os jovens contraíssem matrimônio de forma antecipada, concorrendo para a formação de uma elite nacional. Ou seja, os jovens considerados eugenicamente sadios, deveriam ter filhos logo no início do matrimônio, de forma que o número de filhos fosse maior do que em casais degenerados, contribuindo assim para a formação do país.

Um dos objetivos dos eugenistas, principalmente os ligados a Comissão Central Brasileira de Eugenia era difundir a eugenia e ganhar credibilidade política frente ao governo.

Octavio Domingues acreditava que através do conhecimento dos princípios da hereditariedade e de sua divulgação bem como das recomendações eugênicas, que deveriam estar presentes em todas as etapas do processo educacional seria possível formar uma “consciência eugênica” no país. Através da educação, haveria a possibilidade de um controle de heranças, o que facilitaria o surgimento de boas heranças¹³⁶.

Em um de seus artigos, Domingues explicou como os programas de partidos políticos na época, organizaram seus projetos visando melhorias na educação segundo os parâmetros eugênicos. Segundo o autor, o PRP (Partido Republicano Paulista), muito sabiamente havia incluído na parte referente à organização educacional um item que previa a “organização de um plano geral para o desenvolvimento da eugenia no Brasil”¹³⁷.

Podemos acrescentar que nas Constituições de 1934 e 1937 há vários artigos que defendem os ideais eugênicos. Por exemplo, no Artigo 138 da Constituição de 1934, que determinava que à União, aos Estados e aos Municípios, nos termos das respectivas leis caberia:

a) Estimular a educação eugênica;

¹³⁶ Octavio Domingues, *Hereditariedade e eugenia*, pp. 19-20; 22-23 e 57; Domingues, *A hereditariedade em face da educação*, pp. 138-140; Waldir Stefano, *Octavio Domingues e a eugenia no Brasil: uma perspectiva mendeliana*, p. 30.

¹³⁷ Octavio Domingues, “A eugenia e os recentes programas políticos”, *Boletim de Eugenia*. 4 (39, jul./set. 1933), p.3.

f) Adotar medidas legislativas e administrativas tendentes a restringir a moralidade e a morbididade infantis; e de higiene social, que impeçam a propagação das doenças transmissíveis¹³⁸.

Muito provavelmente os incisos “b” e “f” do Artigo 138 da Constituição Federal de 1934 tenham tido forte influência dos deputados simpatizantes da eugenia. Vale ressaltar que no inciso “b”: “Estimular a educação eugênica”, a educação como um fator de conscientização para possíveis mudanças comportamentais entre jovens e adultos visando o matrimônio entre pessoas de uma mesma classe social e etnia e não apenas o conhecimento de teorias e leis sobre hereditariedade. No inciso “f” pressupõe-se que as “medidas legislativas e administrativas que impeçam a propagação das doenças transmissíveis” sejam de caráter eugênico.

A finalidade da educação segundo Kehl, seria evitar a má formação e a ignorância por parte dos estudantes sobre orientação sexual, relações conjugais e criação dos filhos. As meninas deveriam ser preparadas para as futuras obrigações do lar e da maternidade, compreendendo a nobreza de uma maternidade sadia onde as boas características seriam transmitidas às futuras gerações¹³⁹.

Em *Lições de Eugenia*, o autor comentou que os esforços educativos deveriam ir de encontro à formação de uma consciência sanitária e eugênica, criando entre os escolares um novo ideal, uma nova mentalidade, a mentalidade dos equilibrados, cujo desígnio seria a regeneração eugênica para o bem próprio e coletivo, no presente e no futuro¹⁴⁰.

Durante a realização do 1º Congresso Brasileiro de Eugenia em 1929, o Dr. Levi Carneiro proferiu uma conferência sobre educação e eugenia onde expôs suas conclusões a partir do ideal eugênico defendido. A seu ver, a educação possuiria um papel, mas tornava-se perda de dinheiro os investimentos realizados com a educação dos degenerados. Seria preciso

¹³⁸ Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil – 1934. Artigo 138. www.planalto.gov.br acesso em: 20/05/2009.

¹³⁹ Renato Kehl, “Causas da desorganização matrimonial: falhas da educação moderna”, *Boletim de Eugenia* 2 (19, jul.1930), p. 2.

¹⁴⁰ Renato Kehl, *Lições de Eugenia*, p. 286.

então impedir de todos os modos, a proliferação dos tarados. O autor questionou se a educação seria o corretivo necessário de cada indivíduo ou se somente a hereditariedade se fizesse sentir originariamente em cada indivíduo¹⁴¹.

Gustavo Riedel, titular da Academia Nacional de Medicina, apresentou no mesmo congresso suas considerações sobre psiquiatria e educação eugênica. Segundo o eugenista, as ações de profilaxia mental como, supressão dos tóxicos, educação física e moral, seriam um complemento para o ideal eugênico agindo como um ideal de medicina preventiva¹⁴².

Percebemos deste modo que as ações educativas nesse período estavam associadas direta ou indiretamente aos ideais de saúde, sendo que um mesmo ministério atenderia as necessidades dos dois órgãos.

Ainda sobre a indagação referente à educação como uma proposta eugênica, Octavio Domingues¹⁴³, expôs suas considerações. Ele não aceitava a herança de caracteres adquiridos, isto é, que a ação continuada do meio sobre os seres vivos, pudesse fazer nascer caracteres adquiridos e hereditários. A seu ver, não tinham sido apresentadas evidências de que isso ocorresse de fato. Sendo assim, a educação só poderia agir como filtro apontando quais os biótipos seriam os mais evoluídos intelectualmente, e cuja adaptação à vida, à sociedade, às profissões fosse mais eficiente. No entanto, não se devia pretender que seus efeitos, puramente fenotípicos, passassem a ser genéticos, inscrevendo-se no patrimônio biológico¹⁴⁴.

Pode-se dizer que as reformas educativas criadas neste período, tiveram no ideal de formação eugênica uma proposta moral, de bons costumes e melhorias no condicionamento físico, visto este fator ser de ordem significativa

¹⁴¹ Levi Carneiro, "Educação e Eugenia", *Actas e Trabalhos do 1º Congresso Brasileiro de Eugenia* (Rio de Janeiro, 1929), p.107-116.

¹⁴² Gustavo Riedel, "O dispensário Psiquiatrico como elemento de educação eugênica", *Actas e Trabalhos do 1º Congresso Brasileiro de Eugenia* (Rio de Janeiro: 1929), p. 305-308.

¹⁴³ Octavio Domingues era membro do Comitê Central de Eugenia no Brasil, da *Eugenics Society* de Londres e da *American Genetics Assotiation* e foi Diretor de *Boletins de Eugenia* juntamente com Renato Kehl e Salvador de Toledo Piza Junior a partir de 1932.

¹⁴⁴ Octavio Domingues, "Limalhas de um eugenista. A educação sob o ponto de vista eugênico", *Boletim de Eugenia*. 4 (40, out/dez. 1932), p. 4.

para a formação de uma raça fisicamente forte, com padrões estéticos que definiriam segundo os parâmetros eugenistas, a nobreza de uma raça¹⁴⁵.

A política educacional desenvolvida em meados das décadas de 30 e 40 tinha por objetivo formar o cidadão brasileiro segundo os moldes desenvolvidos em países europeus, tendo como proposta para o desenvolvimento físico, a contribuição efetiva para a formação moral e disciplinar do indivíduo. Os ideais de uma educação eugênica estão presentes na Constituição de 1937 que foi outorgada por Getúlio Vargas no dia 10 de novembro de 1937, no mesmo dia em que foi implantada a Ditadura do Estado Novo. É importante mencionar que a educação física, considerada integrante da educação eugênica, tinha caráter obrigatório:

A Educação Física, o ensino físico e o de trabalhos manuais serão obrigatórios em todas as escolas primárias, normais e secundárias, não podendo nenhuma escola de qualquer desses graus ser autorizada ou reconhecida sem que satisfaça aquela exigência¹⁴⁶.

Deste modo percebe-se que a obrigatoriedade exigida por lei em estado nacional está diretamente articulada a um ideal político que objetivava através das atividades físicas o condicionamento moral e disciplinador, indispensável para a formação de um estado totalitário e ao mesmo tempo populista.

O filho de Getúlio Vargas, Luthero, durante uma visita que fizera a Berlim em 1939, teve a preocupação de enviar a seu pai um trabalho produzido por N. Alvarenga sobre as organizações esportivas alemãs. Getúlio, muito provavelmente lhe atribuiu importância já que criou no Brasil uma Academia Nacional de Educação Física¹⁴⁷.

Em 1942, Paulo de Godoy, médico assistente do Departamento de Educação Física de São Paulo, defendeu a prática de atividades esportivas para fins eugênicos. Ele explicou:

¹⁴⁵ Paulo de Godoy, "Eugenia e Educação Física", *Anais do Primeiro Congresso Paulista de Educação Física* (São Paulo: 1942), p. 1.

¹⁴⁶ Constituição dos Estados Unidos do Brasil 1937. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao37.htm acesso em: abr./2009.

¹⁴⁷ Maria Luiza Tucci Carneiro. *O anti-semitismo na era Vargas*. (São Paulo: Perspectiva, 2001), p. 92.

A fisicultura moderna tem por missão modelar eugenicamente a nacionalidade na formação de homens sadios e fortes, cultos e bons, capazes de elevar e glorificar a sua terra pela força da inteligência, assim como de defendê-la em qualquer setor pela força muscular, pela energia, pela combatividade, pela vontade de agir¹⁴⁸.

3.5 CASAMENTO

Um dos assuntos que foi abordado em *Boletim de Eugenia* foi o casamento e suas implicações.

Segundo Renato Kehl, cada indivíduo poderia contribuir individualmente favorecendo a elevação do gênero humano e, em grande parte, esta contribuição estaria associada às escolhas matrimoniais que possibilitariam o melhoramento racial através das características herdadas pela prole¹⁴⁹. Em relação ao casamento Kehl recomendou que:

1. Os indivíduos com taras hereditárias *patentes* não devem casar-se e, se forem casados não devem ter filhos. Para esse fim, procurará conhecer o passado de seus ascendentes e o dos ascendentes do outro cônjuge, pelo menos dos avós. Se registrar na família tara hereditária, dominante ou recessiva, não deverá casar-se, a não ser que o cônjuge tarado se submeta à esterilização; não se casar sem um prévio exame médico; evitar casamento com pessoa muito jovem, ou muito peor, com mais de 40 anos. As melhores idades estão compreendidas entre os 20 e 35 anos.

¹⁴⁸ Paulo de Godoy, "Eugenia e Educação Física", *Anais do Primeiro Congresso Paulista de Educação Física*, 1942, p. 1.

¹⁴⁹ Renato Kehl. "A eugenia na pratica individual", *Boletins de Eugenia*. (Ano IV, nº 40, out-dez, 1932), p.2.

2. Evitar casamento entre parentes até 3º grau, ou casamentos entre pessoas não parentes, mas apresentando certos caracteres anormais, homólogos, ou certos temperamentos nervosos que, por conjunção possam surgir reforçados nos descendentes; evitar casamento com pessoa de classe inferior, e, sobretudo com indivíduos de classe diferente e com mestiços das primeiras gerações. Está provado que tais casamentos são disgênicos, dando origem a tipos inferiores física, psíquica e moralmente; procurar fazer casamento de classe, sobretudo entre indivíduos da mesma classe social, com idênticas propensões favoráveis¹⁵⁰.

Para que as “taras” não continuassem a se propagar pela “plebe” na qual, segundo Kehl, nasciam muito mais plebeus do que “patrícios” e essa era uma situação preocupante. Fazia-se necessário como ocorria em outros países criar um programa de consulta pré-nupcial a fim de consentir ou negar o casamento de jovens através de um parecer médico.

A Comissão Central Brasileira de Eugenia¹⁵¹ não incluía em seu programa consultas pré-nupciais devido ao grande número de solicitações. No entanto, atendeu a alguns casos como o que mencionaremos a seguir.

Tratava-se de uma jovem, B.Q.X., solteira de 21 anos, de estatura superior à média, sadia, sem histórico de doenças familiares, com irmãosãos e fortes, de pais casados, avós que até os 88 anos gozaram de perfeita saúde, que pretendia casar-se com o senhor B.Q.T.S., 37 anos, estatura média, atitudes nervosas, de gênio irascível, sendo considerado por muitos como

¹⁵⁰ Renato Kehl. “A Eugenia na pratica individual”. *Boletim de Eugenia*. (Ano IV, nº 40, out-dez, 1932), p. 4.

¹⁵¹ A Comissão Central Brasileira de Eugenia foi organizada e registrada em 1931, e tinha por finalidade: manter no país o interesse pelo estudo das questões de hereditariedade e eugenia; propugnar pela difusão dos ideais de regeneração física, psíquica e moral do homem; prestigiar ou mesmo auxiliar, ad libitum, toda organização científica ou humanitária de caráter eugênico. Sendo assim, são considerados membros efetivos: Presidente: Dr. Renato Kehl; Secretário: E. Penna Kehl; Dr. Belizário Penna – Ex diretor Geral do Departamento Nacional de Saúde Publica; Dr. Gustavo Lessa – Inspetor sanitário do Departamento Nacional de Saúde Publica; Dr. Ernani Lopes – Diretor da colônia de psicopatas; Prof. Porto Carrero – Prof. De Medicina Publica da Universidade do Rio de Janeiro. Psicoanalista e eugenista; Dr. Cunha Lopes – da Assistência Nacional de Alienados; Prof. S. de Toledo Piza Jr. – Prof. De Zoologia da Escola Agrícola Superior de Piracicaba, Eugenista. Prof. Octavio Domingues – Professor da Escola Agrícola Superior de Piracicaba e Eugenista; Dr. Achilles Lisboa – ex diretor do Jardim Botânico. Higienista e Eugenista; Farm. Caetano Couinho – farmacêutico, Inspetor do Departamento Nacional de Saúde Publica. Renato Kehl. *Por que sou eugenista*. Rio de Janeiro: Francisco Alvez, 1937).

amalucado. Este senhor, viúvo cuja esposa havia falecido durante o parto juntamente com o recém nascido, possuía três irmãs. A primeira separou-se do marido, vivia sozinha com dois filhos sendo que o primeiro era débil mental e epilético com 12 anos, e a segunda aparentava ser normal, com 8 anos. A segunda irmã, separada do marido pouco tempo depois de casada, vivia sozinha com um filho normal. A terceira irmã, casada há alguns anos, tinha uma filha de 6 anos que sofria de ataques epiléticos.

De posse desses dados, o médico que atendeu B.Q.X. assim se expressou:

[...] a resposta será considerada um “conselho” de “quem sabe” para quem pode iludir-se sobre fatos inelutáveis que a ciência afirma, positivamente, e exclui do caso e da eventualidade [...] antecedentes familiares pouco precisos: dois sobrinhos epiléticos. Noivo, nervoso, irrequieto e versátil. Gonococia tenaz ao tratamento, somada aos antecedentes, fazem tornar o caso suspeito. Tendo como bons os dados apresentados, voto por desaconselhar o casamento¹⁵².

Procurando, possivelmente, seguir o exemplo de Galton, Renato Kehl procurou fazer um estudo sobre a genealogia de algumas famílias considerando os dados obtidos a partir de uma ficha distribuída pelo Comitê Central Brasileiro de Eugenia.¹⁵³

¹⁵² J. P. Porto Carneiro, *Boletim de Eugenia* (dez. 1931), p. 2.

¹⁵³ Renato Kehl, “Estatística familiar”, *Boletim de Eugenia* 4 (40, out-dez/1932), p.3.

96 BOLETIM DE EUGENIA

ESTATISTICA FAMILIAR

Aos nossos leitores

Para atender ao util e interessante estudo estatístico que o Dr. Renato Kehl, presidente da Comissão Central Brasileira de Eugenia está realizando, com o intuito de conhecer as condições eugênicas e sociais das famílias nacionais e estrangeiras que vivem no nosso país, solicitamos dos colegas e leitores do «Boletim de Eugenia», bem assim de todos que desejarem colaborar neste estudo, o maior número possível de dados sobre casais de seu conhecimento, quanto às seguintes informações:

1.o — Nome ou as iniciais do casal :

2.o — Residência Cidade e Estado :

3.o — Ano do casamento :

4.o — Numero de filhos vivos :

5.o — Numero de filhos mortos :

6.o — Numero de abortos :

7.o — Registraram-se partos duplos, triplos ?

8.o — Idade atual do pai :

9.o — Idade atual da mãe :

10.o — Situação economica do casal: $\left\{ \begin{array}{l} \text{rica ?} \\ \text{abastada ?} \\ \text{remediada ?} \end{array} \right. \left\{ \begin{array}{l} \text{pobre ?} \\ \text{pauperrima ?} \end{array} \right.$

11.o — Profissão do pai ?

12.o — Profissão da mãe ?

Assinatura ou as iniciais do informante :

Data :

Pede-se remeter estes dados ao Dr. Renato Kehl, caixa postal 2926, Rio de Janeiro.

Figura 3. “Estatística familiar”, *Boletim de Eugenia* 5 (42, abril-junho 1933), p.96.

3.6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A análise do material encontrado nos vários números do *Boletim de Eugenia* permitiu identificar “personagens” importantes do movimento eugênico que nele deixaram suas contribuições. Na primeira fase as contribuições eram provenientes de diversos autores, mas a partir de 1931 a situação mudou e a maioria das dos artigos era de autoria de Kehl, Domingues ou Toledo Piza.

Havia aspectos em que a maioria dos autores concordava, porém, havia também aspectos em que eles divergiam.

Pode-se dizer que havia uma concordância em relação a formação de uma consciência eugênica e uma preocupação com a formação do povo brasileiro. Porém, havia posições diferentes em relação à mestiçagem. Neste caso, Domingues a considerava benéfica enquanto que Kehl e outros autores a consideravam prejudicial. Para Domingues, o casamento entre raças diferentes poderia ser vantajoso. Já Kehl defendia que os casamentos deveriam ocorrer dentro de uma mesma raça.

CAPÍTULO 4

A EUGENIA COMO DISCURSO “CIENTÍFICO”

“A ciência tornou-se um ídolo que, num passe de mágica, cura os males da existência e transforma a natureza do homem”.

Como mencionamos anteriormente, no final do século XIX e início do século XX havia uma valorização muito grande da ciência e da busca da verdade. Neste sentido, os eugenistas procuravam caracterizar seu estudo como científico e se preocupavam com a disseminação de suas idéias¹⁵⁴.

O *Boletim de Eugenia* fez referências constantes à eugenia como “ciência” do aprimoramento hereditário, principalmente nos discursos do diretor do *Boletim* Renato Kehl.

W. Scraenen descreveu eugenia como ciência e não apenas como uma teoria social, alegando que esta possuía métodos objetivos e científicos resultantes de estudos minuciosos apoiados sobre outras ciências como a antropologia, a psicologia, a biologia e a genética¹⁵⁵.

Ainda hoje a discussão em torno do ideário científico ou pseudocientífico da eugenia é abordada por diversos autores como, por exemplo, Nancy Stepan que a considera como ciência¹⁵⁶.

Entretanto, como mencionamos anteriormente, não nos interessa discutir se a eugenia é ou não ciência, pois isso vai depender da visão epistemológica que se adote. Interessa-nos discutir a argumentação dos autores que a consideravam ciência e a defendiam como tal no *Boletim de Eugenia*.

¹⁵⁴ A maioria dos eugenistas defendia que a Eugenia era uma ciência. Não vamos aqui discutir se a Eugenia era uma teoria cientificamente correta ou verdadeira. Isso vai depender da visão epistemológica que se adote e vão existir diversas posições a respeito do assunto por parte dos filósofos da ciência.

¹⁵⁵ W. Schraenen. “A eugenia como sciencia e como ideal social”. *Boletim de Eugenia*. (nº 15, ano II, mar./ 1930).

¹⁵⁶ Nancy Stepan. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. (Rio de Janeiro: Ed. Fio Cruz, p. 12, 2005).

Para Lília Schwarcz, o que se valorizava naquele momento era uma certa ética científica, uma “cientificidade difusa” e indiscriminada. Tanto que se consumiram mais manuais e livros de divulgação científica do que obras ou relatórios originais. A ciência penetra primeiro como “moda” e só muito tempo depois como prática e produção¹⁵⁷.

Considerando a defesa da eugenia nas décadas de 1920 e 1930 quando se deu a publicação do *Boletim de Eugenia*, e grande momento de divulgação das idéias no Brasil, devemos levar em conta alguns fatores como significativos para a elaboração de um discurso determinante para a defesa da eugenia como uma “ciência”. Um desses fatores foi a forte influência positivista no meio acadêmico, que levou muitos intelectuais a defenderem idéias e teorias como verdadeiras. Isso se aplicou também à Eugenia.

Sendo assim, tais idéias ganharam terreno fértil visto o momento histórico ao qual o país passava. A jovem república buscava mudanças que viessem a promover o desenvolvimento do país segundo os moldes das nações européias. O modelo de política totalitária ganhou adeptos por toda a América Latina, e com ele todos os encargos de um Estado centralizado nas mãos de um ditador.

Segundo Hannah Arendt, a obsessão dos movimentos totalitários pelas demonstrações “científicas” desaparecia assim que seus representantes assumiam o poder. Para a autora, na propaganda totalitária, a ciência é apenas um substituto do poder¹⁵⁸.

Há de se considerar que o discurso científico como pretensão de verdade, fez com que a eugenia ganhasse destaque e o apoio de muitos intelectuais ávidos por estarem integrados as discussões pertinentes do momento. Sendo assim, buscamos através da análise do discurso de alguns eugenistas procurar entender o modo como suas idéias ganharam destaque entre intelectuais e simpatizantes da causa no país.

¹⁵⁷ Lília Moritz Schwarcz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*, p.137.

¹⁵⁸ Hannah Arendt. *Origens do totalitarismo. Anti-semitismo, imperialismo e totalitarismo*, p. 394.

4.1 RENATO KEHL (1889-1974)

“Não basta educar. Pela educação tão somente, não se conseguirá a regeneração humana”.

(Renato Kehl, *Lições de Eugenia*, p.74).¹

Como mencionamos no Capítulo 1 desta tese, Kehl foi contemporâneo de um período marcado pela fragilidade política, de modo que as divergências sociais e culturais se apresentavam de forma acentuada pelo interior do país. A jovem república ainda sofria com os movimentos que idealizavam o retorno da monarquia, contribuindo para agravar a miséria e precariedade no país¹⁵⁹.

Diante de um cenário de instabilidades, Kehl iniciou sua jornada em prol da eugenia, promovendo uma grande campanha que influenciaria boa parte dos intelectuais, políticos e comunidade da época.

O primeiro artigo publicado no país sobre a temática foi lançado em 1917 no *Jornal do Comércio*, edição de São Paulo, intitulado “A Eugenia”. Nele, o autor tratou sobre a ciência do aperfeiçoamento físico e moral dos seres humanos abordando os fundamentos da eugenia. Ele procurou justificar suas ideias através das leis da hereditariedade. Ele chamou atenção para a necessidade da propagação dos ideais eugênicos, para evitar doenças como a tuberculose e a sífilis que atingiam a população naquele período específico¹⁶⁰.

Este artigo, por ser a primeira publicação em um órgão de grande circulação sobre eugenia no país, foi considerado entre os eugenistas como de grande importância. Representou o ponto de partida de uma série de publicações de eugenistas incluindo Kehl e outros autores. Nas palavras de Kehl:

¹⁵⁹ A Guerra de Canudos na região nordeste e a Guerra do Contestado no sul do país são exemplos de conflitos que se originaram diante da instabilidade política e da degradação social no início do século XX.

¹⁶⁰ Renato Kehl. “A Eugenia”. *Jornal do Comércio*. (São Paulo. 19 de abril de 1917).

[...] foi esta conferencia que me arrastou á idéa de fundar uma associação eugenica na qual fossem congregados médicos, advogados e outros interessados no estudo e diffusão das questões biológicas e sociaes em beneficio da nacionalidade [...]¹⁶¹.

Dentre as publicações de Kehl sobre eugenia, podemos destacar duas delas: *Lições de Eugenia* (1935) e *Boletim de Eugenia*. Na primeira, encontramos uma série de discussões a respeito das “leis da hereditariedade” onde o autor mencionou superficialmente as propostas de Mendel, Lamarck e Darwin. O autor se referiu de modo favorável ao trabalho do movimento eugenista na Alemanha e as primeiras realizações de ordem política do partido Nazista, como a Lei de 14 de julho de 1933. De acordo com esta lei, foram instaladas em todo território alemão 1.500 tribunais eugênicos e 77 conselhos especiais de apelação para esterilização dos considerados “doentes”. Kehl comentou:

Somos de opinião que a esterilização é indicada em casos especiais de doença e miséria; que deve ser aplicada compulsoriamente a certos criminosos e em certos casos de degeneração somato-psiquica; que poderia uma vez largamente aplicada, eliminar caracteres blastofitoricos¹⁶² ou, pelo menos, reduzi-los consideravelmente¹⁶³.

Já no *Boletim de Eugenia* é apresentada uma série de artigos de vários autores sobre temas diversificados como educação, imigração, casamento, cultura entre outros, sob responsabilidade do editor Renato Kehl. Vale ressaltar que em grande parte das publicações do autor, este menciona Francis Galton como um

¹⁶¹ Renato Kehl. “A eugenia no Brasil”. *Actas e Trabalhos. Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. (Rio de Janeiro, 1929), p. 45.

¹⁶² Este conceito defendido por A. Forel (1937), tem a ver com a deterioração das células germinativas devido a certas intoxicações provocando uma falsa hereditariedade. (Luzia Aurélia Castañeda, “Da eugenia à genética: alcoolismo e hereditariedade nos trabalhos de Renato Kehl”, p. 254. In: Isidoro Alves e Elena Garcia. *Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia. Anais do VI Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia* (Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Historia da Ciência, 1997). De acordo com Kehl, filhos de alcoólicos poderiam nascer com problemas como epilepsia, paralisia, entretanto isso não aconteceria se eles tivessem uma vida regrada, mas poderia acontecer caso contrario.

¹⁶³ Renato Kehl. *Lições de Eugenia*.

“gênio” da hereditariedade, o criador do termo *eugenics*, e bem feitor da humanidade.

Kehl não fez referência aos trabalhos de Galton sobre hereditariedade ou as suas idéias sobre herança, mas apenas se refere a este autor superficialmente fazendo uma série de elogios:

A obra imperecível culminou com a fundação do Laboratório Eugênico, que tem o seu nome e está ligado a Universidade de Londres, ao qual legou esplendida fortuna. Ensinando o homem a compreender a responsabilidade da procriação e a procriar, sabiamente, Galton realizou, aos olhos do mundo, a maior conquista dos tempos modernos. Os deuses perdem a cada dia os últimos resquícios de divindade, mas para substituí-los, surgem felizmente, homens como Galton, cuja religião não consiste em apelos ao céu, mas aos sentimentos mais nobres do próprio homem¹⁶⁴.

Analisando diversas publicações de autores no período estudado, percebemos que devido às condições precárias de higiene e saúde da população, e as constantes investidas do movimento higienista em prol do melhoramento sanitário do país, é que o movimento eugenista iniciou suas atividades. De certa forma percebemos que houve mudanças no discurso de Renato Kehl conforme o movimento foi ganhando adeptos e se distanciando da proposta higienista.

O movimento higienista no Brasil iniciou suas atividades no início do século XX. O Instituto de Patologia Experimental de Manguinhos, denominado em 1908 de Instituto Oswaldo Cruz, foi uma das instituições que participaram ativamente na condução do traçado assumido pela campanha sanitária brasileira. Os trabalhos desenvolvidos por membros desta instituição visavam primeiramente conhecer a realidade brasileira, não apenas nos grandes centros urbanos, mas também no interior do Brasil. Neste sentido, as expedições de Arthur Neiva e Belizário Penna foram de grande importância para o reconhecimento das condições sociais e sanitárias do país.

Belizário Penna comentou:

¹⁶⁴ Renato Kehl. *Por que sou eugenista*. Francisco Alves: Rio de Janeiro. p, 17

Nós, se fôramos poetas, escreveríamos um poema trágico, como a descrição das misérias, das desgraças dos nossos infelizes habitantes sertanejos, nossos patrícios. Os nossos filhos, que aprendem nas escolas que a vida simples de nossos sertões é cheia de poesia e de encantos, pela saúde de seus habitantes, pela fartura do solo, e generosidade da natureza, ficariam sabendo que nessas regiões se desdobra mais um quadro infernal, que só poderia ser magistralmente descrito pelo Dante imortal¹⁶⁵.

Belizário Penna era sogro de Renato Kehl, e juntos fizeram parte da Comissão Central Brasileira de Eugenia, órgão estritamente fechado, composto por 11 membros que não poderiam ser substituídos. No entanto, há de se considerar que os movimentos sanitarista e eugenista tinham distinções significativas, e assim sendo não podem ser considerados como sendo um mesmo movimento como alguns autores defendem.

Kehl esclareceu o sentido da frase “Sanear é eugenizar” que foi bastante utilizada na época. Considerava que o saneamento, a educação e as atividades de cunho social são apenas paliativos e somente agem sobre aqueles que possuem boas características fazendo com que estas sejam afloradas, reconhecidas e melhoradas. Mas torna-se necessário que o indivíduo as tenha herdado. O meio e a educação não criam qualidades novas de fundo hereditário, mas revelam e desenvolvem as qualidades latentes¹⁶⁶. Nas palavras de Kehl:

Cada vez mais me inclino a aceitar como axioma o velho ditado “quem é bom já nasce feito”, e assim considerando, avançar talvez um paradoxo, dizendo que a humanidade se compõe de três espécies de gente: gente inata e intrinsecamente humana, gente domesticável e gente doente ou indomável, esta última intangível a todos os processos e esforços educativos¹⁶⁷.

165 Arthur Neiva e Belisário Penna. *'Viagem científica ao norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goyaz'*. Em Memórias do Instituto Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, Manguinhos. 1916

166 Renato Kehl, *Conduta*. (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1934), p. 38.

167 Renato Kehl, *Por que sou eugenista*. (Rio de Janeiro: Francisco Alvez, 1937), 123.

Ao diferenciar “eugenia” de “eugenismo”, Kehl explicou que a primeira propiciava os fatores sociais de tendência seletiva, únicos que poderiam influenciar a “velocidade do crescimento” dos “bem dotados” nos grupos sociais. Já o eugenismo forneceria apenas o meio adequado para assegurar o rendimento máximo de desenvolvimento dos referidos portadores de caracteres hereditários de valor bio-social, relacionado ao que é descrito no parágrafo anterior¹⁶⁸. Posteriormente, a eugenia seria a “eugenia positiva” e o eugenismo corresponderia à “eugenia negativa”.

Ao que tudo indica, no início do movimento eugênico no Brasil, de um modo geral, a eugenia era vista mais no sentido de sanear e depois essa visão foi modificada.

No referente à eugenia positiva e negativa, o autor esclareceu:

[...] a eugenia positiva consiste na educação da mocidade para o matrimônio, na educação sexual dos jovens de ambos os sexos, de modo a combater a ignorância sobre os verdadeiros fins do casamento que visam dar origem a boas gerações, preocupando-se em civilizar o instinto. [...] a eugenia negativa apresenta vários recursos de ordem científica para restabelecer o equilíbrio entre a fecundidade anormal e normal; para evitar a paternidade indigna consistem em medidas legais que autorizem os degenerados e criminosos em condições de não poderem reproduzir-se [...] ¹⁶⁹.

É possível perceber que Kehl utilizou a expressão “recursos de ordem científica” para procurar legitimar as medidas que estava propondo.

Possivelmente a mudança no discurso do autor deve-se ao conhecimento do movimento higienista por parte dos intelectuais e políticos da época; na tentativa de promover o movimento e as idéias eugenistas nesta classe em especial, consideramos que se fazia necessário diferenciar o movimento e as propostas dos dois movimentos.

¹⁶⁸ Renato Kehl, *Catecismo para adultos. Ciência e moral eugênicas*. (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1942), p.74.

¹⁶⁹ Renato Kehl. *Lições de Eugenia*. p. 37.

Neste sentido, compreendemos que a eugenia no Brasil ganhou destaque entre os intelectuais, políticos e principalmente na área médica, pelas condições adversas que o país passava naquele momento bem como das propostas estipuladas por um discurso “cientificista”¹⁷⁰, convencionado por um tendencioso critério de veracidade. Ela de certa forma, se apropriou do discurso de representantes do movimento sanitarista introduzindo também outras medidas mais drásticas.

Além disso, nota-se nas publicações e no discurso de Kehl uma pretensa fundamentação teórica embasada nas leis sobre hereditariedade, quando de fato, ele não a fornece. Seu discurso está contaminado pelo preconceito de raça e de classe social. Reflete a idéia amplamente aceita pela elite brasileira de que a raça branca era superior e que o ideal era se chegar ao branqueamento da população. Além disso, como grande parte dos pobres, doentes e analfabetos do país era constituída por mestiços, considerados inferiores pelos letrados, brancos e sadios, nada mais convincente que uma teoria “científica” que justificasse o atraso social da população. Assim, é possível perceber que em cada país onde os ideais da eugenia foram propagados, as particularidades da cultura e da sociedade se refletem nas ações de seus propagadores.

Em nota sobre as regras morais e corretas de educação atribuídas aos médicos, pais e mestres, Kehl defendia que os castigos corporais deveriam ser abolidos, por serem humilhantes e produzirem revolta da parte dos castigados. Só as crianças de baixo nível intelectual precisavam às vezes, de punições acompanhadas de real sensação de dor.¹⁷¹ Neste posicionamento, percebe-se o tom discriminatório utilizado por Kehl.

O discurso de Kehl em relação a alguns preceitos referentes à eugenia nem sempre é coerente. Em várias publicações como *Lições de Eugenia*, *Boletim de Eugenia*, entre outros, o autor expôs de forma categórica sua posição frente à miscigenação, as atividades filantrópicas e a imigração de etnias, não eram convenientes para a formação do povo brasileiro, como vimos no Capítulo 3 desta tese.

¹⁷⁰ Consideramos aqui “cientificista”, aquilo que tem a pretensão de ser científico, mas que na maioria das vezes não possui base científica.

¹⁷¹ Renato Kehl. *Pais, médicos e mestres*. (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1939), p. 42.

Ao receber críticas pela adoção de uma posição racista, o autor se defendeu nos seguintes termos:

Ela [a eugenia] não se preocupa com a sorte de determinada raça, em detrimento de outra. Todas podem e devem aplicar as medidas eugênicas em benefício do próprio *stock* humano. O racismo eugênico consiste, pois, na conservação e melhoramento de todos os grupos étnicos, nada tendo com a luta entre raças. O racismo eugênico não prega a superioridade de uma em relação a outra, mas invoca a necessidade de consoante o instinto específico de conservação, manterem-se fiéis as injunções de origem hereditária, psicológica e ao determinismo histórico [...]¹⁷²

O argumento desenvolvido pelo autor é totalmente problemático e não corresponde a posição que ele adotava de fato. Um dos problemas é que, ao contrário do que ele afirma na citação acima, sua posição em relação à eugenia defende sim a superioridade de uma raça sobre a outra.

A análise dos trabalhos de Kehl que fizeram parte de uma campanha intensa em favor da eugenia no Brasil, permite compreender uma das modalidades do discurso eugênico no país e tomar conhecimento dos objetivos almejados por este autor, e por boa parte da elite brasileira. Nele, estão presentes elementos peculiares à cultura local como o preconceito em relação à miscigenação, a pobreza e a restrição a algumas etnias por convenção social. Entretanto existem outras posturas em relação à eugenia no Brasil de que trataremos mais para frente neste capítulo.

Consideramos que grande parte das idéias de Kehl¹⁷³ eram idéias presentes em alguns segmentos da sociedade da época. Entretanto, o modo como ele as apresentou ou os recursos que utilizou para defendê-las bem como algumas modificações, ou introdução de elementos novos foram uma contribuição sua.

¹⁷² Renato Kehl. *Catecismo para adultos. Ciência e moral eugênicas*. (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1942), p. 38.

¹⁷³ No final desta tese, no Anexo, reproduziremos a entrevista feita com Maria Rita Kehl, neta de Renato Kehl, com alguns comentários nossos.

Procurando conhecer um pouco mais sobre Kehl e suas idéias a respeito da eugenia, entrevistamos a psicanalista e neta de Renato Kehl, Maria Kita Kehl. A entrevista se encontra reproduzida no Anexo desta tese.

4.2 GUSTAVO DODT BARROSO (1888-1959)

Professor, ensaísta e romancista cearense, Gustavo Barroso foi um considerável homem das letras, chegou a publicar 128 livros entre contos, crônicas, ensaios, biografias entre outros. Redator do *Jornal do Ceará*, em 1908 e 1909, e do *Jornal do Commercio* de 1911 a 1913; secretário do Interior e da Justiça do Ceará (1914); diretor da revista *Fon-Fon* (a partir de 1916); deputado federal pelo Ceará de (de 1915 a 1918); secretário da Delegação Brasileira à Conferência da Paz de Venezuela (em 1918 e 1919); inspetor escolar do Distrito Federal (de 1919 a 1922); fundador e diretor do Museu Histórico Nacional (a partir de 1922); secretário geral da Junta de Jurisconsultos Americanos (1927); representou o Brasil em várias missões diplomáticas, entre as quais a Comissão Internacional de Monumentos Históricos (criada pela Liga das Nações) e a Exposição Comemorativa dos Centenários de Portugal (1940-1941). Era membro da Academia Portuguesa da História; da Academia das Ciências de Lisboa; da *Royal Society of Literature de Londres*; da Academia de Belas Artes de Portugal; da Sociedade dos Arqueólogos de Lisboa; do Instituto de Coimbra; da Sociedade Numismática da Bélgica, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e de vários Estados; e das Sociedades de Geografia de Lisboa, do Rio de Janeiro e de Lima¹⁷⁴.

Em muitas de suas obras, utilizou o pseudônimo de João do Norte, Nautilus, Jotanne e Cláudio França. Junto com Renato Kehl, traduziu e adaptou o termo *eugenics* para *eugenia*.

Boa parte de seus trabalhos, artigos para jornais e artigos escritos para o *Boletim de Eugenia*, expressavam seu ideal anti-semita, tendo traduzido e

¹⁷⁴ <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=617&sid=213> (acesso em: 01/10/2009).

elaborado comentários para *Os protocolos do sábio de Sião*¹⁷⁵. Desenvolveu intensa atividade como militante da AIB – Ação Integralista Brasileira participando do levante integralista de maio de 1938, onde foi preso por tentativa de conspiração contra o governo Vargas.¹⁷⁶

No trecho reproduzido abaixo aparecem algumas das idéias de Barroso sobre a eugenia:

Nenhum paiz precisa mais de melhorar a sua raça do que o Brasil e, como elle hoje se curva para si próprio, interessando-se pelos seus problemas vitaes de toda a ordem, serão beneméritos todos os esforços por uma cruzada pró melhoramento da espécie. [...] como resolve-lo? É a pergunta que nos cae dos lábios. O Dr. Renato Kehl, que é, sem favor, nossa maior autoridade em eugenia, deve escrever um outro volume, mostrando como, com o correr dos tempos, o Brasil poderá ir trabalhando para se libertar da sua mestiçagem eugenicamente inferior e causa de seus desequilíbrios, suas desharmonias e seus conflitos de caracteres incompatíveis.¹⁷⁷

4.3 ROQUETTE-PINTO

Em virtude do Aniversário da Academia Brasileira de Medicina do Rio de Janeiro, realizou-se entre os dias 30 de junho e 7 de julho de 1929 o 1º Congresso Brasileiro de Eugenia, tendo como participantes médicos, políticos e intelectuais de diversas áreas, participando com apresentação de trabalhos ou como simpatizantes da causa pró-eugenia.

No momento em que as discussões permeavam o campo do processo de imigração, mudanças na estrutura educacional e principalmente nas

¹⁷⁵ <http://e-book-gratuito.blogspot.com/2008/10/os-protocolos-dos-sabios-de-siao.html> acesso em: 15/10/2009

¹⁷⁶ <http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/index.htm> acesso em: 15/10/2009.

¹⁷⁷ João do Norte. “O Brasil e a raça”. *Boletim de Eugenia*. 1929.

condições sanitárias do país, o congresso foi dividido em três seções: antropologia, heredologia e educação e legislação.

Com base nas atas dos trabalhos apresentados durante o congresso, podemos hoje ter uma noção das divergências ideológicas e conceituais que os congressistas tinham a respeito da eugenia e do que esperavam a partir das votações decorrentes das eventuais sessões assim realizadas.

Tomamos como referencial os questionamentos e as colocações do presidente do congresso prof. Dr. Edgar Roquette-Pinto. Para melhor entendimento da posição ideológica assumida por este autor, utilizamos outras referências elucidativas para entender não só o conceito de eugenia assumido por este autor, mas também sua visão de raça e sociedade explícitas em seu discurso. Os trabalhos referenciados são *Seixos Rolados* (1927) e *Ensaio de antropologia brasileira* (1933).

4.3.1. ROQUETTE-PINTO E A DIVERGÊNCIA CONCEITUAL SOBRE A EUGENIA

Roquette-Pinto médico legista, professor, antropólogo, etnólogo e ensaísta, foi um admirador da causa social e um incansável defensor do “homem brasileiro”. Seu nome muitas vezes é relacionado à eugenia no Brasil de modo negativo. Nesses casos não se percebe as diferenças existentes entre o seu discurso eugênico e o discurso de alguns de seus colegas como Renato Kehl, por exemplo.

Ao discursar durante a sessão inaugural do congresso, o prof. Roquette-Pinto defendeu a eugenia considerando sua importância tanto para o melhoramento dos que existem quanto para o aperfeiçoamento da raça futura. Na segunda reunião descrita pela redatora D. Celina Padilha, durante exposição de trabalho do Dr. Azevedo do Amaral “Problema eugênico da imigração”, há de se considerar as discussões e as divergências entre os membros da mesa.

Dr. Azevedo do Amaral tem oportunidade de referir-se ao aparecimento do homem sobre a terra, tendo tratado do monogenismo e polygenismo. O prof. Roquette-Pinto apartêa e diz que julga não importar a questão no caso. Civilizar é domesticar, diz o Dr. Azevedo do Amaral. O prof. Roquette-Pinto: a domesticação é fator preponderante nas diferenciações raciaes; mas é preciso accentuar que a influencia não é do meio natural e sim de um meio artificial, creado pelo homem¹⁷⁸.

O aparte do presidente do Congresso (Roquette-Pinto) ao orador (Dr. Azevedo do Amaral) é primeiramente de âmbito metodológico quanto ao que parecia ser necessário estar sendo discutido, e que se fazia desnecessário travar uma discussão entre monogenismo e poligenismo. Posteriormente ficou evidente a posição ambígua do Presidente ao evidenciar que a domesticação não pode ser apresentada como uma característica racial, onde determinadas raças estariam propensas a serem domesticadas, mas que seria uma criação do próprio homem. Podemos considerar nesta discussão que o presidente do Congresso atribuiu as diferenças sociais não a fatores de ordem racial, mas sim social.

As colocações diante do trabalho apresentado ganharam destaque quando o Dr. Azevedo do Amaral mencionou as condições sugeridas para a entrada de imigrantes no país como posse de títulos e contratos anteriormente feitos com técnicos especializados. O Presidente do Congresso interveio novamente na apresentação dizendo que indivíduos com tais requisitos não viriam ao país.

A discussão da mesa em torno do processo de imigração foi constante segundo o redator da sessão. Inclinações anti-sociais, divergências políticas e o isolamento das colônias italianas e alemãs no sul do país foram colocados à plenária. Mas outro questionamento merece destaque visto o intrigante ressalvo que o redator mostrou ao relatar a contenda causada na mesa durante a sessão.

¹⁷⁸ Azevedo do Amaral. "Problema eugênico da imigração", *Actas e Trabalhos 1º Congresso Brasileiro de Eugenia* (Rio de Janeiro: 1929), p. 327.

O Sr. Presidente (Dr. Oscar Fontenelle, presidente da sessão), reportando-se a uma conclusão da tese do Dr. R.R. Rigo, põe em discussão si se admite ou não a raça negra. Chama a atenção para a seríssima questão que acabaram de votar, dizendo que não nos devemos deixar arrastar por sentimentalismos; o país já tem sofrido bastante por essa questão de raça. O cruzamento com raças diversas é máo. O prof. Roquette-Pinto- Todo progresso do Brasil foi feito por essa gente proveniente de cruzamentos, ora taxados de inferiores. [...]Dr. Fernando Silveira, que se reporta ao discurso do Dr. Roquette-Pinto sobre a extensão territorial aproveitável do Brasil e declara não devermos proteger corrente immigratória alguma, pois, o que nos preocupa em eugenia é a questão qualitativa e não a numérica de indivíduos; quanto a raça não há superiores ou inferiores, accrescenta; a questão é de indivíduos e, no estado actual de caldeamento das raças, é quase impossível a referencia de uma raça pura vinda da Europa”.¹⁷⁹

Devido à série de divergências em torno do assunto, foi proposto que a sessão fosse encerrada e descrita com o termo “tenha andamento”. Podemos perceber que a posição do Presidente é enfática quanto à defesa e a consideração do elemento negro para a formação do Brasil, ganhando adeptos como o Dr. Fernando Silveira que além de citá-lo reforçou a posição de Roquette-Pinto: não existe superioridade de uma raça em relação a outra.

Ainda na mesma sessão, ocorreram divergências quando se referenciou os imigrantes e o homem nordestino. Roquette-Pinto conhecia bem o homem brasileiro. Havia em anos anteriores viajado pelo interior do Brasil acompanhando o sertanista Marechal Cândido Rondon pelo norte do país¹⁸⁰.

Durante uma indagação do Dr. Xavier de Oliveira, que se intitulava o representante de um estado nordestino tendo chefiado uma pesquisa no Departamento de Saúde de Recife, e assim sendo teve oportunidade de medir

¹⁷⁹ Azevedo do Amaral. “Problema eugênico da imigração”. *Actas e trabalhos 1º Congresso Brasileiro de Eugenia*, (Rio de Janeiro: 1929), p. 21.

¹⁸⁰ A rádio e seu fundador. In. <http://www.fm94.rj.gov.br/Historico.asp>. Acesso em: mai./2009.

10.000 pessoas considerando as cifras desoladoras e um estado apavorante quanto á inferioridade dos mulatos, Roquette-Pinto interrompendo o orador da mesa comentou: “V. Ex. mediu mulatos doentes”¹⁸¹.

Na ata da 4ª reunião do dia 4 de julho de 1929, durante apresentação do trabalho “Nota sobre os typos anthropológicos do Brasil”, Roquette-Pinto foi elogiado pela Assembléia, ainda que boa parte dos congressistas não concordasse com suas colocações. Percebe-se que mesmo havendo divergências quanto às colocações do Presidente no evento, havia uma grande admiração pelo seu trabalho e conhecimento da causa antropológica não só no Brasil, mas em toda a América.

Analizando o trabalho apresentado durante a sessão, podemos considerar que em todo o momento o autor apresentou dados de um estudo sistemático respeitando os critérios da ciência antropológica para o qual se direcionava a pesquisa. O artigo se iniciou dando uma introdução sobre as densidades territoriais do país, descrevendo os problemas decorrentes da falta de mão-de-obra e a forma degradante com que a política de povoamento tratou o imigrante em nosso país¹⁸².

Posteriormente o trabalho caracterizou o tipo antropológico brasileiro considerando as diferenças quanto à estatura, índice cefálico, índice nasal, perímetro torácico, comprimento da face, largura-bi-zygomática, espirometria, além de considerar aspectos psicológicos e culturais dos tipos pesquisados.

Convém destacar que nas 28 páginas deste artigo, o autor procurou mostrar que partindo dos estudos antropológicos não havia evidencias da existência da superioridade de uma raça em detrimento de outra. Destacou ainda, que o mulato por estar sujeito a condições adversas impostas por uma política excludente, pouco pode fazer enquanto parte do povo brasileiro. Ressaltou o valor da educação em vários momentos defendendo-a como o único fator de desenvolvimento da nação. Reproduzimos a seguir, trechos do trabalho apresentado durante a sessão onde é feita uma tentativa de defesa do mulato no Brasil:

¹⁸¹ Azevedo do Amaral. “Problema eugênico da imigração”. *Actas e Trabalhos 1º Congresso Brasileiro de Eugenia*.

¹⁸² Edgar Roquette-Pinto. “Notas sobre os typos anthropológicos do Brasil”. *Actas e Trabalhos 1º Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro, 1929, p. 128.

A curva do índice nasal dos mulatos no Brasil é extraordinariamente interessante, visto que se trata do mais importante caracter anthropológico. [...] mas tendo a mesma largura na face, os mulatos apresentam um typo de muito maior comprimento ou altura 127, que nos brancos, se não encontra. [...] nenhum dos caracteres estudados (estatura, índice cephalico, índice nasal, índice thoracico, comprimento da face, largura bi-zygomática, espirometria), permite considerá-lo como typos involuídos. [...] não é por fraqueza constituional que esses mestiços estão desaparecendo; é sobretudo pela influência de condições sociais. Do ponto de vista intellectual, os mestiços não se mostram, em coisa alguma, inferiores aos brancos. É verdade que elles não são tão profundos, embora sejam as vezes, mais brilhantes. O problema das raças não existe no Brasil. Negros, índios, mestiços ou brancos, todos gozam mais ou menos das mesmas considerações sociais que só dependem do grau de instrução ou de riqueza. [...] fica também provado mais uma vez que o cruzamento longe de ser uma fusão ou caldeamento, seguiu aqui leis biológicas já conhecidas, e de nenhum modo – documentadamente – pode ser considerado factor dysgenico. [...] o numero de indivíduos somaticamente deficientes em algumas regiões do paiz, é realmente considerável. É questão de política sanitária e educativa. [...] é preocupação ociosa e anti-scientifica pretender que o Brasil seja um dia habitado por um typo anthropologico. A anthropologia prova que o homem, no Brasil, precisa ser educado e não substituído¹⁸³.

Nesta citação é possível perceber a posição bem clara de Roquette-Pinto que atribuí a diferenças de desempenho entre a raça branca e os mestiços (mulatos), a educação e as condições sociais e sanitárias. A seu ver, a educação seria um fator de integração social e de minimização das diferenças que existiam na época.

¹⁸³ Edgard Roquette-Pinto. "Notas sobre os typos anthropologicos do Brasil". *Actas e Trabalhos do 1º Congresso Brasileiro de Eugenia*. (Rio de Janeiro: 1929), pp. 119-147.

Destacamos ainda as apresentações realizadas na ata da 5ª Reunião de 5 de julho de 1929. Durante apresentação do Dr. Leonidio Ribeiro intitulada "A idade e o casamento", Roquette-Pinto pediu a palavra e se mostrou surpreso pelo fato de o Código Civil considerar a mesma idade para todos os indivíduos, sem levar em consideração as diferentes idades em que se manifestava a puberdade nos brasileiros.

O Código Civil estabelece condições geraes para o casamento que na sua opinião deve depender de factores individuaes; basta lembrar que uma rapariga de doze annos é mulher na Amazônia e outra de 16 annos é muitas vezes menina no sul do Brasil¹⁸⁴.

Mais uma vez as colocações de Roquette-Pinto provocaram discussão e polêmica opondo-se á visão adotada por alguns eugenistas. Seu conhecimento sobre a realidade do país e sua posição como Presidente do Congresso que possibilitou interferir nas falas dos eugenistas, causou transtornos.

As Atas e Trabalhos do 1º Congresso Brasileiro de Eugenia representam uma importante fonte de pesquisa para o entendimento das posições dos eugenistas brasileiros.

Como vimos, Roquette-Pinto como Presidente do Congresso posicionou-se frente às colocações defendidas pelos oradores, interferindo muitas vezes e defendendo o homem brasileiro, fosse ele branco, negro ou mulato, brasileiro nato ou imigrante, que necessitava de educação e apoio político para poder contribuir para o progresso do país. Sua posição foi marcadamente diferente daquela adotada pela maioria de seus colegas eugenistas, e provavelmente fez com que nunca mais ele fosse convidado para presidir um congresso sobre esse assunto.

¹⁸⁴ Leonidio Ribeiro. "A idade e o casamento". *Actas e trabalhos do 1º Congresso Brasileiro de Eugenia*. (Rio de Janeiro, 1929), p. 33.

4.3.2. OUTRAS OBRAS: *SEIXOS ROLADOS E ENSAIOS DE ANTROPOLOGIA BRASILIANA*

Nas obras *Seixos rolados* e *Ensaio de antropologia brasileira*, Roquette-Pinto preocupou-se particularmente com as condições sociais e educacionais do país. Tendo seu nome relacionado com os primórdios da rádio-difusão no Brasil, fundou em 20 de abril de 1923, a primeira estação de rádio, a Sociedade Rádio do Rio de Janeiro, instituição de caráter basicamente educativo-cultural. Anos depois a doou ao Ministério da Educação e Cultura temendo vê-la transformada em veículo comercial¹⁸⁵.

Em uma de suas obras, em um capítulo intitulado “Leis da eugenia”, criticou a posição preconceituosa de Euclides da Cunha em *Os Sertões*, por este considerar os negros e mulatos como inferiores. Roquette-Pinto assim se expressou:

O problema nacional não é transformar os mestiços do Brasil em gente branca. O nosso problema é a educação dos que ahi se acham, claros ou escuros. Eis ahi a grande illusão de Euclides: considerou inferior, gente que só era atrasada; incapazes, homens que só eram ignorantes¹⁸⁶.

Atualmente alguns autores fazem referência à obra *Seixos Rolados* pelo destaque que o autor deu ao tratar da eugenia. Erroneamente o descrevem e o colocam sob um mesmo patamar ideológico de Miguel Couto, Afrânio Peixoto ou Renato Kehl, não considerando sua distinta posição frente aos assuntos raciais e antropológicos. Pode-se perceber que existe uma base em estudos antropológicos, para sua caracterização do povo brasileiro, no que se refere à ausência de superioridade de uma raça em relação às outras. Como exemplo, podemos mencionar o comentário abaixo que não diferencia a posição de Roquette-Pinto em relação à adotada pela maioria dos participantes do 1º Congresso Brasileiro de Eugenia:

¹⁸⁵ <http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/index.htm> acesso em: 15/10/2009.

¹⁸⁶ Edgard Roquette-Pinto. *Seixos Rolados*. (Mendonça, Machado & C. Rio de Janeiro: 1927), p 63.

[...] no Museu Nacional, Roquette-Pinto produziu em 1927, um livro que continha um longo capítulo sobre as “leis da eugenia” e sua importância antropológica para o Brasil fazendo referência a Seixos Rolados. [...] sobre o 1º Congresso brasileiro de eugenia [...] sob a presidência de Roquette-Pinto, o congresso que durou uma semana [...]¹⁸⁷.

A maneira como está redigida o trecho acima, pode levar o leitor leigo a fazer uma leitura da história da eugenia no Brasil que considera que Roquette-Pinto assim como os demais eugenistas participantes compactuavam de uma mesma idéia, o que não é procedente.

Em *Ensaio de Antropologia Brasileira*, Roquette-Pinto ao tratar da questão da imigração e de cruzamentos entre tipos antropológicos distintos, afirmou:

Considerar *eugenicamente* indesejável o cruzamento dos japoneses com os brasileiros é, mais ou menos, condenar o casamento dos nortistas e meridionais do próprio Brasil. [...] pode haver motivos que desaconselhem a livre recepção de japoneses sadios e educados neste país. Serão motivos de ordem social, política, religiosa, estética,... ou esotérica. Razões eugênicas e antropológicas – *científicas* – não¹⁸⁸.

Na citação acima, é possível perceber a clareza da posição de Roquette-Pinto. A seu ver, não havia nenhum fundamento em termos científicos na época que desaconselhasse à miscigenação. As razões eram de outra natureza (sociais, políticas, religiosas ou esotéricas). Está implícito que se a eugenia fosse considerada como uma ciência não poderia considerar o cruzamento inter-racial como indesejável. Nesse sentido, compreendemos que o ideário eugênico para Roquette-Pinto estava associado a melhorias nas

¹⁸⁷ Nancy Stepan. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina.*; ênfase nossa. p. 37

¹⁸⁸ Edgard Roquette-Pinto. *Ensaio de antropologia brasileira*. (Col. Temas Brasileiros. 3ª ed. Companhia da Editora Nacional. Editora da Universidade de Brasília. São Paulo: 1982).

características hereditárias independente de raça, etnia ou aspecto social. As constantes viagens realizadas pelo interior do país possibilitaram além do reconhecimento das diferenças físicas, culturais e econômicas do Brasil perceber a fragilidade e o descaso do governo frente às condições sanitárias e educacionais do país no período.

A significativa contribuição do pesquisador no 1º Congresso Brasileiro de Eugenia frente às colocações com pouca base científica dos demais congressistas, foi sua consideração e preocupação principalmente no referente a questões educacionais, antropológicas e sociais.

CAPÍTULO 5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa, encontramos algumas dificuldades em relação à nossa principal fonte primária: o *Boletim de Eugenia*, publicado de 1929 a 1933 no Brasil. Reunir todos seus exemplares não foi tarefa fácil. Muitas vezes nos defrontamos com a indicação em bases *on line* de que alguns números do *Boletim de Eugenia* se encontravam em determinada Biblioteca, e quando lá chegávamos esperando ter acesso ao material, este não se encontrava na instituição indicada. Entretanto, felizmente conseguimos reunir todos os números deste periódico.

Desde os contatos iniciais com alguns artigos e as primeiras leituras realizadas em algumas páginas do *Boletim de Eugenia*, antes mesmo de elaborarmos o projeto para esta tese, chamou-nos a atenção o fato de a palavra “ciência” ou a idéia de que a eugenia é uma ciência aparecerem constantemente nos artigos publicados.

Como mencionamos anteriormente, não foi objetivo desta pesquisa analisar se a eugenia é ou não uma ciência ou analisar mais detalhadamente sua fundamentação em termos científicos. Buscamos sim detectar seus principais representantes, o modo pelo qual apresentaram essas idéias, as estratégias utilizadas para que elas se difundissem em nosso país e os setores que as apoiaram.

Compreender como as idéias eugênicas podiam assumir faces diferenciadas, dependendo do modo e local onde eram pronunciadas, também nos trouxe uma série de questionamentos sobre os artigos publicados no *Boletim*, seus objetivos, ou mesmo sobre o posicionamento de seus autores.

Como vimos, o movimento eugênico não ocorreu apenas no Brasil mas no âmbito mundial em meados do século XIX e primeira metade do século XX. Desde a proposta de Galton, este movimento sofreu diversas modificações e o discurso daqueles que o defenderam apresentou muitas particularidades. As preocupações com a formação do povo brasileiro estavam presentes desde a época da colonização, império, chegando até a república. Aos poucos, as

idéias de um melhoramento do povo brasileiro foram ganhando espaço, adeptos nas diversas áreas como a literatura, artes, educação, política e principalmente na área médica, sendo esta consideravelmente a que mais atraiu seguidores.

Na primeira metade do século XX o discurso científico como “vontade de verdade”, esteve presente nas entrelinhas dos artigos publicados no *Boletim*. Na maior parte dos artigos havia um grande esforço por parte de seus autores em caracterizar a eugenia como ciência. Diversos autores procuraram fazer uma ligação entre as idéias eugênicas e os estudos sobre hereditariedade. Na maioria dos casos, não havia essa correspondência. Uma exceção é constituída pelas idéias eugênicas de Octavio Domingues que estavam em grande parte fundamentadas nas evidências obtidas pelos estudos relacionados à teoria mendeliana cromossômica na época.

Dentre os divulgadores e adeptos encontramos Gustavo Barroso, Belizário Penna, Octavio Domingues, Roquette-Pinto, Salvador Toledo Piza, por exemplo. Destacamos aqui, Renato Ferraz Kehl, médico, escritor e diretor do *Boletim de Eugenia*. Nesses autores que publicaram no *Boletim* no período considerado, pudemos detectar diferentes tipos de discurso, embora a maioria deles seguisse o discurso apresentado por Kehl.

Renato Kehl foi um divulgador do movimento, no Brasil e na América Latina não apenas como médico, mas também como escritor e conferencista. Contribuiu para a disseminação das idéias eugênicas através de suas 32 publicações. Utilizou-se do nome de Galton para valorizar aquilo que estava propondo. O discurso de Kehl caracterizou-se pela pretensão de justificar a eugenia a partir dos conhecimentos científicos da época. Entretanto, isso não ocorreu. A maior parte de suas idéias como, por exemplo, a superioridade entre raças estava entremeada pelo preconceito e de acordo com a visão da maior parte dos representantes da elite da época que propunham o branqueamento do povo brasileiro.

A entrevista com a neta de Kehl, Maria Rita Kehl, nos revelou com riqueza de detalhes aspectos importantes sobre a personalidade, atividades profissionais e relações familiares de seu avô. Diversas informações oferecidas por Maria Rita nesta entrevista estão de acordo com o discurso do eugenista que está presente em suas publicações. Por exemplo, a aversão aos negros e miscigenados. Isto

transparece nas recomendações que o avô fazia à neta para que ela não tomasse sol porque iria adquirir uma coloração de pele da qual se envergonharia.

Outro aspecto importante diz respeito à personalidade do médico. Homem de poucos amigos, tinha grande receio de adoecer, medo da própria morte. É muito estranho um médico que tenha essa atitude.

No que se refere às relações entre Kehl e o nazismo, faltam-nos subsídios. O que podemos afirmar é que ele fez uma viagem à Alemanha. No entanto, os indícios revelados na entrevista nos levam a crer que havia pessoas ligadas ao *Reich* interessadas no trabalho de Renato Kehl. Isso é sugerido por duas publicações no idioma alemão que constam do *Boletim de Eugenia*.

Outro ponto importante levantado pela entrevistada diz respeito às afirmações em prol do discurso científico ao qual o eugenista procurava se justificar alegando sempre que a eugenia não só era uma ciência como tinha uma fundamentação na ciência da época. Isso indica que o discurso eugenista, de um modo geral, procurava obter legitimidade enfatizando sua importância por se tratar de uma ciência. Este aspecto tem relação com a valorização dada à ciência na época e com o crédito que se dava a ela.

Gustavo Barroso compartilhava das idéias do amigo Renato Kehl, Suas obras e artigos para o *Boletim* refletiam sua posição preconceituosa diante do negro, mestiço e judeu, considerando-os como inferiores.

Roquette-Pinto cujo nome aparece relacionado aos *Annais do 1º Congresso Brasileiro de Eugenia*, adotou uma posição que se diferenciou daquela da maioria dos congressistas. A visão apresentada em suas publicações se baseava em estudos antropológicos. Como indigenista, ele considerava que não havia uma superioridade de determinadas raças em relação a outras. Admitia que muito daquilo que os outros eugenistas apontavam como fatores de inferioridade entre raças se devia às diferenças relacionadas à educação, condições sanitárias e sociais.

Outro eugenista que apresentou uma postura mais amena foi Octavio Domingues. Ele defendeu que não existe a superioridade de uma raça sobre outra, mas sim que dentro de uma determinada raça podem existir tipos superiores e inferiores. Baseou suas idéias eugênicas em suas investigações de zootecnia e estudos feitos pelos geneticistas mendelianos que propunham

que se evitasse cruzamentos consanguíneos já que a maior parte das doenças hereditárias era recessivas, e podia se manifestar através do endocruzamento.

As discussões em torno da nobreza de uma raça ou da superioridade de uma determinada população a partir de seu nível sócio econômico podem não mais parecerem ser assuntos capazes de intrigar a opinião popular, ou servir como base ideológica a fim de conquistar adeptos. O *Boletim de Eugenia* foi um meio eficaz para o período, quando se pretendia “fazer conhecer” os princípios eugênicos e sua aplicabilidade no contexto específico deste país, fazendo discípulos e simpatizantes da causa frente às precárias condições de saúde e higiene da população.

Analisar nas entrelinhas de cada artigo, rastrear as idéias de seus autores conforme suas publicações e montar um quadro que ora parecia-nos amarrado, ora se desfigurava na quantidade de informações coletadas, nos permitiu não apenas conhecer as idéias dos sujeitos que as escreveram para o *Boletim* mas, sobretudo, identificar os mecanismos que levaram uma sociedade a permitir ser influenciada por um discurso que, na maioria das vezes, apregoava se basear na ciência mas que muitas vezes refletia apenas preconceito de raça e classe social.

Uma aplicação da eugenia aos dias atuais pode se dar de maneira menos invasiva como um aconselhamento genético, por exemplo, mas nada impede que sejam cometidos excessos ou a possibilidade de se desenvolverem políticas discriminatórias, capazes de levar determinados grupos ou sociedades a eliminar outros povos. Exemplos históricos recentes como o Nazismo (Alemanha, 1933), Apartheid (África do Sul, 1948), limpeza étnica (Sérvia, 1992), genocídio contra os Curdos (Iraque, 1988) são bastante esclarecedores. Nesse sentido, podemos perceber que a eugenia ainda é um assunto que merece considerável atenção, sendo que oferece novas possibilidades de pesquisas e reflexões.

BIBLIOGRAFIA

- Adams, Mark B. (ed.). *The wellborn science in Germany, France, Brazil and Russia*. Oxford: Oxford University Press, 1990.
- Alfonso-Goldfarb, Ana Maria. *O que é História da ciência*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- Allen, Garland E.. *Thomas Hunt Morgan: the man and his science*. Princeton: Princeton University Press, 1978.
- Amaral, Azevedo. "Problema eugênico da imigração". *Actas e trabalhos 1º Congresso Brasileiro de Eugenia*, 1929.
- Andery, Maria Amália; Sério, Tereza Maria Pires. "Há uma ordem imutável na natureza e o conhecimento a reflete: Augusto Comte". Pp. p 378-379. In: *Para compreender a Ciência. Uma perspectiva histórica*. Rio de Janeiro: Educ, 2001.
- Anonimous. "Notes. The International Eugenics Congress". *Science* 34 (1911): 483.
- Arendt, Hannah. *Origens do Totalitarismo. Anti-semitismo, Imperialismo, Totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. 5ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. *A condição Humana*. Trad. Roberto Raposo. 10ª ed. São Paulo: Forense Universitária, 2005.
- Barroso, Gustavo. "Brasil e a raça". *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro: Renato Kehl, 1929.
- Bíblia Sagrada*. Trad. Centro Bíblico Católico. 34ª ed. São Paulo: Ed. Ave Maria, 1982.
- Black, Edwin. *A guerra dos fracos*. Trad. Tuca Magalhães. *A guerra contra os fracos. A eugenia e a campanha norte-americana para criar uma raça superior*. São Paulo: Girafa, 2003.
- Bulmer, Michael. *Francis Galton: pioneer of heredity and biometry*. London: Johns Hopkins University Press, 2003.

- Bergo, Antonio Carlos. "Darwinismo social" e educação no Brasil. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1993.
- Boarini, Maria Lúcia. *Higiene e raça como projetos: higienismo e eugenia no Brasil*. Maringá: Eduem, 2003.
- Bulmer, Michael. *Francis Galton. Pioneer of heredity and biometry*. s.l.: Johns Hopkins University Press, 2003.
- Carneiro, J. P. J. P. Porto. *Boletim de Eugenia* (dez. 1932): 2.
- Carneiro, Levi. "Educação e Eugenia". *Actas e trabalhos do 1º Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro, 1929.
- _____. *O anti-semitismo na era Vargas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- Chassot, Attico. *A ciência através dos tempos*. 7ª ed. São Paulo: Moderna, 1997.
- Castañeda, Luzia A. L. A. "Apontamentos historiográficos sobre a fundamentação biológica da eugenia". *Episteme*.3 (5 ,1998):23-48.
- _____. "A. Eugenia e casamento". *História, Ciências, Saúde. Manguinhos*. 10 (3, 2003): 901-930.
- Chauí, Marilena. *Convite à filosofia*. 13ª ed. São Paulo: Ática, 2004.
- Comte, Auguste. Auguste. *Cours de philosophie positive*. Vol. 1. Paris: Herman, 1975.
- Coulanges, Foustel. *A cidade antiga*. Trad. Jonas Camargo Leite e Eduardo Fonseca. Rio de Janeiro: Ediouro, 1961.
- Delfino, Victor. "El siglo médico". *Boletim de Eugenia* 2 (21, set.1930):2.
- Domingues, Octávio. "Saúde, hygiene e eugenia". *Boletim de Eugenia* 2 (18, jun.1930).
- _____. "O meio revela". *Boletim de Eugenia* 2 (16, abr.1930).
- _____. "Limalhas de um eugenista. A educação sob o ponto de vista eugênico". *Boletim de Eugenia* 4 (40,out/dez. 1932).
- Dosse, François. *A história a prova do tempo. Da história em migalhas ao resgate do sentido*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Unesp, 2001.
- Farral, Lindsay A. "The history of eugenics: a bibliographical review". *Annals of Science* 36 (1989): 111-123.
- Foucault, Michel. Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

- _____. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 13ª ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- _____. *Microfísica do poder*. Trad. R. Machado. 22ª ed. São Paulo: Graal, 2006.
- Galton, Francis. "Hereditary talent and character". *Macmillan's Magazine* 12 (1865): 157-166.
- _____. *Natural inheritance*. London: Macmillan & Co, 1889.
- _____. *Memories of my life*. London: Methuen and Co., 1908.
- Godoy, Paulo de. "Eugenia e Educação Física". *Anais do Primeiro Congresso Paulista de Educação Física* (1942).
- Kehl, Renato. Renato. "Instituto Brasileiro de Eugenia". *Boletim de Eugenia* 1 (2, fev./1929).
- _____. "Brazil's sun". *Boletim de Eugenia* 2 (23, nov.1930): 7.
- _____. "Eugenische umfrage". *Boletim de Eugenia* 2 (28, abr./1931):2.
- _____. *Boletim de Eugenia* 3 (28, abr./1931):5-7.
- _____. "A comissão central brasileira de eugenia". *Boletim de Eugenia* 3 (27, mar.1931):1.
- _____. "Scenas deprimentes". *Boletim de Eugenia* 1 (2, fev.1929): 3.
- _____. "Pelo aperfeiçoamento da nacionalidade". *Boletim de Eugenia* 1 (5, mai.1929): 1.
- _____. "Concurso de beleza. Senhorita Brasil". *Boletim de eugenia* 1 (5, mai.1929): 1.
- _____. "Os erros da filantropia: filantropia contra-seletiva". *Boletim de Eugenia* 3 (32, ago.1931): 3.
- _____. "Archivando. A academia nacional e os imigrantes japonezes". *Boletim de Eugenia* 1 (9, fev.1929).
- _____. "O controle da natalidade na Alemanha". *Boletim de Eugenia* 5 (42, abr./jun. 1933).
- _____. " O Instituto de eugenia". *Boletim de Eugenia*. 1 (6-7, jun./jul. 1929)
- _____. "Educação e Eugenia". *Boletim de Eugenia* 1 (9, set. 1929).
- _____. "Emerson o sábio de concord". *Boletim de Eugenia* 2 (17, mai.1930).
- _____. "O ensino da genética nas escolas primárias". *Boletim de Eugenia* 1 (11, nov.1929).

- _____. “Crescei e multiplicai-vos”. *Boletim de Eugenia* 2 (18, jun.1930).
- _____. “Causas da desorganização matrimonial: falhas da educação moderna”. *Boletim de Eugenia* 2 (19, jul.1930).
- _____. “Eugenia e eugenismo”. *Boletim de Eugenia* 1 (8, ago. 1929).
- _____. “A eugenia na pratica individual”. *Boletim de Eugenia* 4 (out-dez. 1932): 80-82.
- _____. “A eugenia”. *Jornal do Comércio*. (19 de abril de 1917): 1-4.
- _____. “A eugenia no Brasil”. *Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro, 1929.
- _____. *Conduta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1934.
- _____. *Catecismo para adultos. Ciência e moral eugênicas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1942.
- _____. *Pais, médicos e mestres*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1939.
- _____. *Lições de Eugenia*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1935.
- _____. *Por que sou eugenista*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1937.
- Kevles, Daniel. J. *In the name of Eugenics. Genetics and the uses of human heredity*. 4th edition. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1995.
- Kobayashi, Elizabete Mayumy. *Eugenia e Fundação Rockefeller no Brasil: a saúde como instrumento de regeneração nacional*. Dissertação de mestrado. Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 2007
- Leão, Valdemar Carneiro. *A crise da imigração japonesa no Brasil (1930-1934)*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 1989.
- Lemos, Maria Alzira Brum. *O doutor e o jagunço: ciência, mestiçagem e cultura em os sertões*. São Paulo: Arte & Ciência, 2000.
- Lima, Nísia Trindade, HOCHMAN, Gilberto. “Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitaria da primeira República”. In: Maio, Marcos Chor, Santos, Ricardo Ventura (orgs.) *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz/ Centro Cultural Banco do Brasil, 1996.
- Mackenzie, Donald. Donald. “Eugenics in Britain”. *Social Studies of Science*, (6,1976): 499-532.

- Marguerite, Victor. "La race et lês mœurs". *Boletim de Eugenia* 3 (25, jan. 1931): 7.
- Martins, Martins, Lilian Al-Chueyr Pereira. *A teoria da progressão dos animais de Lamarck*. Rio de Janeiro: BookLink/FAPESP, 2007.
- Martins, Roberto de Andrade; Martins, Lilian Al-Chueyr Pereira; Toledo, Maria Cristina Ferraz de; Rivera, Renata Ferreira. *Contágio. História da prevenção das doenças transmissíveis*. São Paulo: Editora Moderna, 1997.
- Mendonça, Joseli Nunes. *Cenas da Abolição. Escravos e senhores no parlamento e na justiça*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2001.
- Neiva, Arthur; PENNA, Belisário. "Viajem científica ao norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goyaz". In: *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*. Rio de Janeiro: Manguinhos, 1916.
- Neves, Márcia das. *Nina Rodrigues: as relações entre mestiçagem e eugenia na formação do povo brasileiro*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 2008.
- Nisbet, Robert. *História da idéia de progresso*. Trad. Leopoldo José Collor Jobim. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1985.
- Norte, João. "O Brasil e a raça". *Boletim de Eugenia*. (1929).
- Oda, Ana Maria Galdini Raimundo. *Alienação mental e raça: psicopatologia comparada dos negros e mestiços brasileiros na obra de Raimundo Nina Rodrigues*. Tese de doutorado. Faculdade de Ciências Médicas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 2003.
- Palma, Hector A. "Consideraciones historiográficas, epistemológicas y prácticas acerca de La eugenesia". *Darwinismo social y eugenesia em El mundo latino*. Comp. Marisa Miranda e Gustavo Vallejo. 1ª ed., Buenos Aires: Siglo Veintiuno de Argentina Editores, 2005.
- Platão. *A República*. Coleção os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- Pieroni, Geraldo. *Vadios e ciganos, heréticos e bruxas. Os degredados no Brasil-colônia*. Ed. Bertrand SP. São Paulo: 2000.
- Poliakov, Léon. *O mito Ariano*. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.
- Polizello, Andreza. *Modelos microscópicos de herança no século XIX*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 2009.

- Prado Junior, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. 23ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. *História econômica do Brasil*. 20ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1977.
- Readers, Georges. *O inimigo cordial do Brasil – o Conde de Gobineau no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- Ribeiro, Darcy. *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.
- _____. *O processo civilizatório. Etapas da evolução sociocultural*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2005.
- Ribeiro, Leonidio. “A idade e o casamento”. *Actas e Trabalhos do 1º Congresso Brasileiro de Eugenia* (1929).
- Riedel, Gustavo. “O dispensário psiquiátrico como elemento de educação eugênica”. *Actas e trabalhos do 1º Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro: 1929.
- Rousseau. *A origem da desigualdade entre os homens*. Vol. 7. [Col. Grandes Obras do Pensamento Universal]. São Paulo: Ed. Escala, 2006.
- Rocha, Simone. Simone. “O poder da Linguagem na Era Vargas, o abasileiramento do imigrante”. *Resumo. 6º Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul Celsul* .(2004) 190-191.
- Rodrigues, Raimundo Nina. *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1933.
- _____. *Os africanos no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.
- Roquette-Pinto, Edgard. “Nota sobre os typos anthropologicos do Brasil”. *Actas e Trabalhos do 1º Congresso Brasileiro de Eugenia*. p. 147, Rio de Janeiro:1929.
- _____. *Ensaio de antropologia brasileira*. [Col. Temas Brasileiros]. 3ª ed. Companhia da Editora Nacional. Editora da Universidade de Brasília. São Paulo: 1982.
- _____. *Seixos rolados*. Rio de Janeiro: Mendonça, Machado & C. 1927.
- Salvador, José Gonçalves. *Os magnatas do tráfico negreiro: séculos XVI e XVII*. São Paulo: Pioneira Ed. Da Universidade de São Paulo, 1981.
- Sargentini, V., Barbosa-Navarro, P. M. *Foucault e os domínios da linguagem. Discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004.

- Schraenem, W. "A eugenia como sciencia e como ideal social". *Boletim de Eugenia* 2 (15, mar./ 1930).
- Silva, João Carlos. *O amor por princípio, à ordem por base, o progresso por fim: as propostas do apostolado positivista para a educação brasileira (1870-1930)*. Tese de doutorado da Faculdade de educação, Unicamp, Campinas: 2008.
- Skidmore, Thomas E. Trad. Raul de Sá Barbosa. *Preto no branco. Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- Soares, Mozart Pereira. *O positivismo no Brasil*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: 1998.
- Schwarcz, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Editora Schwarcz, 2000.
- Spencer, Herbert. *Do progresso: sua lei e sua causa*. Trad. Eduardo Salgueiro. (e-books Brasil). Lisboa: Editorial Inquérito, 1939.
- Stepan, Nancy. "Eugenesia, genética y salud pública: el movimiento eugenésico brasileño y mundial". *Quipu* 2 (3, 1985): 351-384.
- _____. "Eugenesia, genética y salud pública: el movimiento eugenésico brasileño y mundial". *Quipu* 2 (3): 351-84, 1985.
- Stefano, Waldir. *Octavio Domingues e a eugenia no Brasil: uma perspectiva mendeliana*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 2001.
- Telles, Antonio de Queiroz. "O problema immigratorio e o futuro do Brasil". *Boletim de Eugenia* 1 (11, nov.1929): 2.
- Voegelin, Eric. *Reflexões autobiográficas*. Rio de Janeiro: E Realizações, 2008.

FONTES ELETRÔNICAS (INTERNET)

Estados Unidos do Brasil 1937. Constituição dos Estados Unidos do Brasil 1937.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao37.htm (acesso em: abr./2009).

Edivaldo. "Higienismo e positivismo no Brasil: unidos e separados nas campanhas sanitárias (1900-1930)". www4.uninove.br/ojs/index.php/dialogia/article/view/839/719 –Góis Junior (acesso em: 06/07/2009).

A rádio e seu fundador. *In*. <http://www.fm94.rj.gov.br/Historico.asp> (acesso em: mai./2009).

Constituição dos Estados Unidos do Brasil 1937. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao37.htm (acesso em: abr./2009).

Cordeiro, Eliezer de Hollanda. "Violência, ideologia eugênica e racismo". *Psychiatry on line Brasil* 9 (12,.2004): <http://www.polbr.med.br/ano04/fran1204.php>. (acesso em 12/01/2010).

Francis Galton. "Eugenics: its definitions, scope and aims", *American Journal of Sociology* 10 (1, 1904). <http://galton.org/eugenicist.html> (acesso em 13/07/2009).

Galton, Francis. "Eugenics: its definition, scope and aims". *Nature* 10 (1, 1904). acessado em: www.galton.org (acesso em 05/07/2009).

Galton, Francis. *Memories of my life*. (London: Methuen, 1908). <http://galton.org/> (acesso em 09/01/2010).

<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=617&sid=213> (acesso em: 01/10/2009).

Mackenzie, Donald. "Eugenics in Britain". *Social Studies of Science*, n.6,1976. pp. 499-532. Disponível em: <http://sss.sagepub.com/content/vol6/issue3-4/> (acesso em: 26/03/2006).

- Santos, Ricardo Augusto dos. *Eugenia, saneamento e educação. O eugenismo de Renato Kehl* (1917-1937). *In*. <http://www.rj.anpuh.org/Anais/2004/Simposios%20Tematicos/Ricardo%20Augusto%20dos%20Santos.doc> (acesso em 10/08/2009).
- Souza Elaine Cristina Ferreira de, “Tráfico de escravos”, Arquivo Nacional. <http://www.historia.colonial.gov.br> (acesso em 21/08/2007);
- Souza, Elaine Cristina Ferreira de, “Tráfico de escravos”, Arquivo Nacional. <http://www.historia.colonial.gov.br>, (acesso em 21/08/2007).
- <http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/index.htm> (acesso em: 15/10/2009).
- Decreto nº 528, de 28/06/1890, de Deodoro da Fonseca, chefe do governo provisório da República. *In* www.legislação.planalto.gov.br (acesso em 20/01/2010).
- “Eugenics: its definition, scope and aims”. *Nature*, 26 may 1904. www.galton.org. Francis (acesso em 05/07/2009).
- <http://e-book-gratuito.blogspot.com/2008/10/os-protocolos-dos-sabios-de-siao.html> (acesso em: 15/10/2009).

ANEXO

A seguir, apresentamos a transcrição da entrevista com Maria Rita Kehl, neta do diretor do *Boletim de Eugenia*, Renato Kehl.

(...)

S.R.¹⁸⁹ Ele teve dois filhos então?

M.R.¹⁹⁰ Dois filhos ... o primeiro morreu quando tinha 14 anos; tava na fazenda com a família teve uma ferida um furúnculo que inflamou infeccionou... mas diz a minha avó também dizia que meu avô era um medico que não gostava da medicina de jeito nenhum e que ele não deu muita bola. Você ta fazendo uma biografia dele ou não?

SR. Não, na verdade eu estou pesquisando sobre o *Boletim de Eugenia*, eu tive contato com boa parte das obras dele então tudo o que esta em torno no contexto é interessante eu estar analisando.

MR. ... E eu não lembro se estava ou não, mas eu me lembro dessa conversa e que ele não deu muita bola. Foi isso, e ele como médico...com o antibiótico ele poderia ter evitado para não chegar no ponto que chegou e é algo meio velado na família. Então ele perdeu um filho com 14 anos e meu pai tinha 10 anos ficou filho único.

SR. Seu pai é vivo ainda?

MR. Não meu pai morreu há dois anos, meu pai seria ótimo... eu tenho 1 irmão que eu vou te dar o telefone, eu tenho 3 irmãos mais um que é mais ligado a essa história da eugenia e o outro que ... eu fiquei com muita coisa que era da minha avó a parte de literatura ela tinha ai alguma coisa de Freud, e lia tudo anotava na margem ... e ele, não sei qual dos meus irmãos esta com todos os livros dele talvez a viúva de

¹⁸⁹ SR – Simone Rocha

¹⁹⁰ MR – Maria Rita Kehl

meu pai. O que eu tenho ... eu não lembro mas... ou a viúva ficou com os livros dele, os que ele escreveu ele tinha muito orgulho deixava numa, ele tinha uma estantezinha só com as obra dele, e ele adorava falar que tinha escrito 32 livros.

SR. E o seu pai, seu pai comentava sobre ele falava muito sobre...

MR. Na verdade nós vivemos praticamente juntos por que quando eu tinha, eu sou a filha mais velha, meu avô morava na praça ... uma casa que já caiu meu pai logo que casou ainda morou um tempinho lá ... quando eu tinha 7 anos meu pai quis comprar uma casa tinha 4 filhos meu avô então vendeu a casa, meu pai comprou uma casa maior com uma segunda casa no quintal e meu avô e minha avó vieram morar conosco então eu convivi com eles dos 7 anos até os 16, uns 10 anos que daí meu pai foi para uma outra casa e comprou um apartamento pra eles. Eu convivi diariamente durante uns 10 anos ...

SR. E como era Renato Kehl ?

MR. Olha Renato Kehl com essa netinha era um amor, era um amor, eu era a única neta dele, ele era gentil comigo quando eu era muito criança eu resolvi inventar uma história escrever um livro e ele me deixava ficar no escritório dele, na máquina de escrever dele e até ele morrer cada vez que eu visitava ele ficava muito comovido, então tinha esse avô que era um amor e tinha o neurótico total com mania de limpeza ele não te cumprimentava se você vinha da rua ele falava “não primeiro lavar a mão” ... e como minha avó não dava muita bola e meu pai não dava muita bola coitado ele era mais um que tinha medo, ele se queixava muito que ninguém ligava pra ele que ninguém dava valor que velho era um lixo mas ele, eu vou contar um pouquinho do que eu sei da história dele. Ele era o primeiro de 10 filhos daquelas famílias antigas, e quando a mãe dele morreu logo o pai dele casou com a irmã de novo então ele teve 4 irmãos de pai e mãe e ele era o mais velho e depois mais 5 irmãos do pai com a tia dele e ele era muito ligado na memória da mãe

que se chamava Rita de Cássia que era... e o pai dele era um farmacêutico ... ele teve um acidente de bicicleta quando criança e tirou uma coisa como um ferro ele ficou com uma voz muito estranha tinha uma voz muito esquisita como se tivesse arrebatado as cordas vocais assim. Ele fez medicina e a tese dele era sobre uma doença de pele rara aqui no Brasil, só que eu não lembro o nome. Ai ele viajou pelo interior do Brasil e ficou horrorizado com a miséria em 1918, ficou horrorizado com as doenças, a miséria, verminose e... ele tinha horror a doença ele não conseguiu clinicar ... ele não chegou a ter consultório desde muito criança ele já era diretor aposentado da Bayer do Brasil, da farmacêutica Bayer e tinha poucos... e que eu saiba o eugenismo dele tinha duas espécies. Outras pessoas me dizem... ele escreveu o mais importante crítico literário tem noventa e poucos anos socialista e ele me falou que seu avô ele reconheceu por que o pai dele era médico e o pai dele conhecia meu avô e ele adolescente ... nessa época década de 30 20, tinha alguns médicos muito interessados na coisa da higiene em melhorar a saúde pública do Brasil por que era um horror; então tinha o pai da minha avó o Belizário Pena que era muito mais interessante que não tinhatambém era um cara interessado em saúde pública em percorrer o interior do Brasil doença de Chagas só que meu avô por outro lado achava que geneticamente você e é digamos você deve entender melhor do que eu ... Tinha um lado que era progressista se não tivesse acontecido o que aconteceu na Europa ia demorar pra cair a ficha de... meu avô tinha livros sobre o melhoramento da raça ... como escolher uma boa esposa e ele usar critérios eugênicos e como escolher um bom marido; então tem um lado... vestígio da ciência no século XX seria uma, digamos uma perspectiva neutra só científica. Agora evidentemente ele foi 2 vezes para a Europa teve contato com alguém já do governo Hitler ... ele dizia pra nós “eu fui por causa da Bayer” mas não quis envolvimento político ... ele foi contra a imigração japonesa ... era político, mas ele achava que era ciência era como ele justificava, agora ele era anti semita não do tipo não falo com você mas do tipo não me misturo com tua raça, ele era racista, ele nunca maltratou nem judiou de ninguém ... mas há algo que eu lembro que quando nós

voltávamos de férias morenos, e ele branco ficava em SP, dizia “você deviam ter vergonha “ ... ele não maltratava nem humilhava não virava as costas para um negro mas pra ele acho que era muito claro, eu era criança nessa época e isso era meio folclórico.

SR. A respeito dessas duas viagens as duas foram para a Alemanha?

MR. As duas foram para a Alemanha, por causa da Bayer, mas ...

SR. Ele comentou algo a respeito se ele foi convidado

MR. Isso minha duvida ficou pairando, ele disse que ele não quis, que alguém do governo Hitler na segunda Guerra procurou ele e ele não quis, isso era uma conversa eu tinha uns 10 anos, então para uma tese não é seguro...

SR. Sim

MR. Mas talvez você encontre no jornal dele na *Gazeta*, talvez você encontre alguma coisa é mais seguro que o depoimento de uma neta que na vida familiar escutou coisas que se misturaram como meu pai morreu e não tínhamos tios não tem mais ninguém da família de meu pai que eu possa consultar... Das quatro irmãs e três irmãos os outros 3 que morreram parece que um morreu criança ... e havia uma coisa muito estranha ... esse que morreu neném depois a família botou o mesmo nome no outro...

SR. A respeito das amizades não sei se você tem conhecimento com o Monteiro Lobato

MR. Ele se correspondia. A Elza a viúva de meu pai talvez tenha alguma coisa na casa dela. Meu avô era muito, quando eu era criança e quando nós moramos na mesma casa, ele era muito isolado... ele tinha um amigo que se chamava Antonio Carlos ele era mais jovem, tipo um fã,

que o visitava toda semana e o irmão que morava em SP que visitava... e a irmã Olga que adorava, eram três irmãs solteiras... então ele tinha irmãos que moravam em SP tinha irmãos no interior e eu não lembro de amigos ... já a partir de 1960...

SR. Ele criou o Comitê Central Brasileiro de Eugenia ao qual sua avó participou como secretária o pai da sua avó seu bisavô Belizário Pena era presidente também desse comitê.

MR. Pelo que eu sei do Belizário... ele não iria tão longe quanto meu avô ...

SR. Ele foi mais ligado a corrente sanitarista do que ...

MR. É, é, eu tenho um livro dele do Belizário, que se chama viagem pelo interior do Brasil, eu não li inteiro eu penso em um dia ler ... eu penso em um dia escrever alguma coisa sobre minha avó uma figura muito interessante.

SR. A respeito do Renato Kehl, sobre a Eugenia aqui no Brasil teve alguma relação com alguém aqui de dentro ou ele construiu toda a sua, vamos dizer assim, sua formação de eugenia com alguns autores de outros movimentos? Algo que analisando o material eu fiquei bem surpresa eu não consegui ter muitas respostas quanto ao fim do *Boletim*; a primeira publicação foi em 1929 e foi até 1933.

MR. Eu to chutando mas em 1933 ele ficou assustado... e a relevância com o regime nazista; ele recuou mas é algo a se investigar...política ele não quis contato com ninguém de lá do Reich ...

SR. Em um dos livros dele *Lições de Eugenia*, ele faz referencia ao Hitler, da política eugenista

MR. Ele tinha admiração mas ele não queria.

SR. Se envolver quem sabe?

- MR. Meu avô era um homem que se poupava de tudo... e ele se aposentou da Bayer e ficava em casa... tinha uma coisa nele que era doente
- SR. De não se envolver com as pessoas, se achava superior ou alguma aversão?
- MR. Não, ele tinha medo da morte... não dava as mãos para as pessoas, ele era médico afinal de contas mas se um neto ficava doente ele não queria olhar. Ele tinha um medo louco da morte. Ele perdeu um filho e pelo que minha avó dizia ele não deu a menor bola não arregaçou as mangas ...ele fez duas viagens para a Europa quando era muito moço; em 60 quando ele foi morar conosco eu não lembro de meu avô ter feito alguma viagem, tinha a aposentadoria, meu pai tinha comprado a casa. Uma vez meu pai foi ao Rio e meu pai levou meu avô e minha avó; minha avó tinha muitos parentes no Rio ... ele não tomava sol mesmo usando sempre manga de camisa ele teve uma doença de pele horrível que tinha que ter banho em águas de Lindóia, não sarava... Meu avô jamais iria se meter com política não era nem por política nem por ideologia nem nada “eu não quero encrenca, eu não quero critica”, embora ele tenha ficado comprometido pelo menos ideologicamente com a postura dele. Eu não lembro do meu avô tendo a projeção que ele tinha, sendo convidado para dar conferência, aula inaugural...
- SR. ...tudo o que esta ao redor é interessante para entender as idéias. Falando em relação com a morte do filho e até em relação a própria família e aos casamentos entre parentes o pai dele que casou ...
- MR. Casou com a nora, mas do lado de minha avó isso era muito comum. Cada casa tem 5 filhos, tem 5 filhos pra criar, claro tem que ter o mínimo de atração ...claro não é casamento incestuoso era legal.
- SR. E você lembra dele ter comentado algo referente a formação da família ou dos discursos dele em casa você lembra algo nesse sentido

MR. Ele idolatrava o pai dele... o meu avô era filho de alemão

SR. Quanto a vida profissional dele ele era farmacêutico

MR. Não ele não tinha a formação de farmacêutico trabalhou na parte administrativa da Bayer... quando a gente era criança tinha uma cartilha higienista para criança que meu pai tinha ilustrado, meu pai com dois, três anos, e era muito convincente; ah quando acordar abrir a janela respira profundamente. Isso era uma coisa útil para o Brasil, respirar ar puro lavar as mãos antes de comer, era uma coisa higienista, essa cartilha era uma coisa não para os netos dele, premeditado, ferver a água quando não tiver água filtrada coisas que a gente faz; mas era uma coisa que podia ter utilidade até hoje.

SR. A respeito do Nazismo você não lembra de comentários depois da Segunda Guerra, ele fez algum comentário, alguma coisa nesse sentido positivo ou negativo?

MR. ...

SR. Gustavo Barroso, ele teve alguma ligação,

M.R. ... até a pouco eu nem sabia quem era... já com Monteiro Lobato eu sabia, eu lia os livros dele na minha infância então era uma figura que existia. Depois eu já sai de casa...